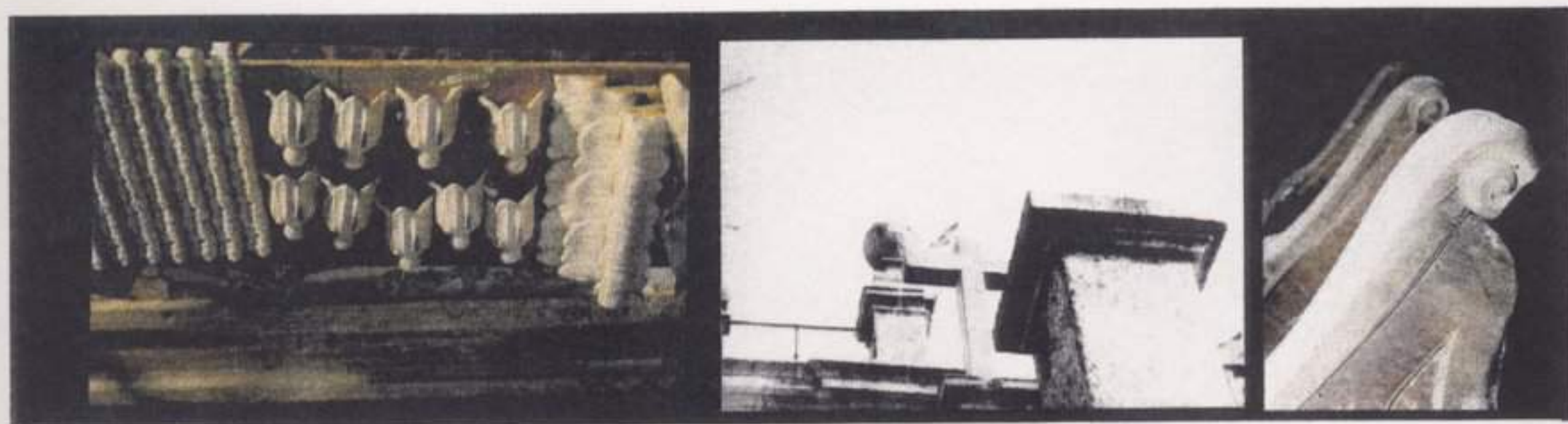


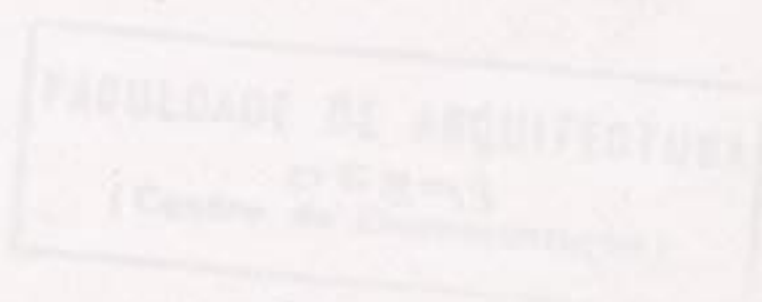
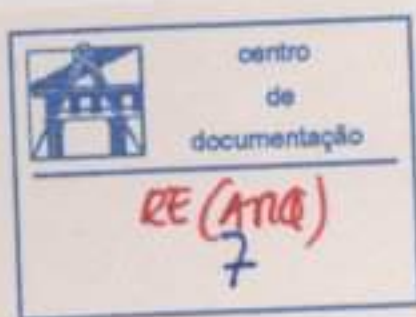
REABILITAÇÃO E RESTAURO DO PATRIMÓNIO

DIRECÇÃO GERAL DE EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS



ANA MARTA CLEMENTE

Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa



Re(Arca)-7



FACULDADE DE ARQUITECTURA
BIBLIOTECA



0990011972

FACULDADE DE ARQUITECTURA
05307
(Centro de Documentação)

ÍNDICE

REDA

pag. 1

Introdução

pag. 2

- Considerações Gerais e Objectivos
Arquitectónicos

- Os serviços do DGEAM

pag. 4

- Serviço do DREMAN

- Serviço do DREMAN-Nova, Porto

- Relatório de Acompanhamento de Obra - Igreja de São José das Taipas, Porto

- O edifício

- Resumo da História do Edifício

pag. 7

- Descrição Física e Formal do Edifício

pag. 7

- A Intervenção Actual

pag. 8

- O dia-a-dia da obra

pag. 9

- Conclusão

pag. 10

- Análise da Situação de Conservação e Proposta de Soluções - Igreja de São João Novo, Porto

- O edifício

- Resumo da evolução histórica do lugar

pag. 18

- Contexto religioso da construção

pag. 19

- Inquadramento estróico

pag. 20

- A intervenção urbana

pag. 21

- Planos de representação da cidade do Porto

pag. 22

- Documentos históricos

pag. 23

- Cronologia da construção do edifício e de intervenções posteriores

pag. 24

- Descrição Física e Formal do edifício

pag. 25

- Análise da Situação Actual de Conservação e Proposta de Soluções

- Estado do pavimento

pag. 28

- Estado de paredes e revestimentos

pag. 29

- Estado dos tetos

pag. 31

- Estado da cobertura

pag. 32

- Estado da fachada

pag. 33

- Estado dos elementos acessórios

pag. 34

- Estado da instalação eléctrica

pag. 35

- Conclusão

pag. 36

- Proposta de Habilitação da Capela de São João Novo, Porto

- O edifício

- Resumo histórico

pag. 37

- Descrição Física e Formal do edifício

pag. 38

- Estado actual de conservação

pag. 40

- Proposta de intervenção

- Intervenção arquitectónica

pag. 43

- Intervenção decorativa

pag. 46

- O exterior do Capela de São João

pag. 48

- O interior - espaço de culto

pag. 49

- Conclusão

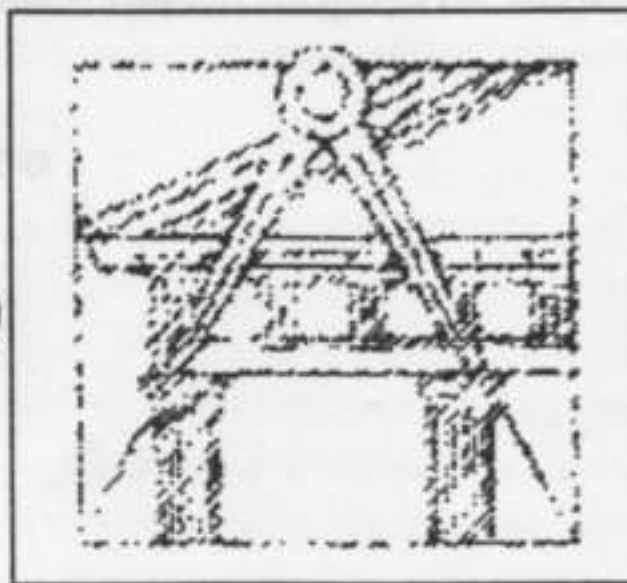
- Conclusão do Relatório de Estágio

pag. 50

- Anexos fotográficos

RELATÓRIO

D



E

ESTÁGIO

FEVEREIRO / AGOSTO

1 9 / 9 8

ÍNDICE

Índice

Pág.2

Introdução

- Considerações Gerais e Objectivos
- Metodologia

Pag.3

- Os serviços da DGEMN

pag.4

- Serviços da DREMN,

- Serviços da DREMN-Norte, Porto

- Relatório de Acompanhamento de Obra – Igreja de São José das Taipas, Porto

-O Edifício

- Resumo da História do Edifício

pag. 7

- Descrição Física e Formal do Edifício

pag. 7

- A intervenção actual

pag. 8

- O dia-a-dia da obra

pag.9

- Conclusão

pag.10

- Análise do Estado de Conservação e Proposta de Restauro – Igreja de São João Novo, Porto

- O Edifício

- Resumo da evolução histórica do lugar

pag.18

- Contexto religioso da construção

pag.19

- Enquadramento estético

pag.20

- A envolvente urbana.

pag.21

- Platas de representação da cidade do Porto

pag.22

- Documentos históricos

pag.23

- Cronologia da construção do edifício e de intervenções posteriores

pag.24

- Descrição Física e Formal do edifício

pag.25

- Análise do Estado Actual de Conservação e Proposta de Soluções

- Estado do pavimento

pag.28

- Estado de paredes e revestimentos

pag.29

- Estado dos tectos

pag.31

- Estado da cobertura

pag.32

- Estado da Fachada

pag.33

- Estado dos elementos decorativos

pag.34

- Estado da Instalação Eléctrica

pag.35

-Conclusão

pag.36

- Proposta de Reabilitação da Casa Paroquial e Anexos da Igreja de São João Novo, Porto

-O Edifício

- Resumo histórico

pag.37

- Descrição física e formal do edifício

pag.38

- Estado actual de conservação

pag.40

- Proposta de intervenção

- Memória justificativa

pag.45

- Memória descritiva

pag.46

- O Exemplo da Cadeia do Aljube.

pag.48

- O projecto – peças desenhadas

pag.49

- Conclusão

pag.49

- Conclusão do Trabalho de Estágio

pag.50

- Referências Bibliográficas

Prólogo

O relatório que aqui se apresenta é resultado de uma experiência profissional de seis meses, nos serviços da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais- Direcção Regional do Norte, Porto.

A opção de um estágio neste serviços é a resposta ao desejo de aprofundar conhecimentos e experiência numa área de intervenção da arquitectura que me interessa particularmente.

As questões arquitectónicas relacionadas com a conservação e preservação de património contruído, são de grande complexidade e representam desafios, para os quais um profissional interveniente deve estar preparado, com bases solidificadas na maturação das suas ideias sobre o que é património nos nossos dias, qual o seu estatuto nas nossas cidades e aldeias, e em que teorias se fundamentam as intervenções actuais.

Foi com este propósito que me propus realizar o estágio num meio profissional em que, a experiência e o conhecimento acumulado de anos de trabalho na área da preservação arquitectónica, me pudesse proporcionar o melhor acompanhamento técnico.

Da integração em diversas equipas de trabalho, com diversas maneiras de agir em pensar cada pormenor, resultou um crescimento efectivo, quer ao nível profissional, quer ao nível pessoal.

O objectivo primeiro deste estágio foi clarificar as minhas noções da realidade desta área de trabalho, e adquirir uma base sólida que me permita decidir, de uma forma esclarecida, uma futura especialização profissional.

Como há grande diversidade de termos utilizados na designação de cada tipo de intervenção nesta área, e pela facilidade com que são confundidos por serem de difícil distinção, achei por bem apresentar desde já algumas das definições dos termos utilizados ao longo do relatório, na abordagem dos diferentes trabalhos.

“Preservação”- Termo que se relaciona com todos os actos de preservação do património, incluindo o restauro ou recuperação, estabilização, manutenção ou conservação e reabilitação.

“Restauro” ou “Recuperação”- Processos de restituir ao edifício a sua integridade material, em situações em que a sua identidade e os seus valores de documento histórico e cultural ainda se mantêm, mas estão em risco de se perderem.

“Estabilização”- Processo de recuperação da estabilidade estrutural de um edifício, enquanto mantêm a sua forma essencial, através da aplicação de medidas que evitem que esta se perca.

“Manutenção” ou “Conservação”- São termos genéricos para os processos de limpeza, fiscalização do estado de conservação, pequenas intervenções de reparação, etc. , em situações em que o edifício mantêm as suas qualidades e valores físicos e histórico-culturais. Estes processos têm o intuito de evitar que estas se degradem e percam, ou exijam acções mais profundas.

“Reabilitação”- Processo de intervenção em edifícios que tenham já perdido a sua integridade como espaço vivído e útil à sociedade, com o objectivo de lhes voltar a proporcionar uma função, adequada ao seu espaço e às necessidades actuais.

Introdução

Considerações Gerais e Objectivos

A apresentação deste relatório baseia-se nos resultados e conclusões do trabalho feito durante o estágio, segundo a ordem por que foram realizados e conseqüente grau de profundidade e exigência.

Apesar dos tempos de realização de cada uma das fases do trabalho se terem sobreposto, a suas diferentes naturezas conduziram a diferentes tempos de execução em cada fase da metodologia seguida.

Procurou-se que nestes trabalhos fossem abrangidas diversas áreas de intervenção, e diversas fases de um projecto, num processo de análise, concepção e obra, uma vez que o curto período do estágio não possibilita o acompanhamento de todas as fases de um só edifício.

Assim o relatório é constituído por quatro partes, correspondentes às fases e trabalhos do estágio:

- Contacto com os serviços, com a sua história, o seu funcionamento, e com as suas políticas de intervenção e actuação. No intuito de me possibilitar uma base de movimento e relacionamento interno, indispensável a uma integração adequada no meio profissional e à contextualização do trabalho a efectuar.
- Acompanhamento de uma obra de recuperação, cujo o projecto estava já elaborado. Procurou-se que depois de estudado o projecto, houvesse contacto com a sua realização em obra, uma observação crítica e a discussão das questões técnicas e teóricas da intervenção.
- Análise do estado de conservação de um edifício, com o objectivo de realizar um trabalho de diagnóstico, complementado com a detecção das causas e com propostas de soluções técnicas para cada patologia encontrada. Esta fase faz parte da metodologia de qualquer processo de intervenção no património, e permitirá o estudo e pesquisa de técnicas de restauro dos diversos elementos.
- Proposta de reabilitação de um edifício, em que há um projecto a realizar, com um programa definido e com uma pré-existência que definirá as fronteiras do exercício da concepção, num jogo permanente entre as teorias de intervenção, a prática de projecto e o desejo de alcançar um resultado querente e bem fundamentado.

Todos os trabalhos se integram no programa da DREMN, tendo sido realizados com a meta da realização efectiva dos projectos e da necessidade de cada um deles para os serviços.

Metodologias

A metodologia a seguir depende da natureza de cada trabalho, embora haja procedimentos que devem estar presentes em todos os processos de intervenção no património e que fazem parte da lógica de qualquer trabalho fundamentado e querente. A primeira será o procurar conhecer o mais profundamente possível o edifício objecto de intervenção, conhecimento esse que passa pelo contacto directo com o seu espaço, com a sua vivência, e pela pesquisa documental da sua história e do seu contexto socio-cultural e espacial.

A procura de dados que me aproximassem do edifício e fundamentassem a autenticidade cultural, histórica, artística, arquitectónica ou social de cada objecto, e a conseqüente validação da intervenção, foi efectuada no Arquivo Histórico do Porto, que reúne grande parte da documentação escrita e desenhada relativa aos monumentos do distrito. Recorri igualmente à informação disponível da DREMN, quer técnica quer de levantamentos gráficos dos edifícios (levantamentos esses que ajudei a completar).

Na análise "in loco" foram feitos registos em fotografia e por escrito, nos "cadernos de obra", para os quais foram depois estudadas soluções técnicas e revistos os resultados, em discussão com outros profissionais, para eventual ajustamento ou decisão por nova solução.

Durante todo o processo o constante debate de ideias permitiu uma organização lógica e completa da metodologia de actuação, na evolução e desenvolvimento de cada projecto.

Conceição Clemente

Os Serviços da DGEMN

Serviços de Inventário, Arquivo e Divulgação, Lisboa

O primeiro contacto com a DGEMN foi nos serviços centrais, onde pude conhecer a estrutura base da instituição, a sua história e evolução, os serviços de arquivo de documentação e os serviços de divulgação da sua actividade.

A existência destes serviços data de 1928, tendo passado por diversas alterações, acompanhando a evolução histórica-política do país, acumulando experiência e conhecimentos que permitem hoje, uma intervenção sólida e eficaz no contexto do nosso país, no património construído.

Foi de grande valor, quer como arquitecta quer como cidadã, ter podido observar documentos de tanto valor como os desenhos originais do Terreiro do Paço, ou os processos de obras de 1932, em que o orçamento para recuperação da cobertura da igreja de S. Pedro de Rates era de 208\$37 por m², ou os Boletins da DGEMN editados nos anos 30/40 para registo e divulgação da campanha de recuperação e restauro que se fez por todo o país, que são um impressionante testemunho de uma época em que havia real vontade política de investir no património, independentemente de concordarmos ou não com os critérios e métodos utilizados naquela altura.

Nos serviços de Inventário do Património Arquitectónico tive oportunidade de participar na elaboração da ficha de IPA e no processo de pedido de classificação dos Armazéns Abel Pereira da Fonseca em Lisboa. As fichas de IPA são registos sintéticos da história, evolução e caracterização de todos os edifícios classificados ou em processo de classificação e são a base do inventário que estes serviços puseram à disposição do público na internet.

O conhecimento das questões burocráticas e técnicas que estão na base de qualquer intervenção no património arquitectónico, de todo o trabalho desenvolvido por equipas de profissionais de diversas áreas e da legislação por que se regem todos estes processos foram extremamente importantes para um conhecimento efectivo da realidade da recuperação arquitectónica no nosso país, das suas possibilidades, exigências e condicionantes.

Tive nestes dias a possibilidade de contactar de perto com uma equipa de profissionais de diversas áreas que estão a desenvolver um importante trabalho, que representa uma mais valia para o conhecimento do nosso património e um incentivo para que seja mais respeitado, quer pelo comum do cidadão quer pelos técnicos e políticos directamente envolvidos na sua preservação.

Os Serviços da DREMN – norte, Porto

O primeiro mês foi dedicado à familiarização com as pessoas, as obras e os métodos, a cidade, os sítios e as instituições que directamente necessitei de contactar para desenvolver o trabalho.

A par da investigação necessária para os trabalhos a desenvolver, acompanhei equipas técnicas às visitas de diversas obras em curso por toda a região norte, onde tive oportunidade de observar e apreender técnicas, e de conhecer e discutir métodos e políticas seguidas em cada projecto.



Terreiro do Paço
Lisboa



Exemplo de uma ficha de IPA.



Armazéns Abel Pereira
da Fonseca, Lisboa.

O contacto com a realidade da obra e com as limitações próprias de cada caso, as exigências de um processo que envolve várias pessoas e vários modos de pensar, fez-me tomar consciência de que efectivamente o papel do arquitecto é acima de tudo o de elo de ligação entre as partes envolvidas, tendo a responsabilidade de arranjar soluções para resolver os problemas que vão surgindo sem que a qualidade e a querência do projecto se percam.

Esta tarefa torna-se ainda mais complicada quando, como no caso destas obras, se trata de intervir em edifícios com valor reconhecido, quer formal quer sobretudo sentimental e simbólico. Nestes casos pessoas e instituições sentem-se no direito e obrigação de reenviudar direitos e dar opiniões sobre um espaço que tomam como seu.

Entre estas visitas contam-se:

-Igreja de São Pedro de Rates, onde estão a ser feitas escavações arqueológicas e brevemente começarão obras de arranjo exterior. Esta visita teve como intuito uma primeira análise do estado de conservação do edifício e um primeiro levantamento dos pontos mais críticos. A verificação de quais as patologias a tratar, do grau de incidência e da sua localização precisa, bem como das causas do seu aparecimento, são a base do processo que culmina na elaboração da proposta de preservação e consequente projecto de restauro.

Igreja e Mosteiro da Serra do Pilar, Vila Nova de Gaia, onde estão a decorrer obras na cobertura. Observação das técnicas de aplicação de chapas de cobre em zonas não cobertas por telha, com o sistema "camarinha", e da procura das soluções para cada pormenor por parte da arquitecta, dos engenheiros civis e do técnico fornecedor do material.

-Igreja de São Gonçalo, Amarante. Obras de restauro da cobertura, do claustro e da sala de entrada do mosteiro. Os tipos de granito existentes, quais os mais adequados a cada situação e o modo como podem ser aplicados em obra para colmatar falhas do granito original, foram o principal tema de discussão nesta visita, a propósito da substituição de uns degraus.

-Igreja de Santo Cristo do Outeiro, Bragança. Obras de pavimentação e arranjos exteriores do pátio envolvente. Recuperação do muro circundante e sistema de drenagem de águas pluviais através de lages de granito perfuradas, que escouam para caixas de recepção ligadas à rede pública, dando continuidade ao lageado existente.

-Igreja de São Facundo, Vinhais. Obras gerais de recuperação. Trata-se de uma pequena igreja no centro do cemitério da vila, de nave única. A cobertura foi toda refeita, aproveitando os madeiramentos que existiam em eucalipto. Foi forrada com madeiramento de pinho com a técnica de "espinha". Como a estrutura apresenta asnas muito distânciadas e a comiera relativamente fina, foi reforçada com duas "tesouras" a partir dos pendurais. A alvenaria é de pedra miúda pelo que está preparada para ser rebucada. O rebouco foi feito segundo a técnica tradicional, com argamassa de cal e areia, variando as quantidades segundo as texturas e tonalidades pretendidas. No embasamento o revestimento foi feito com uma argamassa mais forte, com saibro, para que fosse mais resistente ao embate da água que cai dos beirados. A nave da igreja foi repavimentada com soalho de carvalho francês assente numa estrutura de perfis de aço e barrotes transversais de pinho, sobre uma caixa de ar.



Igreja de S. Pedro de Rates, Rates



Igreja e Mosteiro da Serra do Pilar, V.N.Gaia



Igreja de S. Facundo, Vinhais. Portal de entrada e aspecto do interior da nave.

Colocaram-se respiradores ao longo das paredes para que ficasse garantida a circulação de ar, um dos principais factores para que a humidade não deteore a madeira, rebocos e a própria pedra. As vergas de madeira das portas foram reforçadas com perfis de aço pintados de cinza escuro e as portas pintadas com tinta de óleo de cor bordeaux. Chegou-se à conclusão que estavam excessivamente brilhantes. O coro foi igualmente reconstruído, sobre uma viga de madeira original de carvalho português e barrotes de pinho novos, escurecidos. As escadas que lhe dão acesso foram desenhadas de novo, tendo sido utilizados os mesmos materiais do resto da intervenção (o aço e a madeira), mas foram mal calculadas no que diz respeito à proporção dos degraus. Na caição mistura-se saibro à cal para adquirir uma textura mais espessa e misturam-se pigmentos como o óxido de ferro para a coloração. Todos os dados que descrevi foram-me fornecidos numa conversa, na obra, com o pedreiro responsável pela obra.

-Castelo de Porto-de-Mós. Obras de conservação das paredes e coberturas e de reabilitação para centro cultural. À estrutura medieval do castelo foram , ao longo da sua história acrescentadas torres pontiagudas, varandas "manuelinas", etc. Actualmente o projecto em curso pretende reabilitar o que existe como partes de uma vivência própria ao longo dos tempos, procurando resolver os problemas que afectam a estrutura , para ser possível restituir àquele espaço a dignidade de uma vivência. O principal problema a resolver é o das infiltrações, tanto nos espaços cobertos como nas próprias muralhas, pelo que estão a ser revestidos os terraços com placas de ardósia e rematadas as muralhas nos espaços abertos e mais vulneráveis, sendo depois recolocadas as pedras de topo também rematadas com argamassa. As paredes estão a ser reforçadas com uma técnica de micro- injeção de argamassa de areia, cal e uma percentagem muito baixa de cimento, para preenchimento de fissuras internas e profundas. Numa das salas foi descoberto um fosso que seria provavelmente uma despensa, que ficará à vista através de um quadrado de vidro temperado, assente numa moldura de latão, com grelha de ventilação para evitar a condensação e iluminação interior. No piso térreo estão a ser reconstruídas as abóbadas de tijolo burro, pela técnica tradicional, assentes em arcos também em tijolo. As escadas e galerias de circulação serão em perfis de aço e rede perfurada pintadas de cinza escuro. As portas e janelas foram desenhadas uma por uma , uma vez que são todas diferentes, sendo os caixilhos aplicados de modo a não abrir roços nas pedras das umbreiras, ficando aberto o espaço que resultar das irregularidades próprias da pedra (nunca ultrapassa 0,5cm).

-Castelo de Leiria. Obras de reabilitação da torre de menagem para espaço de exposições. Consolidação das muralhas, recuperação das coberturas e instalação de uma estrutura acoplada às paredes primitivas, para suporte das plataformas em que foi dividida a torre. A estrutura é feita em perfis de aço aparafusados à pedra, e os pavimentos são em soalho. Este tipo de estrutura permite distinguir perfeitamente o que é novo e o que é anterior tendo por outro lado a possibilidade de ser removida, se no futuro as prespectivas forem outras, sem ter destruído a essência daquele espaço. E a imagem clara de algo que se "encaixa" numa estrutura anterior, vivendo cada uma delas com a sua identidade própria.



Castelo de Porto de Mós.



Igreja de Castelo Mendo, de que foram feitas as digitalizações do levantamento existente na DREMN.

Relatório de Acompanhamento de Obra – Igreja de São José das Taipas

Resumo da evolução Histórica do Edifício

A igreja começou a ser contruída em 1795, pelo engenheiro Carlos Amarante, tendo ficado concluída em 1878. Sobre a sua história há muito pouco escrito e documentado.

A sua classificação data de 1982, como Imóvel de Interesse Público pelo Dec. nº28/82,DR47 de 26 de fevereiro, tendo sido realizada uma só intervenção em 1995 de valorização do pavimento da nave e capela-mor sob alçada da DREMN.

Outras intervenções pontuais terão sido realizadas por iniciativa das pessoas responsáveis pela igreja, para adaptar os espaços à utilização pretendida, que nem sempre representaram melhorias para o edifício como é o caso dos acrescentos à sacristia demolidos na actual intervenção. A igreja nunca deixou de estar aberta ao culto religioso.

Descrição física e formal

Igreja clássica do final do séc. XIX, com planta de uma só nave e capela mor-rectangular, cobertura de duas águas e de volumes distintos, torre sineira com cobertura em pirâmide forrada de ajulejos. A sul acopulam-se a sacristia e pátio lageado. Na sacristia a cobertura é de duas águas com um imponente lanternim..

A fachada da igreja voltada a poente, é dividida em três níveis demarcados por frisos salientes. No primeiro nível e ao eixo do corpo da igreja encontra-se o portal de verga recta, incorporado num arco de volta perfeita e encimado por um medalhão. O portal é ladeado por duas pilastras com embasamento de granito e sem capitél. A norte adossa-se a torre sineira que a este nível tem uma porta também de verga recta encimada por uma janela de verga curva e envidraçada. Ainda neste nível encontra-se um janelão de verga curva com envidraçado disposto na diagonal.

No segundo nível desenha-se sobre o portal um janelão de verga recta com caixilho em arco de volta perfeita e envidraçado iguamente na diagonal. A este nível na torre sineira abre-se um vão rectangular rematado superior e inferiormente com frisos.

O frontão triangular remata a fachada formando um nível distinto. Ao centro um óculo decorado com grinaldas em baixo relevo, nos extremos laterais dois pináculos e no topo a cruz em pedra. Neste nível a torre sineira tem o vão de verga em arco que abriga o sino. É rematada por um friso particularmente saliente com pináculos nos extremos. A cobertura forma uma pirâmide em pedra forrada por ajulejos azuis e brancos do princípio do sec.xx, que foram também o segundo nível da torre.

No interior a nave única é rematada por uma abóbada de berço cingida por 10 arcos torais em granito. O coro assenta num arco abatido também em granito e o órgão eleva-se do lado esquerdo. Os altares laterais são ligeiramente recuados mas não formam capelas. O pavimento é contituido por taburnos de granito e madeira.

Igualmente classificadas estão os retábulos com pinturas e esculturas de entre as quais se destaca um quadro ilustrando a catástrofe da Ponte das Barcas, uma pintura da escola alemã de apreciável valor representando Nossa Senhora da Divina Providência.

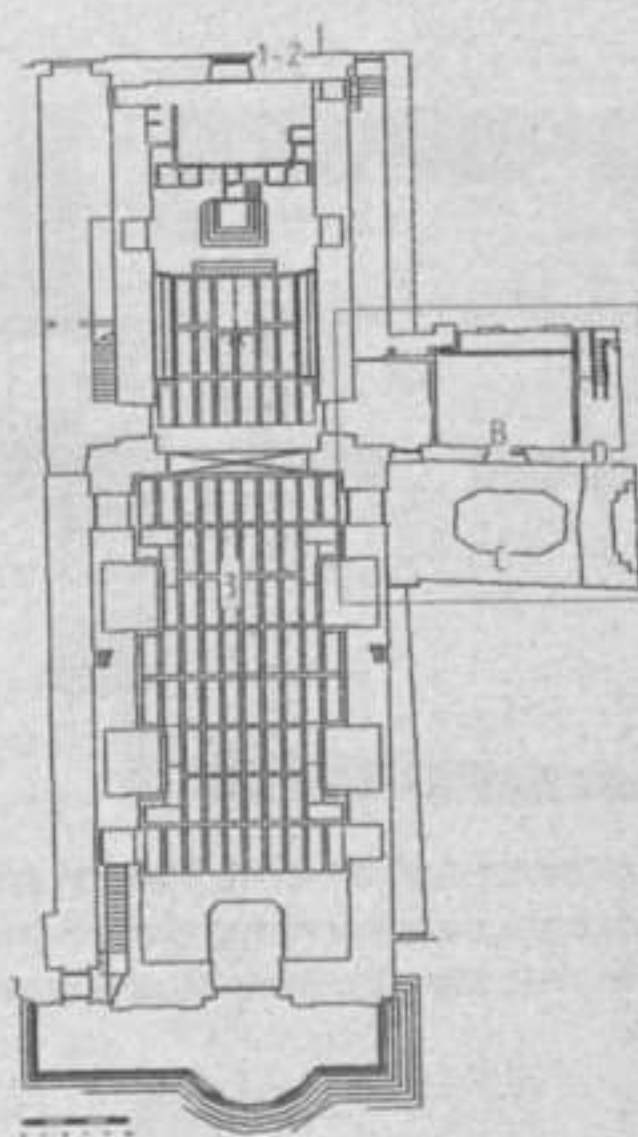


Aspecto do frontespício, a nascente.



Aspecto da nave da igreja

Planta baixa da igreja(A), do pátio(B), da sacristia(C) e dos anexos(D). Estão assinaladas as zona de intervenção, na zona do pátio e da igreja.



A Intervenção actual

A obra de que fiz acompanhamento restringiu-se à sacristia, ao pátio anexo à igreja, a uns anexos, ao levantamento do revestimento de madeira do pavimento da nave da igreja, para voltar a ficar à vista o pavimento original, constituído por taburnos de madeira assentes em molduras de granito, e ao restauro da fachada das traseiras.

O pátio estava praticamente todo ocupado com um avançado, que formava um corredor de saída da sacristia para a igreja, construído em paredes de alvenaria pouco resistentes e com uma cobertura de chapa ondulada de zinco.

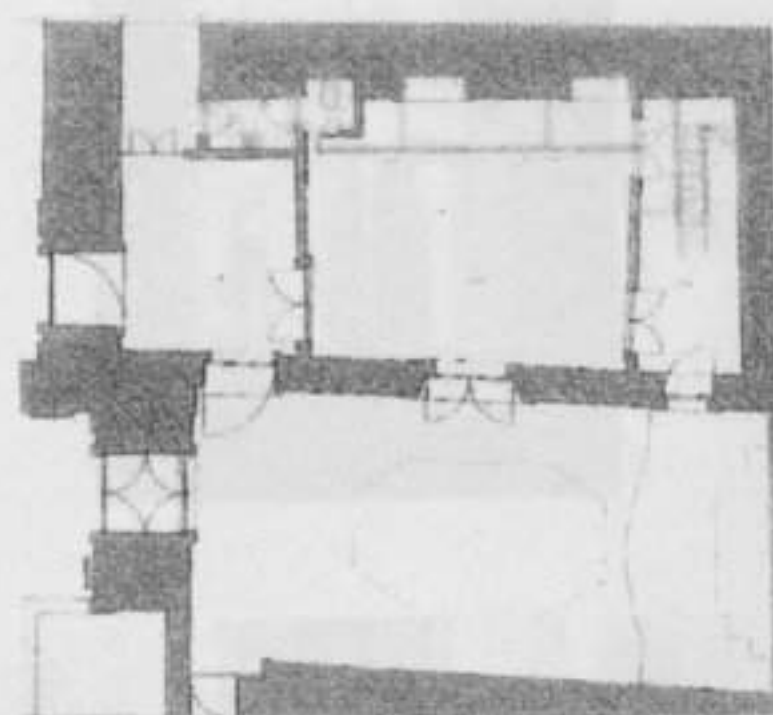
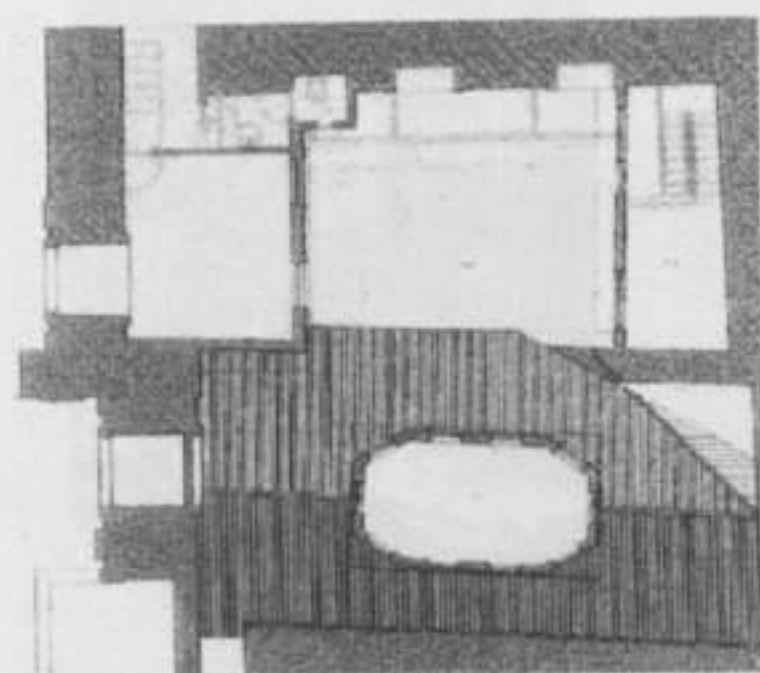
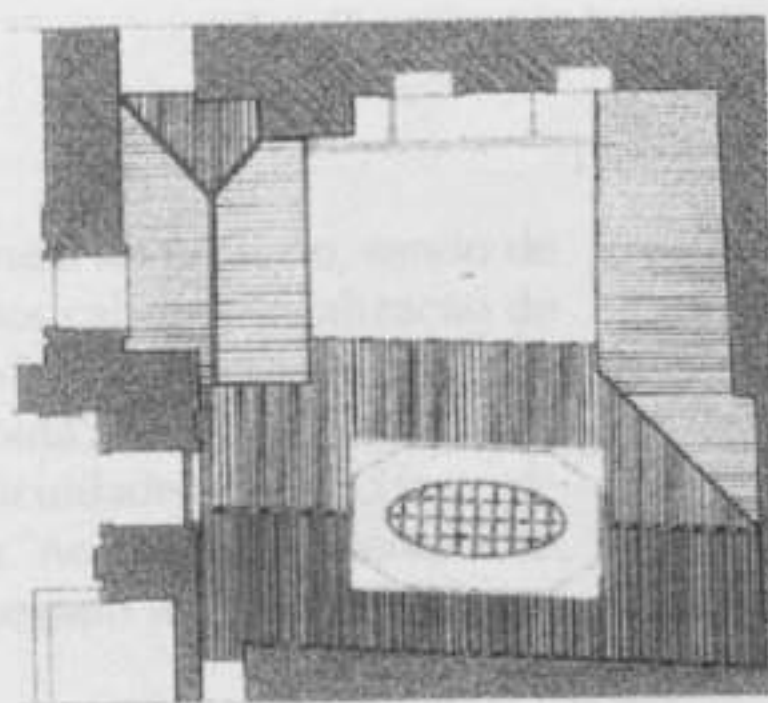
No anexo o espaço era utilizado como arrumação, onde se acumulava lixo e encontrava-se muito degradado e com infiltrações de água. A sacristia encontrava-se com os revestimentos muito degradados, os estuques do tecto a precisar de restauro e a clarabóia que domina todo o espaço muito degradada e coberta com um chapa de zinco.

A fachada estava com o revestimento em muito mau estado e apresentava o enchimento parcial dum vão fechado.

Por base do projecto de intervenção para aqui realizado esteve a necessidade premente de restituir a este espaço a dignidade e salubridade merecidas.

Para o anexo foi pensada uma escada e uma "mezzanine", forma de o tornar um espaço com algum dinamismo, deixando a sua função de arrumo para a qual não é necessário (a igreja tem outras zonas mais apropriadas para essa função), dotando-o de um elemento que o qualificasse por um lado e o aproveitasse da melhor maneira em termos área de utilização. Na sacristia trata-se essencialmente de trabalhos de restauro e de um novo sistema de electrificação. Está também defenido no projecto a restituição do percurso original entre a igreja e a sacristia, pela porta que lhe dá acesso directo ou pela porta que a liga a um vestíbulo lateral.

No pátio prevê-se uma limpeza geral, com a demolição do avançado, pintura de paredes e portas, encerramento de uma porta para um lavabo que tem também ligação interior, não sendo esta necessária. Está prevista a colocação de um biombo de vidro e perfis de aço, para tapar a visão para uma janela baixa da cozinha de um restaurante que funciona no edifício que fecha o pátio. Estava igualmente prevista a pintura da parede traseira deste prédio, obra essa que por questões burocráticas e financeiras não foi possível concretizar. Na nave da igreja depois de levantado o pavimento de madeira que cobria os taburnos, é que foi possível avaliar o seu estado de degradação e quais as medidas a tomar para a sua recuperação. A madeira está totalmente podre, sobretudo pelo facto de durante anos terem estado cobertos e sem ventilação. A decisão de repôr os tampos de madeira iguais é dispendiosa mas inevitável. Foi feita uma recolha da numeração gravada em todos eles, para que seja reproduzida. A fachada nascente foi picada para remoção do revestimento degradado e novamente rebocada com argamassa de cal e areia. O enchimento foi removido e de entre as pedras que constituíam encontrou-se um braço de uma cruz de pedra que termina num tríglifo. Não se conhece a origem da pedra, tendo ficado guardada num corredor lateral da igreja.



Representação das plantas com os amarelos e encarnados do projecto de recuperação deste espaço. Sem escala.

A total renovação da instalação eléctrica está igualmente consagrada no projecto, sendo de grande importância a localização dos quadros, o local da passagem dos cabos, a localização de tomadas e interruptores, o tipo de material a aplicar e o tipo de iluminação pretendida. Esta é uma área extremamente exigente, que normalmente passa despercebida mas que é vital para o sucesso de um projecto de recuperação e restauro. A sua principal dificuldade reside no facto de ter que sobrepor ao edifício uma instalação não prevista de origem. Ao longo dos tempos as instalações eléctricas destes espaços foram negligenciadas tendo chegado aos nossos dias em condições lamentáveis quer de segurança quer de presença visual.

O dia-a-dia da Obra

De Fevereiro a Maio integrei a equipa técnica responsável por acompanhar esta obra, com uma visita semanal, onde fui registando toda a evolução da obra, as técnicas e métodos utilizados, quer por registo fotográfico quer por observações escritas e desenhadas, num caderno a que chamei "livro de obra" e que me acompanhou em todas as visitas.

Tendo tido conhecimento do projecto e depois de ter tido oportunidade de o discutir com o arquitecto responsável, em obra pude levantar questões, dar opiniões e formular críticas relativamente às opções tomadas. A equipa formada pelo arquitecto, por um eng. Civil, por um eng. electrotécnico e pelo empreiteiro possibilitou-me compreender em pormenor os problemas que em obra foram surgindo e de qual a melhor solução para conciliar as necessidades de cada área de intervenção.

Os muitos factores condicionantes do projecto desta natureza, sejam eles financeiros, burocráticos, de ordem técnica ou estética, exigem do arquitecto uma grande capacidade de trabalho em equipa, grande flexibilidade e sensibilidade para contornar cada questão e uma inevitável capacidade criativa, preparada para não abdicar nunca da qualidade estética que cada solução técnica exige.

As impressões de cada visita ficam registadas no texto que acompanha cada imagem e estão apresentados por ordem cronológica da evolução da obra, por zonas, para facilitar a compreensão das alterações resultantes.

1- Jan. 98

Fachada voltada a nascente, perfeitamente integrada na tipologia de edifícios de habitação envolventes. O seu estado de degradação era notório, com os revestimentos totalmente soltos da parede. A actual intervenção limitou-se ao tratamento da parede, não tendo sido por agora contemplados caixilhos, portas e janelas.

2- Fev. 98

A mesma fachada depois de picada e rebocada com argamassa de areia e cal e cimento, sendo este último em pequena percentagem. Este tipo de revestimento estará mais próximo do original e mais adequado a este tipo de parede.

3- Fev. 98

Nave da igreja com o pavimento anterior, de tabuado estreito e fino já deste século, levantado e com os taburnos à vista, uma vez que seria este o pavimento original da igreja. A recuperação das madeiras existentes ficou posta de lado dado o seu avançado estado de degradação pelo que foi feito um levantamento do desenho das peças que compõem as tampas dos taburnos, tal como da numeração com que todas estão identificadas, para que sejam substituídas.



1-2-Jan.98

No pátio um corredor coberto com chapa de zinco que ligava a sacristia ao vestibulo de acesso à igreja e à arrecadação, cortava por completo a leitura deste espaço e das fachadas envolventes.

Aqui está patente a degradação geral em que se encontravam paredes, coberturas e madeiras.

Os fungos e outro tipo de vegetação instalada nas telhas produziam o efeito de barreiras ao normal escoamento das águas, permitiam a acumulação de detritos e a maior rapidez na deteriorização da argila das próprias telhas. As consequentes infiltrações rapidamente degradaram estuques e madeiras do interior, como a curto prazo degradariam as paredes quer da sacristia quer dos anexos.

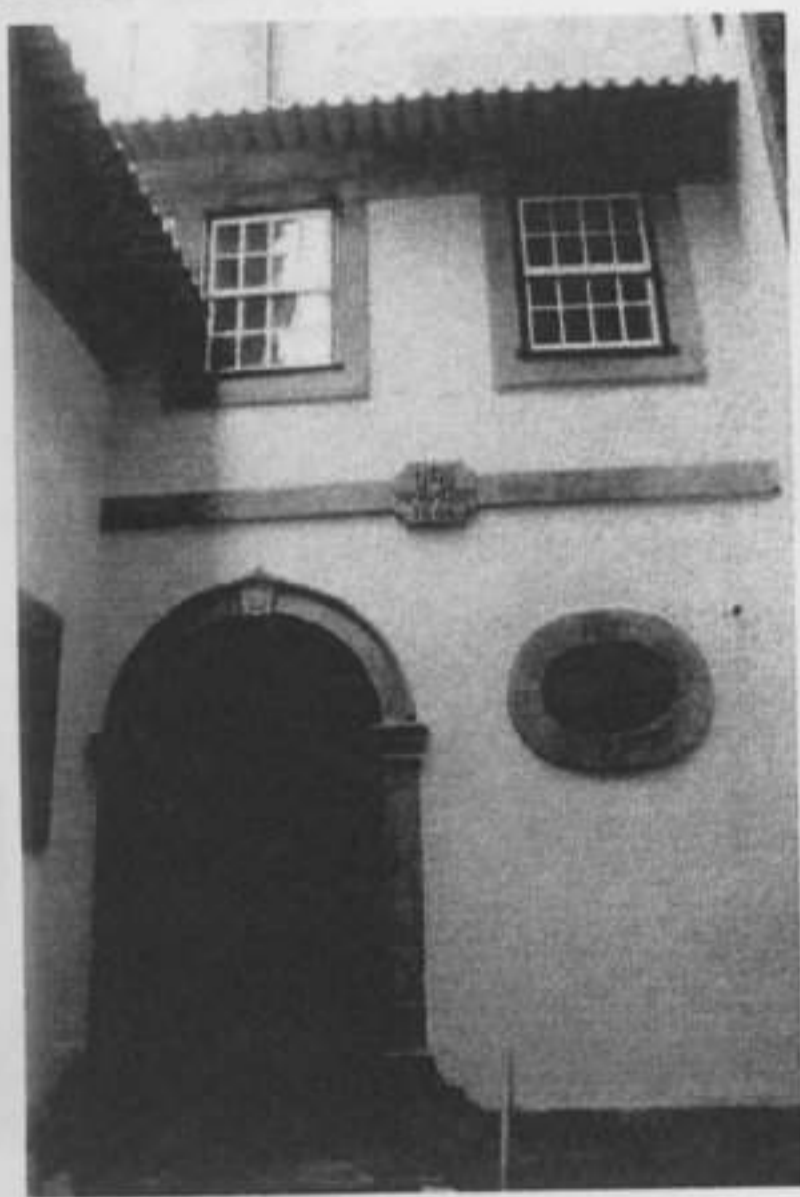
Nesta sequência é possível ver que a primeira de mão da caição das paredes é branca para que a segunda de mão de cal pigmentada agarre bem a cor.

3-4-5-Mar.98

As mesmas fachadas do pátio de pois de demolido o corredor e depois de picadas, rebocadas e caiadas as paredes e restauradas as madeiras de janelas e portas.

As técnicas utilizadas foram as mesmas da fachada nascente, que foram anteriormente descritas.

5



1

3



2

4



10

1-Mar.98

1-A porta da sacristia para o pátio, antes interior.

1a-A mesma porta depois de demolido o acrescento. As portas e janelas foram pintadas com tinta plástica brilhante, de cor bordeaux escuro, depois de raspadas, betumadas para preencher falhas da madeira e preparadas com aparelho para maior protecção.

Em minha opinião o resultado é excessivamente brilhante, pelo que poderia ter sido utilizada uma tinta mate ou com menos brilho. De qualquer modo este é um problema que o tempo resolve!



1

Jan.98

2-O estreito espaço a que o pátio ficou reduzido era lúgubre, húmido e escuro. Não tinha qualquer tipo de utilização e era propício à acumulação de lixo. A porta ao fundo dava acesso aos arrumos e encontrava-se em mau estado de conservação.



1a

Abr.98

3-A mesma porta depois de demolido o acrescento e do pátio ficar amplo, podendo ver-se já a estrutura de perfis de aço do biombo que ficará encostado ao eixo central da porta. Esta porta terá só utilização para limpeza da zona por trás do biombo.

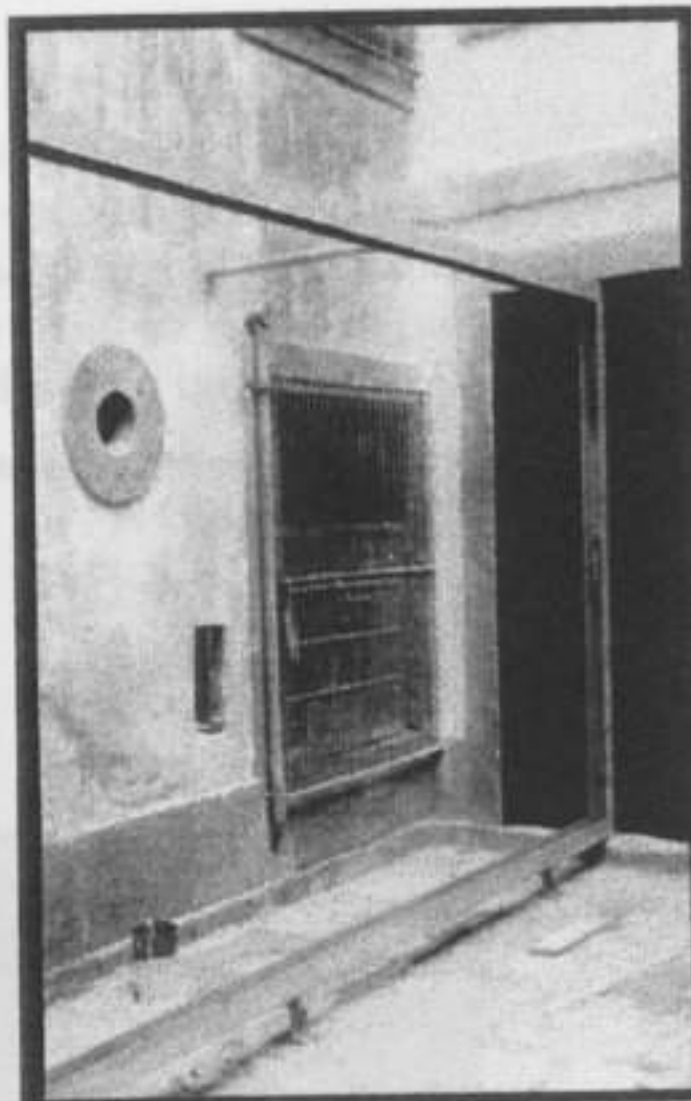
Esta modura será fixada à parede por dois tubos soldados, impreceptíveis do pátio. Está assente no pavimento por dois pés, constituídos por dois "u" de aço soldados, chumbados no lageado de granito.

Abr.98

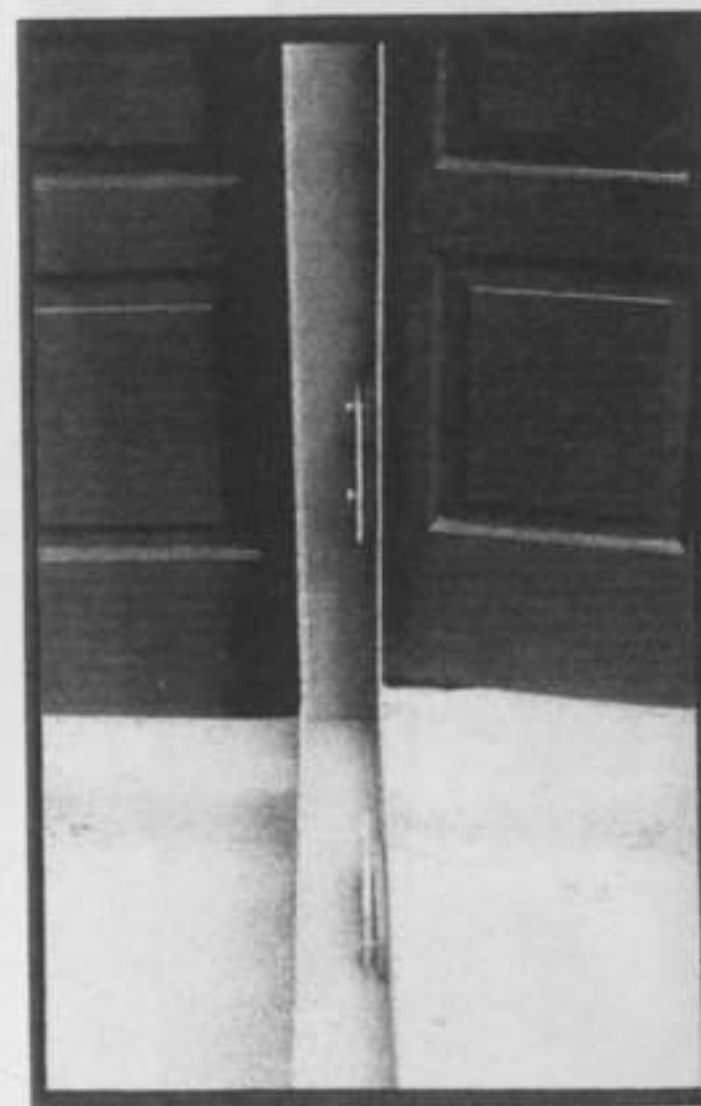
4-O biombo será fechado por três folhas de vidro laminado 4 por 4, fosco, que assentam nesta moldura de aço sendo fixadas por umas placas aparafusadas à estrutura. O vidro assenta numa cama de chumbo batido para que não fique em contacto com o aço.



2



3



4

1-Mar.98

No projecto estava previsto o biombo ser de apenas duas folhas, mas pelo facto de não haver no mercado folhas de vidro laminado destas dimensões e ficar por um preço isurbitante fazê-las propositadamente, o arquitecto teve que optar pelas três folhas. As folhas encostam umas às outras sem nenhum tipo de ligante, um vez que o pretendido é que estas ligações sejam o mais discretas possível e que em termos de segurança não há necessidade de os unir.

2-Mar.98

Escadas de acesso à "mezanine" no anexo.

Depois de marcadas na parede as alturas dos degraus e do patamar intermédio foi montada a estrutura metálica de perfis de aço, assente no pavimento, chumbada na parede no patamar e assente novamente na viga que suporta a "mezanine".

Os degraus de madeira foram depois assentes e aparafusados. O corrimão exterior forma uma curva fixa apenas nas extremidades.



1

3-Mar.98

Os antigos arrumos foram transformados num espaço agradável que poderá ter uma utilização mais digna.

O segundo piso existente, completamente degradado foi substituído por uma estrutura nova, com soalho assente em perfis de aço.

Esta estrutura foi totalmente assumida, tendo ficado a viga de aço à vista, rematando o forro inferior, de madeira pintada de branco para tornar o ambiente mais claro.

O corrimão das novas escadas é uma peça pensada além da simples função de corrimão. O seu desenho e dimensões foram pensados para conseguir um protagonismo próprio, para qualificar este espaço.

Na minha opinião o corrimão ocupa demasiado espaço, num espaço já de si reduzido e que será dignificado com a nova utilização que se lhe vier a dar.

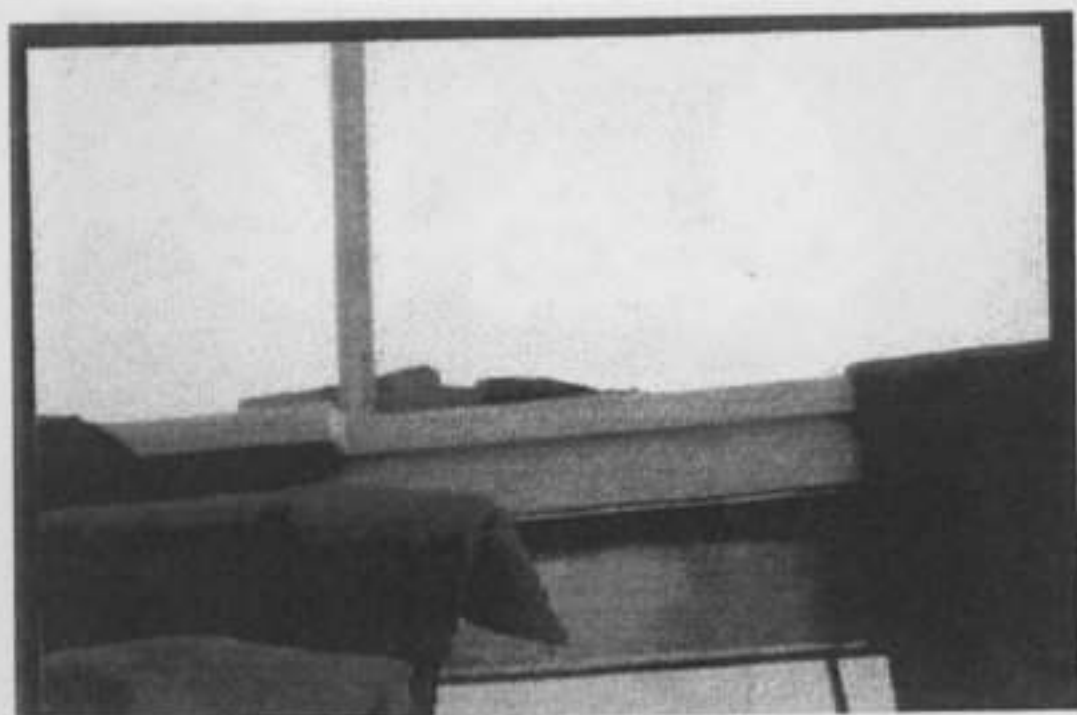


2

4-Mar.98

Pormenor do remate da "mezanine".

A discussão centrou-se à volta da solução para tapar a viga de aço, tendo-se chegado à conclusão que o mais querente seria assumi-la, ficando o soalho rematado com umarégua de madeira e a viga pintada com o mesmo tom de cinza escuro das escadas e do biombo.



4



3

1-Mar.98

Restauro e reconstrução da trama de madeira que estrutura o tecto de estuque da sacristia.

A estrutura é composta por um ripado vertical que define a curvatura do tecto e que suporta o ripado horizontal, onde se vai fixar a argamassa de gesso que constitui o estuque. Nesta trama horizontal as ripas são mais largas na parte inferior e mais estreitas na parte superior, no lado encostado à estrutura vertical, de modo a formar umas bolsas que a argamassa preenche enquanto fresca, e que depois de seca não cai.

2-Jan.98

Aspecto do tecto da sacristia com falhas no estuque.

3-Fev.98

Aspecto do mesmo tecto com as falhas de estuque colmatadas mas ainda com os frisos incompletos.

4-Fev.98

Nas zonas em que os frisos decorativos estavam em falta ou em mau estado de conservação, optou-se por reconstitui-los igulmente em estuque. Os frisos de estuque são feitos segundo moldes, retirados dos existentes. Os moldes são feitos num produto que se encontra em estado líquido e que depois de alguns minutos ao ar, tempo que varia com o grau de humidade no ar, seca ficando com a consistência de borracha maleável e estanque. O producto é colocado num tabuleiro onde se mergulha um módulo do friso pretendido e ao fim de dois ou três min. retira-se a peça ficando a sua forma marcada na borracha. Este procedimento é repetido para todos os tipos de peças que se pretende, bastando um molde para fazer cada tipo de peça diferente.

A imagem ilustra a colocação de fios de sisal na concavidade do molde, segundo as linhas principais de cada forma, para conferir maior resistência ao gesso e permitir que alguma fissura, que com o tempo apareça, não seja fatal para a peça.

5-Fev.98

Os moldes são em seguida preenchidos com o gesso líquido, seca durante cerca de quinze min. e retira-se com facilidade do molde uma vez que este é muito maleável.

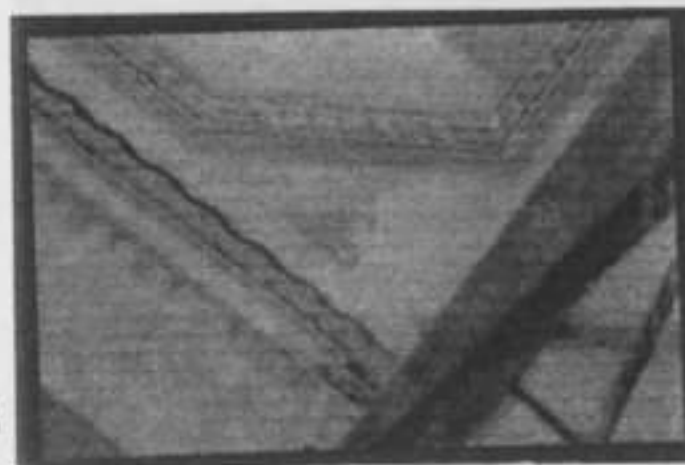
As porções de gesso e água ideais para este tipo de trabalho não têm percentagens defenidas, é a experiência que decide quais as porções correctas. Em princípio o gesso está na conta certa quando "embebedar" toda a água.



1



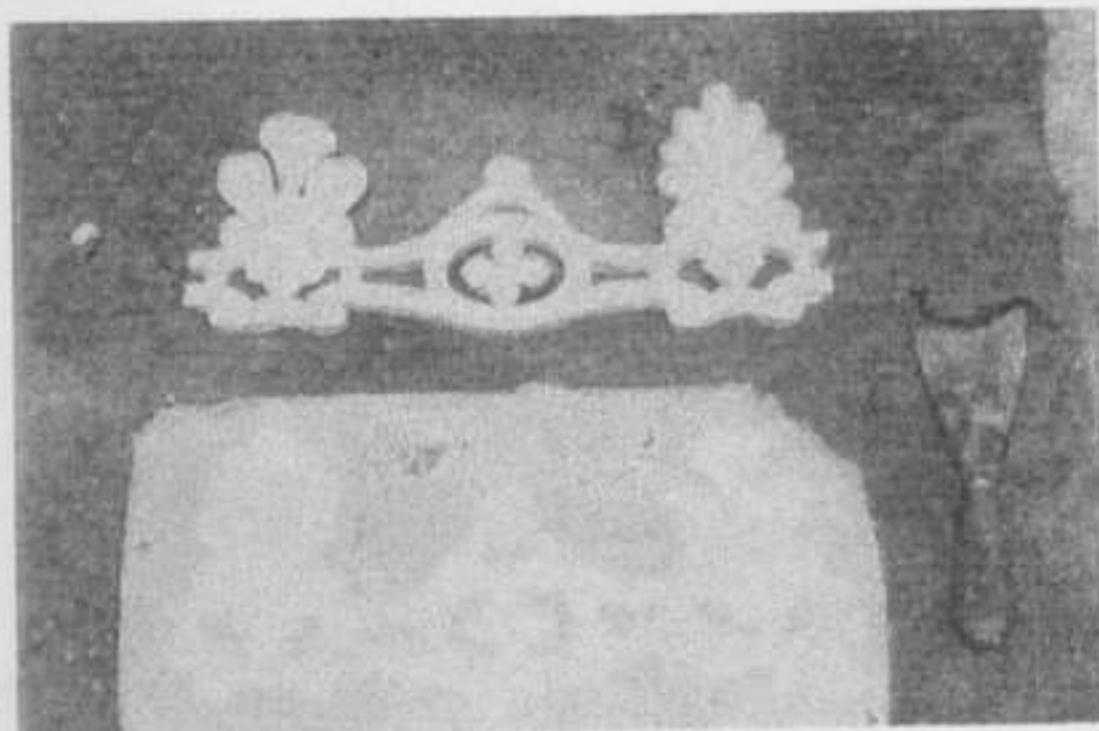
2



3



4

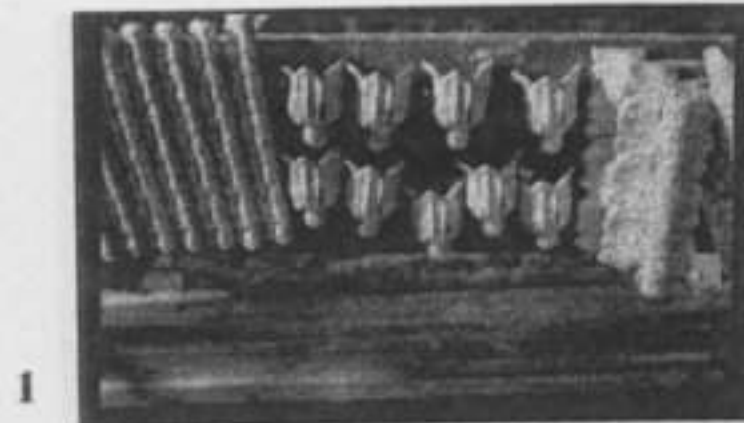


5

1 e 2-Fev.98

As peças dos frisos a secar mais uns minutos depois de retiradas dos moldes.

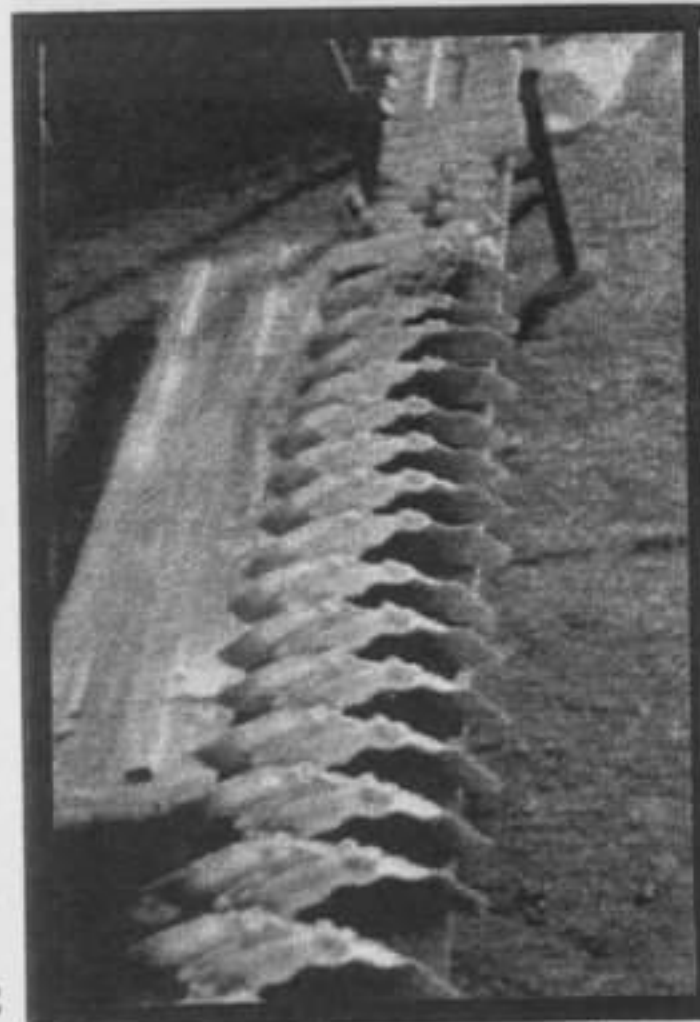
Se estiver muito calor e a secagem for demasiado rápida o gesso pode fissurar, pelo que netes casos é conveniente borrifar as peças na tábua de secagem.



1

3-Mar.98

Aspecto do tecto depois de acabadas as operações de restauro do estuque e depois de pintado com tinta de água.



2

4-Abr.98

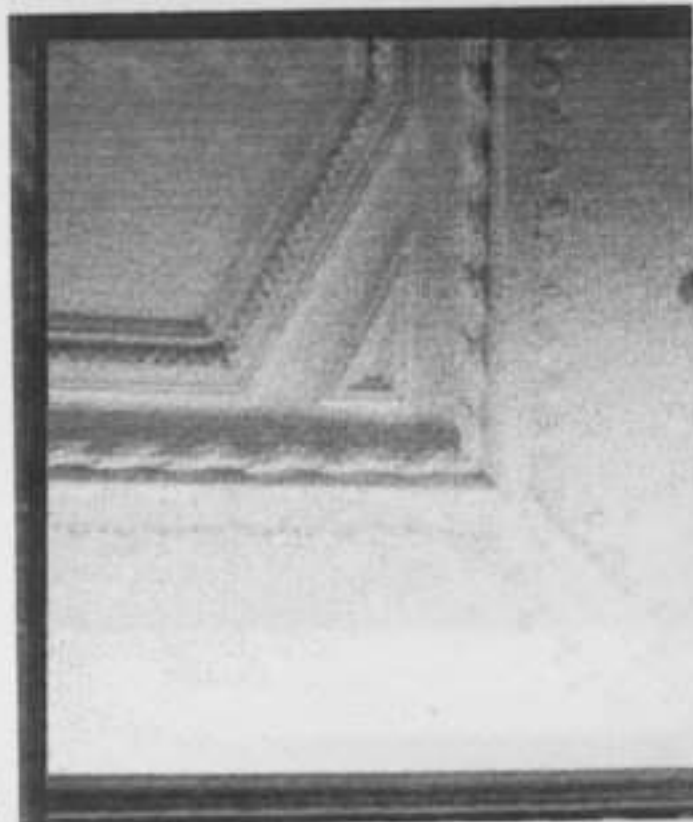
O lanternim, com estrutura em madeira e revestido no exterior por chapa pintada, tem oito vãos envidraçados e um interior ricamente pintado.

As pinturas originais são em aguarela sobre estuque e estão muito descoloradas pelo sol e pelo tempo. Estava previsto serem pintadas de novo com tinta de água nos tons o mais próximo possível dos que chegaram até aos nossos dias mas acabou por se decidir apenas lavar uma vez que o mau aspecto era em grande parte por sujidade.

O topo do lanternim tem uma estrutura em ferro e vidro muito degradada e com quase todos os vidros partidos. No projecto foi pensado um modo de devolver a entrada de luz natural ao lanternim, até agora tapado por uma chapa ondulada de zinco.

Será assente no exterior uma estrutura metálica de suporte de dois vidros tipo rocha que formam uma espécie de chapéu, que protegerá da chuva e permitirá a entrada de luz, sendo seguro e resistente ao choque de eventuais objectos atirados dos edificios vizinhos.

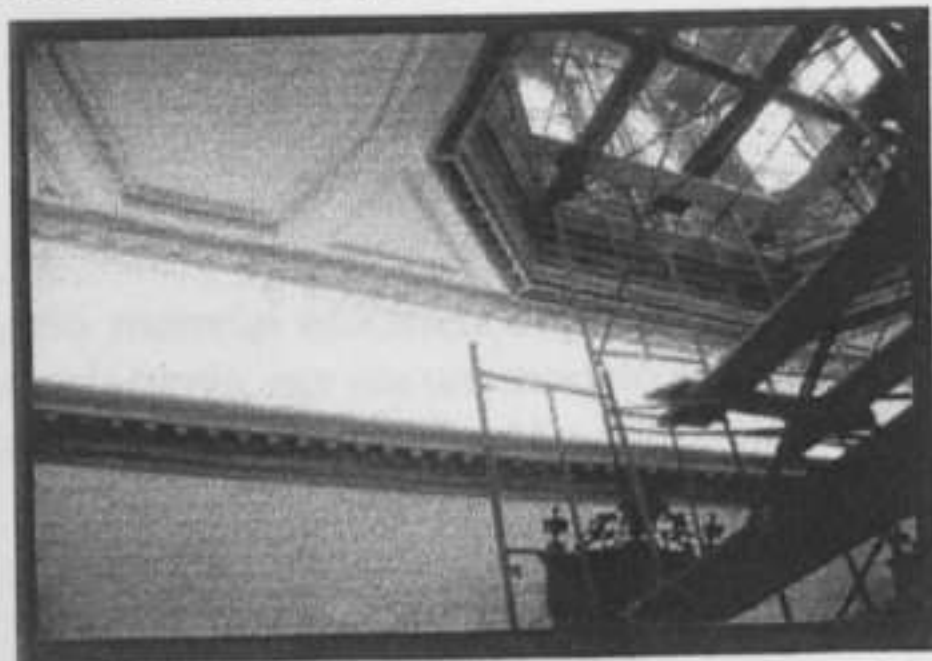
No local da estrutura existente será colocada uma nova, idêntica mas com vidro laminado para que mesmo que se quebre não estilhaçasse.



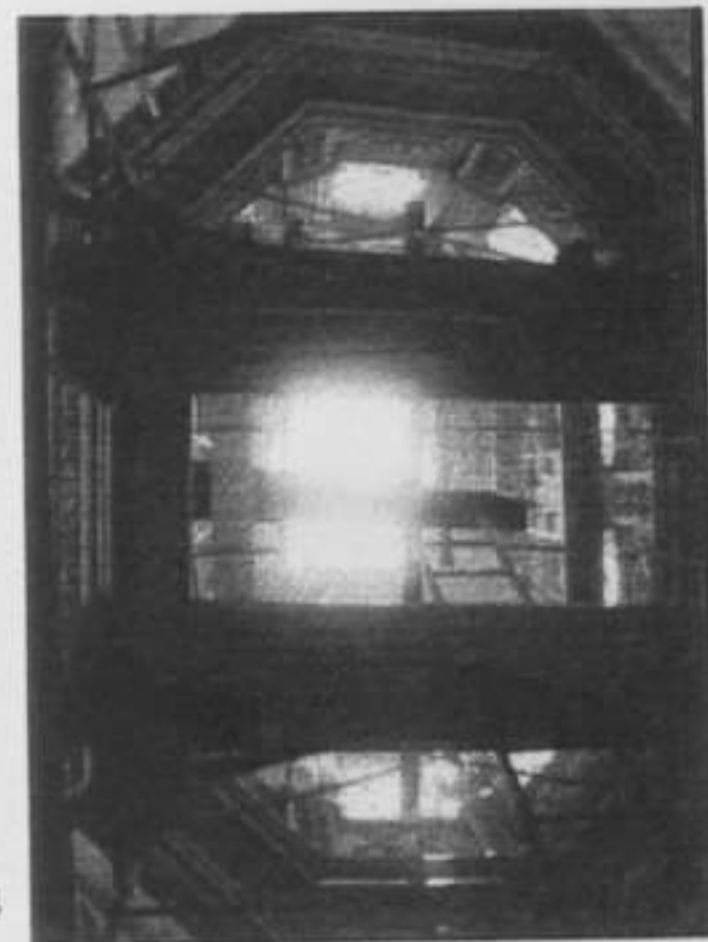
3

5-Abr.98

Para colocar o sistema de iluminação artificial foi pensada uma sanefa de madeira, integrada no friso da parede, pintada da mesma cor e que funciona como um prolongamento da mesma. A iluminação é feita por lâmpadas fluorescentes instaladas por trás desta sanefa, obtendo-se uma agradável luminosidade difusa e um enriquecedor efeito de sombras que tira partido do trabalho de estuque do tecto.



5



4

1-Maio98

Aspecto da sacristia praticamente pronta, mas ainda com os andaimes montados, depois de recolocados os espelhos, arcás e o altar.

O pavimento levou apenas uma limpeza já que o lageado de granito se encontrava em bom estado.



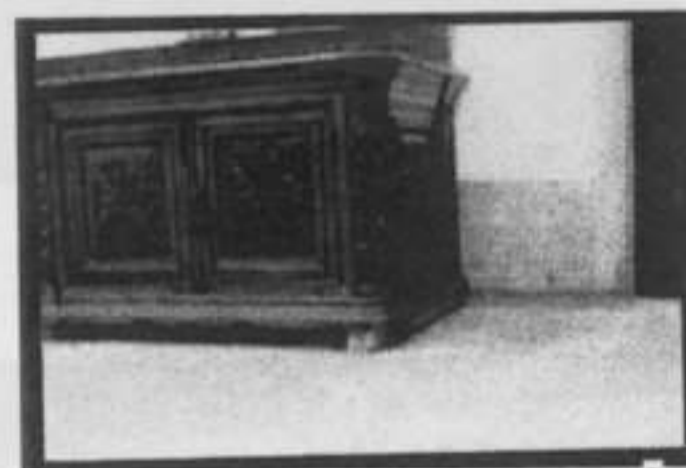
1

2 e 3-Maio de 98

O arcáz necessitou de algum restauro, sobretudo na zona da base.

Anteriormente este móvel estava assente num grande estrado de madeira ainda hoje visível nas marcas na pedra do chão e no embasamento de pedra da sala, como demonstram as fotografias. A própria estereotomia das lages é diferente sob o estrado, não aparelhada e sem formar os losangos do restante pavimento.

Em princípio estava projectado pousá-lo sobre uns cubos de madeira nos pontos estruturais, mas depois de observadas as marcas e de bem observadas as dimensões no local, veio a decidir-se fazer um novo estrado.



2



3

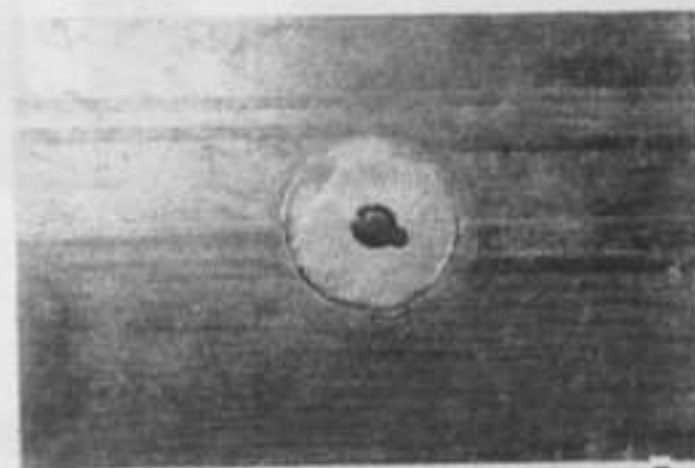
4-Abr.98

No pavimento do pátio o lageado foi todo limpo e picadas as juntas para retirar excessos de cimento que resultaram de outras intervenções.

Foram descobertas marcas de duas peças, circulares, uma de cada lado da porta da sacristia para o pátio, com um espigão de ferro cortado no centro. Veio a descobrir-se que seria a localização de duas pias muito grandes, em pedra que se encontravam numa arrecadação lateral da igreja já que o diâmetro da base é o mesmo e havia igualmente um espigão de ferro ao centro



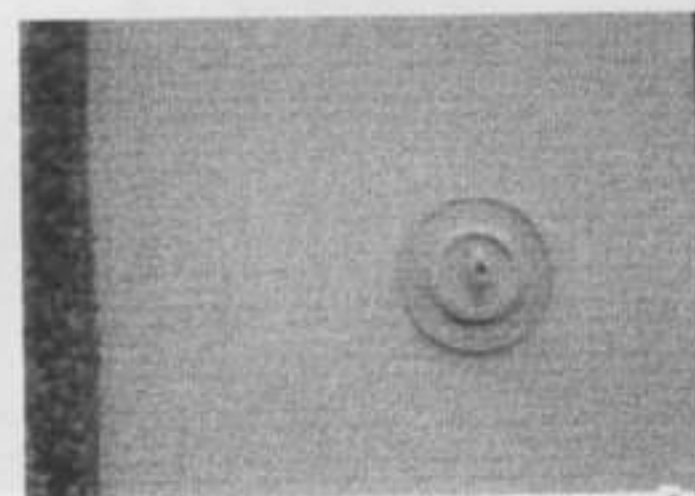
4



5

5 e 6-Mai.98

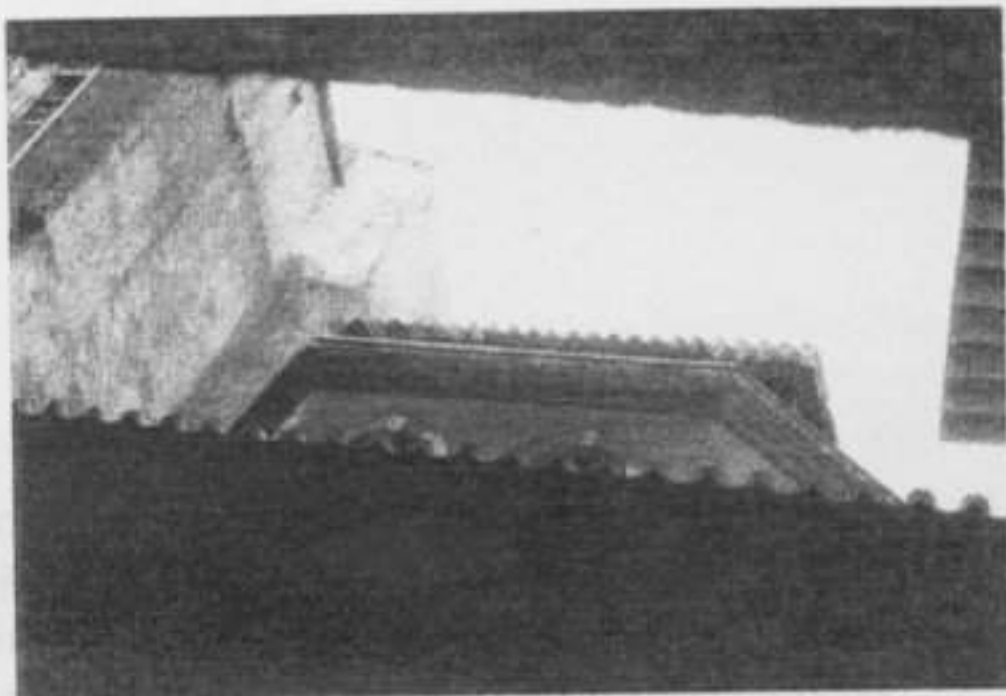
A opção pelo material eléctrico escolhido foi "sugerida" pelo já existente nas salas da igreja, que era um modelo antigo e que recentemente uma empresa lançou para o mercado. Nas fotografias registei um antigo e um actual.



6

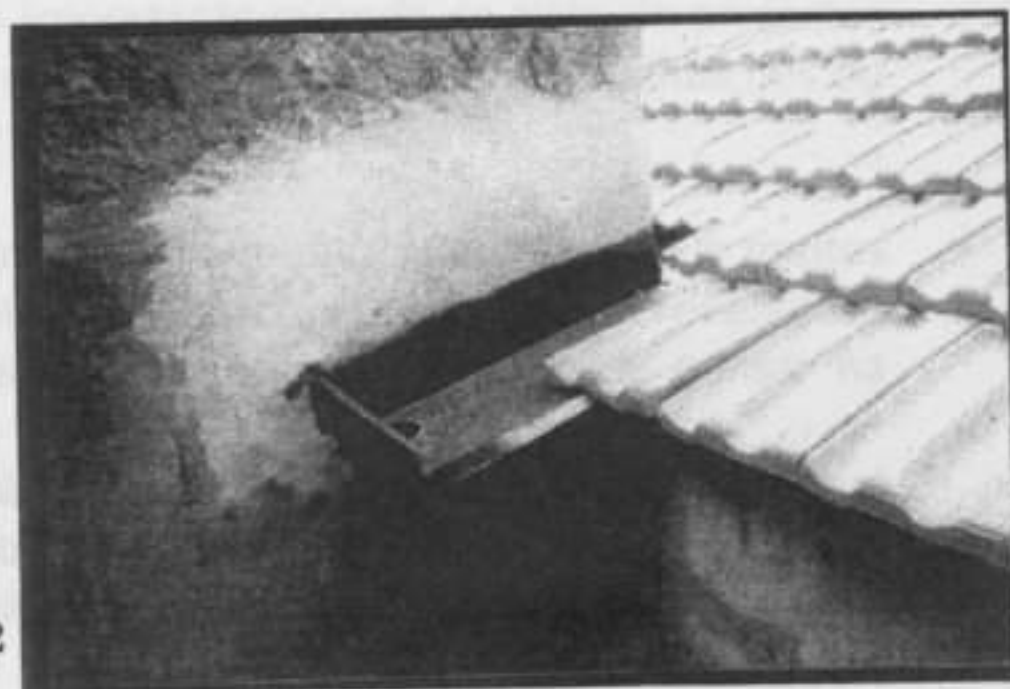
1-Jan.98

Ao nível das coberturas era necessária uma limpeza geral das telhas e a revisão das caleiras e beirados, de modo a garantir um eficiente escoamento das águas pluviais.



2-Mar.98

Como é possível ver na fotografia, nos pontos críticos de infiltrações, como as juntas de caleiras e beirados com paredes, foram colocadas calhas de cobre, rematadas com argamassa e silicone.



3-Jan.98

O lado exterior do lanternim ainda com os vãos envidraçados cobertos e com uma cobertura de chapa zincada para colmatar a falta dos vidros superiores. A chapa do próprio lanternim precisa urgentemente de ser pintada e de consolidadas as juntas.



4-Mar.98

O lanternim depois de arranjados os caixilhos dos vãos laterais.



O Edifício

Resumo da evolução da intervenção

Até ao ano de 1949, a intervenção limitou-se à paróquia, sediada na sé, que dava pelo nome de Nossa Senhora da

Assunção no momento.

Quando, em 1950, se criou o município de Marco de Lisboa, que estava à frente da Diocese do Porto, decidiu

desdobrar a paróquia em duas, criando a paróquia de São José das Taipas, com sede na Igreja de São José das Taipas.

no lugar, de modo a permitir a realização de obras de restauro e recuperação da Igreja de São José das Taipas.

tergiversa de se

temo

Provincial de

dos Açores

Espero

espírito com

burgo do futuro

manhã

A cidade

São

aglutinadores

social tomam

A sua

A envolvente

disponha de

necessária

à cidade. Numa

em que o

orden da

demanda

A

para

Conclusão

Em qualquer tipo de projecto o acompanhamento da obra é essencial, para que se cumpra o que está projectado, mas também para que seja possível estar a par das "surpresas", dos imprevistos que inevitavelmente surgem e que podem por em causa algumas decisões projectuais. Por outro lado há opções que em projecto parecem as mais adequadas, mas que no sítio não resultam e podem ou devem ser alteradas e melhor resolvidas.

Esta fase torna-se ainda mais importante quando se trata de projectos que intervêm em pré-existências, restauros e recuperações, reabilitações ou simples manutenção.

Os edifícios em que o tempo deixou já muitas marcas, em que muitos homens intervieram e muitas estórias se sobreposaram são revelações permanentes de outras vivências, outros modos de agir e de pensar na arquitectura.

Intervir no património ultrapassa a simples obra de arquitectura por si só. É intervir num espaço que não é anónimo e que tem, normalmente um forte significado físico e emocional.

A fase de obra deste tipo de projecto necessita de constante atenção, porque as opções não são lineares, porque a qualquer momento o picar de uma parede ou o levantar de um pavimento podem fazer surgir dados novos, que devem ser cuidadosamente observados e estudados e eventualmente tomados em linha de conta na actual intervenção.

Se a história de cada edifício está contada nas suas paredes, pisos, coberturas, portas e escadas, é da responsabilidade do arquitecto e da restante equipa técnica dar-lhe continuidade, com sensibilidade e conhecimento do que as técnicas actuais podem proporcionar.

O acompanhamento da obra da Igreja de São José das Taipas, foi uma óptima oportunidade de estar envolvida num processo tão delicado e exigente como são todos os projectos desta natureza. Apesar da reduzida dimensão da obra, as questões que se levantaram e os problemas que houve a resolver foram tão pertinentes quanto os de uma grande obra, e suficientes para me proporcionar a experiência de estar perante a dificuldade de decisões que envolvem mais do que a nossa própria imagem das coisas.

A consciência de que o conhecimento das técnicas utilizadas nesta ou naquela situações é essencial para poder decidir por que caminho seguir, foi o grande incentivo para a aprendizagem, quer durante a obra quer nos momentos de discussão de projecto. A possibilidade de contactar com profissionais com experiência em intervenções deste género, foi extremamente enriquecedora. O estar atenta à evolução da obra com um olhar crítico, e poder expor e discutir os meus pontos de vista sobre as decisões tomadas foram a base do amadurecimento das minhas ideias sobre o que deve ser na prática o projecto de recuperação e quais os erros a evitar.

Fotografia do Porto nos finais do séc. XIX. De salientar a Igreja de S. J. Novo ao centro, no topo.

O Edifício

Resumo da evolução histórica do lugar

Até ao ano de 1583 o Porto tinha uma só paróquia, sediada na sé, que dava pelo nome de Nossa Senhora da Assunção ou simplesmente da Sé.

Quando nesse ano o bispo D. Frei Marcos de Lisboa, que estava à frente da Diocese do Porto, decidiu desdobrar a paróquia existente, instituiu a de São João do Belomonte, dando-lhe como sede a ermida existente no lugar, dedicada a São João Baptista. Aqui se conservou a sede da paróquia até 1592, ano em que o bispo D. Jerónimo de Menezes extinguiu a freguesia, dividindo-a em São Nicolau e Nossa Senhora da Vitória.

Nesse ano a ermida existente foi doada aos Eremitas de Santo Agostinhos, como resposta a uma carta do Provincial da Ordem, Fr. Manuel da Conceição ao Senado da cidade do Porto, que demonstrava a necessidade dos Agostinhos terem casa própria nesta cidade.

Esta foi uma época de grandes reformas urbanísticas e sociais, sob o reinado de D. Manuel I. Foi a partir da expansão comercial, em grande parte do aumento das trocas comerciais com o norte da Europa, que o pequeno burgo do Porto contido intramuros no Morro da Pena Ventosa se expandiu, começando a ocupar áreas fora das muralhas.

A cidade transforma-se significativamente depois do foral maneulino a 20 de junho de 1517.

São construídos vários conventos e mosteiros que surgem como dinamizadores da economia e como aglutinadores nas comunidades em que são implantados. A nova escala que impõem quer física quer humana e social torna-os no centro da vivência da comunidade.

A sua presença na trama da urbe medieval abre os terreiros e cria uma nova ordem urbanística.

A envolvente da capela doada aos Agostinhos, situada intramuros e num contexto urbano consolidado, não dispunha de espaço livre para a construção do convento. Para a edificação da nova casa dos Agostinhos foi necessário comprar diversas casas e quintais, que começaram a ser habitadas pelos primeiros Eremitas que chegaram à cidade. Numa destas casas foi estabelecido o oratório, onde decorriam as celebrações religiosas até 1602, ano em que o pároco Goçalo Vieira abdicou da capela de S. João do Belomonte, sendo extinta a sua paróquia por ordem do bispo D. Fr. Gonçalo de Moraes. Esta capela serviu de igreja coventual até 1671, ano em que foi demolida para dar lugar à igreja actual que começou a ser construída no ano seguinte.

A construção do convento e igreja abriu uma "bolsa" no espaço urbano existente e criou um largo que ainda hoje se mantém um lugar com o significado de polo centralizador daquele conjunto urbano.



Fotografia do Porto nos finais do séc. XIX.. De salientar a Igreja de S. J. Novo ao centro, no topo.

Contexto Religioso da construção da igreja

Os finais do séc. XVI e princípios do séc. XVII, foram de grande crescimento demográfico em todo o país. Este crescimento reflectiu-se nas ordens monásticas, que com todos os privilégios e graças concedidos por monarcas e famílias reais viu aumentar o seu número de religiosos. Era grande a procura dos mosteiros e conventos para seguir uma vida religiosa, em busca de segurança, isenção de encargos e comodidades.

As famílias conhecidas como "Agostinhos", filiavam-se na denominada regra de Santo Agostinho (séc. IV e V). O famoso bispo de Hipona dedicou-se com entusiasmo à expansão do monaquismo, tendo para o efeito redigido determinadas instruções em cartas sermões e tratados em que se baseou o essencial da genuína observância nos seus mosteiros. Os religiosos que noutros tempos adoptaram essa orientação de vida, agrupavam-se sob as designações de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, Agostinhos Recolectos ou Descalços e Eremitas de Santo Agostinho. Este último grupo foi o primeiro a instalar-se em Portugal, em Lisboa, julga-se que em meados do séc. XII, vindo instalar-se no Porto no ano de 1592, construindo o convento e igreja de São João Novo. Durante muito tempo os mosteiros de Eremitas de Santo Agostinho em Portugal estavam sujeitos ao provincial da mesma ordem em Castela. Em consequência das lutas entre Portugal e Castela, D. João I opôs-se à dita sujeição, ficando os mosteiros deste reino a formar uma espécie de distrito governado por um prior geral, até que em 1447 começaram a integrar-se definitivamente no reino.

A Igreja do Porto esteve durante muitos anos sob o poder clerical de Braga, onde se consentrava o grande bispado e toda a elite eclesiástica. A situação viria a alterar-se no tempo de D. João I, por um acordo entre este monarca e o prelado portuense D. Gil Alma. A partir do seu reinado vários mosteiros se instalaram na cidade, entre eles o de Santa Clara em 1416, mandado construir pelo monarca.

O Convento de S. João Novo, denominado assim por ter sido dedicado a S. João de Sahgún ou S. João Facundo, da Ordem dos Eremitas Descalços beatificado em 1572, foi fundado por iniciativa do Provençal da Ordem Fr. Manuel da Conceição, que apresentou como razões para a necessidade de tal obra a inexistência de um local que dispusesse de recursos médicos que apoiassem os religiosos do Convento de S. Pedro de Cete, também da Ordem, bem como de um local para abrigar os religiosos que vinham à cidade ou estavam de passagem para Braga onde muitos assuntos religiosos se tratavam.

Foram estas razões apresentadas ao Senado da cidade acompanhadas de um pedido de autorização de um local para a construção que seria feita à custa da própria Ordem, tendo sido dada resposta positiva a 12 de Agosto de 1592.

O Convento começou a ser construído no princípio do séc. XVII com a presença, no lançamento da primeira pedra, do bispo do Porto D. Gonçalo de Moraes, e de outras personalidades como Diogo Lopes Sousa, 2º conde de Miranda do Corvo e Governador da Casa de Relação do Porto e de muitos nobres da cidade.

A igreja, prevista desde o início na carta escrita ao Senado, não pôde ser construída antes por falta de meios para uma obra desta envergadura. Foi lançada a primeira pedra no dia 7 de Agosto de 1672, em cerimónia presidida pelo bispo do Porto nessa altura D. Nicolau Monteiro, enquanto estava à frente do convento Frei Manuel da Trindade.



Mapa de representação dos locais de presença das ordens de Santo Agostinho.

Instalaram-se inicialmente em Lisboa e foram estabelecendo conventos para norte até ao seu estabelecimento no Porto em 1592.

Enquadramento Estético

O período entre os anos 1613 e 1779, é de mais de um século correspondendo naturalmente a diversas épocas da arte e da arquitectura. As motações sociais e artísticas de um séc. vieram inevitavelmente deixar marcas da sua passagem num edifício em crescimento.

Pode contudo dizer-se que o convento e sobretudo a igreja se enquadram na linguagem do maneirismo, com a presença elementos decorativos do barroco, que começava a despertar na última quadra do séc. XVIII.

Sendo o maneirismo um movimento com origem em Itália e fruto de um contexto político-social e religioso de contestação muito próprio, em Portugal desenvolveu-se uma linguagem diferente, embora baseada nos mesmos princípios, adaptada ao nosso contexto e realidade.

No nosso país houve uma ordem, a Companhia de Jesus, que se destacou e influenciou a sociedade do seu tempo de forma marcante, chegando a ficar associada a um tipo de arquitectura muito própria que acabou por ser adoptada por outras ordens e que rompeu pela primeira vez com a estabelecida linguagem renascentista das nossas igrejas.

Por outro lado a vinda do arquitecto bolonhês Filippo Terzi para Portugal, a mando do rei Filipe II, e com a construção da igreja de São Vicente de Fora de sua autoria, o maneirismo italiano tomou posição em Portugal.

A planta rectangular de uma só nave, a capela mor de pouca profundidade, capelas laterais com ligação entre si e a fachada com duas torres laterais caracteriza o tipo de edifícios religiosos que a partir daí se desenvolve, a par da arquitectura portuguesa maneirista de fortes marcas jesuitas.

No Porto, enquanto era traçada a igreja de S. João Novo e a sua fachada, estava ainda em construção o frontespício da igreja dos Grilos ou de São Lourenço da Ordem de Cristo, que influenciou claramente o traçado da que viria a ser construída. Não existe documentação que clarifique se o desenho inicial foi o que acabou por ser construído e que hoje conhecemos, ou se houve alterações por influências de outros edifícios construídos na época.

Na realidade a linguagem utilizada na fachada dos Grilos com as duas torres laterais, os frontões interrompidos e toda a organização geométrica, reflecte-se claramente na fachada dos Agostinhos, que no entanto resultou de certo modo mais sóbria e com uma linguagem decorativa já de acentuado gosto barroco, que integra o edifício no conjunto de obras do movimento barroco, que marcou a cidade do Porto nos meados do séc. XVII em que se inclui o palácio de S. João Novo, fronteiro à igreja.



Palácio de S. João Novo, meados do séc. XVII. Fachada de acentuado gosto barroco, atribuída ao arquitecto Nasoni.

Envolvente urbana da igreja

A igreja localiza-se intramuros, no limite do antigo burgo e da actual freguesia de S. Nicolau, hoje no centro da cidade do Porto e integrada na área classificada pela UNESCO como património mundial.

Situa-se numa plataforma elevada que disfruta das traseiras, a sul, de várias panorâmicas sobre o Douro. A norte o Largo de S. João Novo, pequeno terreiro rectangular, é delimitado pela fachada da igreja (sul), pelo palácio de S. J. Novo (norte) e por habitações urbanas, prédios de três a quatro andares, com as linhas que caracterizam os bairros antigos da cidade.

A poente a igreja tem adossada a Casa do Párago, um pátio, umas salas anexas à sacristia e uma capela de Nossa Senhora da Esperança, que confrontam com as Escadas do Caminho Novo. Os limites deste pátio e da Casa do Padre coincidem e sobrepõem-se à Muralha Fernandina.

O tecido urbano desta zona da cidade tem uma longa história, muito anterior à instalação dos Agostinhos no local.

A construção do convento e da igreja no séc.XVI, foi provavelmente a grande rotura deste núcleo urbano, já então consolidado, quer pela introdução de uma nova ordem social e religiosa, quer pela sua grande escala comparativamente à pré-existente.

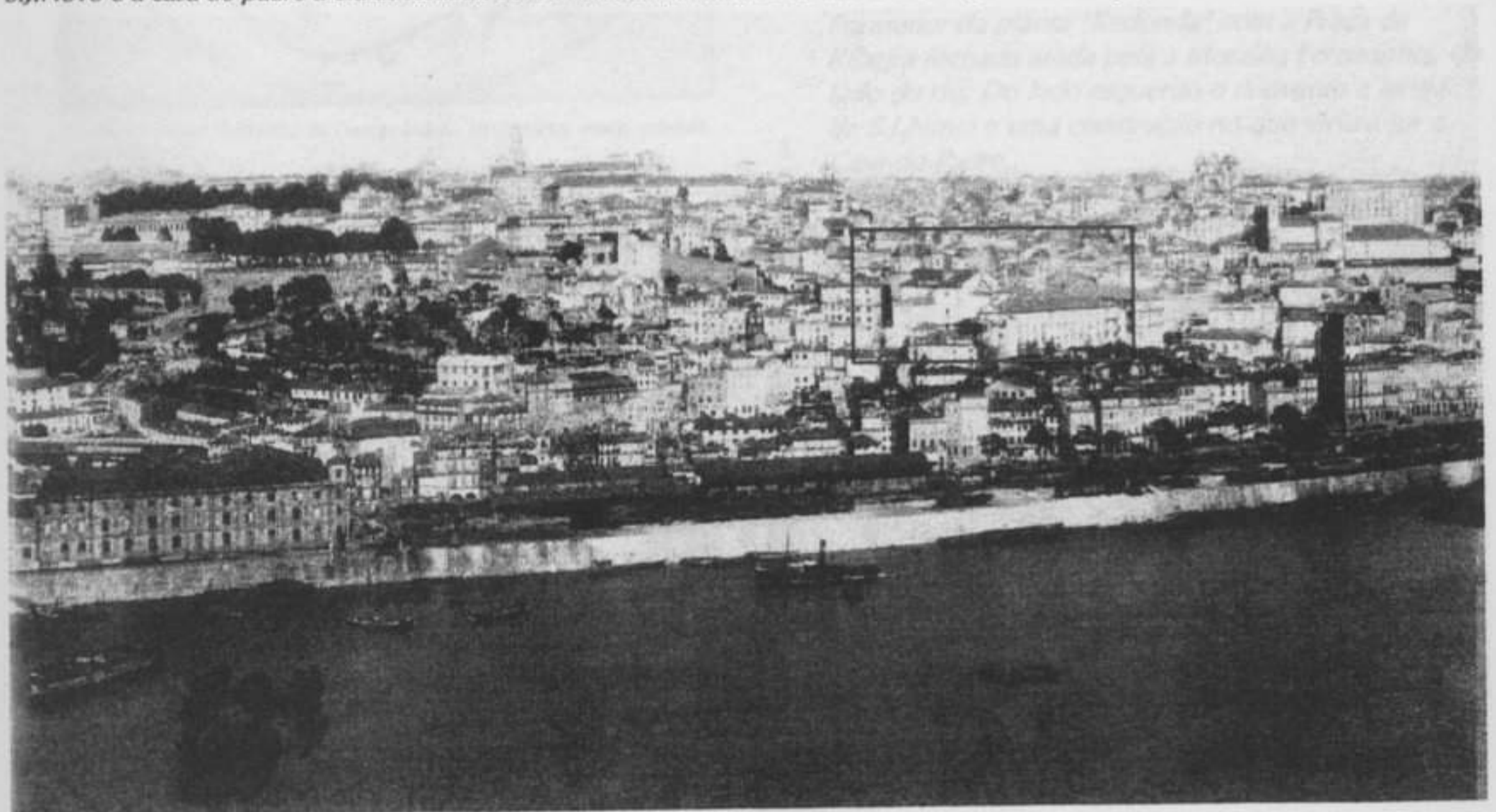
Desde a demolição de algumas das casas existentes para construção dos edifícios religiosos, da qual à documentos escritos comprovativos, que não houve alterações significativas na organização funcional e espacial deste sítio, apesar de naturalmente as funções dos espaços e as vivências terem sido em muito alteradas.

A poente a cidade expandiu-se além muros, deixando de ser este o limite urbano. Contudo esta manteve-se até aos nossos dias uma zona de bairro habitacional, com construções de pequena escala e ruas estreitas e íngremes, em continuidade do que já existia.



Reprodução de fotografia do Porto, tirada de nascente para poente, no princípio do séc, mas sem data precisa. Igreja e convento de S..J.Novo assinalados.

Outra imagem da cidade, posterior mas igualmente sem data precisa. Tirada de SO para NE. É possível ver em destaque a igreja de S.J.Novo e a casa do padre a ela adossada. Sobre a direita encontra-se ao alto a Sé e logo abaixo a igreja dos Grilos.



Plantas de representação da cidade

As representações da cidade do Porto, em plantas gerais que clarificassem a evolução do seu espaço urbano, são tardias e em número reduzido.

Assim, as considerações feitas sobre a consolidação do núcleo em que se integrou o convento e a igreja em causa, são fruto de elações tiradas de documentos escritos que provam que na altura da construção havia já um tecido urbano definido e coeso.

1-A mais antiga das plantas conhecidas é de 1813, conhecida por "Planta Redonda", da autoria de George Balck, assistente do Quartel Mestre General do exército britânico. Foi publicada em Londres, a 12 de Agosto de 1813 e ao que se julga, foi feita com fins militares durante a Guerra Peninsular.

2-Em todas as plantas é possível verificar que a malha urbana envolvente do conjunto de S. J. Novo era já no séc.XIX o que hoje conhecemos, sendo por último apresentada uma planta actual, da década de 90, editada pela Câmara Municipal do Porto - CRUAB.

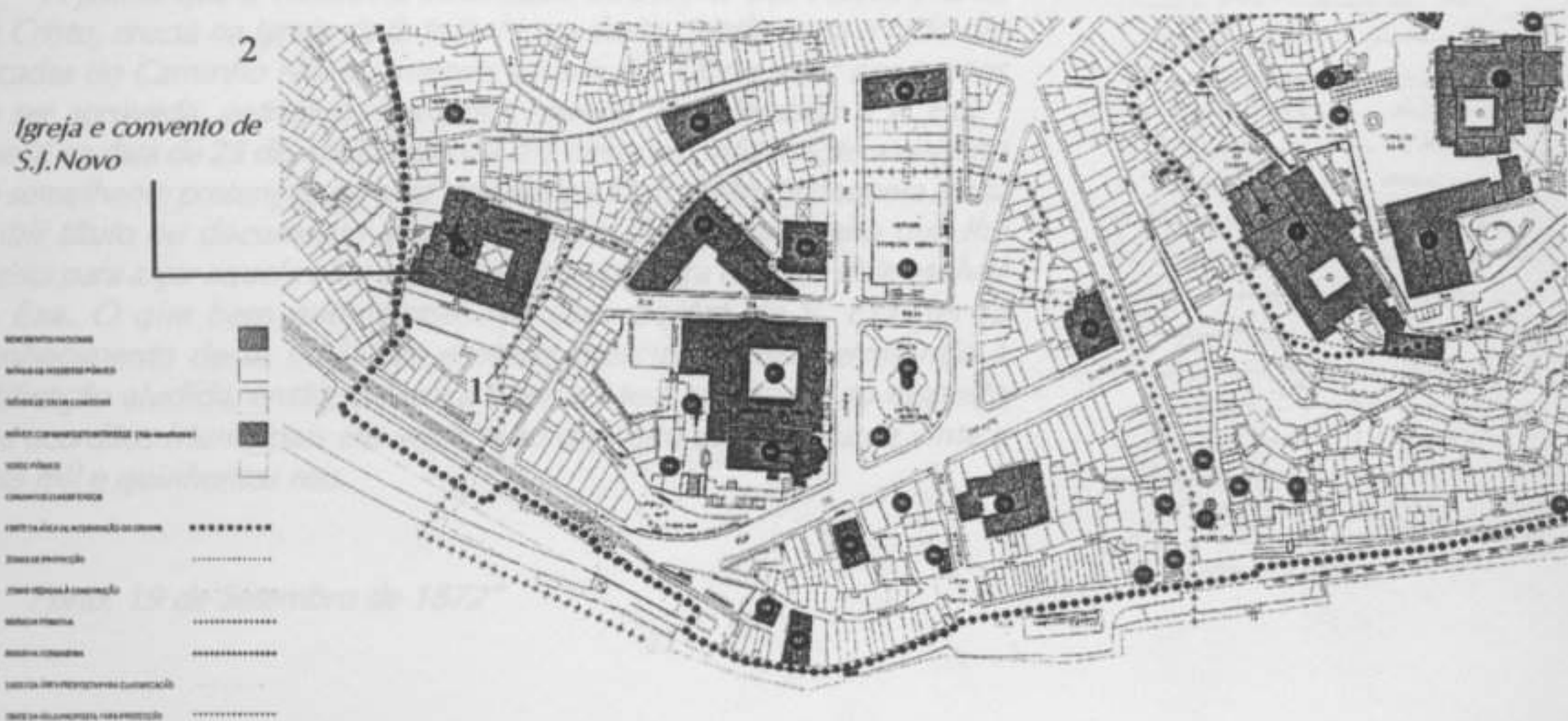
Nesta planta estão representados todos os monumentos da cidade e os limites da área classificada como Património Mundial, na qual se insere a igreja de S. J. Novo.



A famosa Planta Redonda, de George Balck, 1813, numa versão colorida, muito rara.



Pormenor da planta "Redonda" com a Praça da Ribeira fechada ainda pela a Muralha Fernandina, do lado do rio. Do lado esquerdo o convento e igreja de S.J.Novo e uma construção no que viria a ser a Casa do Padre.



Os documentos aqui apresentados fazem parte de um conjunto de elementos recolhidos no Arquivo Histórico do Porto, nos "Livros de Casas" que são compilações de cartas enviadas ao senado para pedidos de licenciamento ou qualquer outro assunto relacionado com a construção dentro da cidade, e das respostas e pareceres do Senado.

De todos os documentos respeitantes à edificação do conjunto foram retirados dados de extrema importância para elaboração do trabalho, quer para o conhecimento aprofundado do edifício, quer como suporte válido para uma intervenção esclarecida e fundamentada.

Apresento apenas um desses documentos por questões de sintetização dos dados recolhidos, tendo recaído a minha escolha sobre o que mais directamente relacionado está com a minha proposta de intervenção na Casa do Pároco, apresentada adiante, quanto mais não fosse pelo facto de ser o único com elementos gráficos, com todo o poder atractivo que têm sobre nós, arquitectos.



É dito na carta:

Exma. Câmara

"Diz a Mesa da Venerável Irmandade do Senhor dos Passos e Cruz de Cristo erecta na Igreja de S. João Novo desta cidade, que achando-se quase construído no seu terreno um acréscimo em continuação do seu edifício, conforme a licença obtida por esta Exma. Câmara, e se tem pago, vem submeter o aluguer do terreno da dita obra, precisa agora a aprovação da planta junta, faltando unicamente para completar a dita obra as quatro janelas indicadas na mesma planta e que faccia para as escadas do Caminho novo, cuja obra será para casa de secretaria e guarda de alfaias da mesma irmandade, e por isso

pedirei a V. Exa. Se dignem defirir conforme requerem.

Porto, 12 de Setembro de 1872"

Tendo obtido como resposta:

"A planta que a venerável Irmandade do Senhor dos Passos e Cruz de Cristo, erecta na Igreja de S. João Novo desta cidade, para o lado das escadas do Caminho Novo, entende a Junta das Obras estar nos termos de ser aprovada, entretanto cumpre à mesma junta lembrar a V. Exa., que já na data de 25 de Abril último se lhe oferecem informação a respeito de semelhante pretensão na qual manifesta a conveniência daquela Mesa exhibir título ou documento que mostra-se a V. Exa. o direito que lhe assista para alçar aquela obra sobre o dito muro, para em face dele esolver V. Exa. O que bem entendesse. No caso porém de V. Exa. ter já conhecimento desse título em entenda prescindir dele permitindo à edificação aludida, então, deverá a mesma Mesa sujeitar-se ao disposto nos acordãos Municipais em vigor, e ao depósito da garantia de vinte e dois mil e quinhentos reis.

Porto, 19 de Setembro de 1872"

Handwritten text in Portuguese, likely a response or official communication from the Câmara Municipal. It discusses the request for approval of the building plan and mentions the need for a title or document to justify the construction on the wall.

Handwritten text in Portuguese, likely a response or official communication from the Junta das Obras. It mentions the date of 25th of April and the information provided regarding the request for approval of the building plan.

Handwritten signature and date at the bottom of the second document, including the name 'João de S. João' and the date '19 de Setembro de 1872'.

Cronologia da Construção do Edifício e Intervenções Posteriores

Como foi já referido anteriormente os Agostinhos compraram algumas casa no local da fundação do convento, por necessidade de espaço para o erigir, mas provavelmente também por necessitarem de residência até o convento estar construído.

Na realidade, há documentação que prova que se instalaram nas ditas casas, desde a sua chegada ao Porto em 1593, até estar construído o dormitório, que foi a primeira fase da obra e teve início em 1613. As obras do novo convento duraram todo o séc.XVII.

Naquelas casas foi também estabelecido o oratório, até à data em que foi entregue aos Agostinhos a capela de S. J. Baptista do Belomonte em 1602, que até à construção da igreja definitiva, funcionou como igreja conventual.

A construção da igreja que chegou aos nossos dias começou em 1672, no dia 7 de Agosto, como lançamento da primeira pedra presidido pelo bispo do Porto. Até ao fim desse século e durante praticamente todo o séc.XVIII, a igreja foi crescendo, com todas as dificuldades inerentes a uma obra desta dimensão.

Segundo dados recolhidos das actas do III Colóquio Luso Brasileiro de História de Arte, proferidas pelo Prof. Dr. J. J. Ferreira -Alves, a cronologia da evolução da obra foi a seguinte:

1672 a 1681 – As obras começaram pelo lado sul, ou seja pela capela mor e primeiro tramo da nave, sacristia e anexos e por um muro onde hoje se ergue a fachada da Casa do Pároco, sob orientação de Fr. Manuel da Trindade que governava os destinos do convento na altura.

1683-1687 – É fechada a abóbada do cruzeiro, são construídas as paredes e capelas laterais dos segundo e terceiro tramos, dos Passos e de S. Nicolau, fechou os arcos e a cobertura respectiva, construiu o altar mor com escadaria em pedra e ladrilhou o pavimento, sob orientação de Fr. Miguel dos Santos Agostinho.

1688-1705 – Não há referência a obras realizadas neste periodo.

1706-1709 – Durante o mandato de Fr. João Brandão deu-se a continuação das obras da paredes lateral poente, da capela dos Passos, até ao cunhal da torre junto ao postigo de N. S^a. da Esperança.

1710-1718 – Completou-se o lado nascente até ao frontespício, o coro e passagens e nichos superiores entre outras obras de talha dourada nas capelas, primeiro com Fr. João Vasconcelos e depois com Fr. José da Conceição.

1726 – São contratados os mestres pedreiros António da Silva, Domingos Pinto e Pedro Pereira para erguer a fachada, que após interrupções e diferentes mestres pedreiros foi concluída em 1781 pelos mestres Veríssimo da Costa e Manuel João da Silva, contratados pelo priorado de Fr. José de S. João.

1834- A área do convento fica devoluta após a extinção das Ordens religiosas.

1863 – É instalado no edifício do convento o Tribunal Criminal e Correccional do Porto, facto que introduz alterações na igreja por encerramento de todas as ligações entre a zona conventual e a zona de culto.

1995 – Obras de conservação pontuais na cobertura da igreja, substituição da cobertura da sacristia e rebocos exteriores da igreja.

1998 – Obras na cobertura da capela-mor e cruzeiro. Tratamento das paredes exteriores da Casa do Padre, com novo reboco e pintura.

Descrição do Edifício

A fachada

A frontaria da igreja, influenciada pela majestosa fachada do Colégio de S. Lourenço da Companhia de Jesus, embora mais singela, apresenta semelhanças estruturais e na linguagem decorativa de acentuado gosto barroco. Nem de uma nem de outra obra se conhecem os autores do traçado.

A fachada dos Agostinhos apresenta grande verticalidade dividindo-se horizontalmente em três níveis, estando os dois primeiros sub-divididos verticalmente por quatro pilastras, em cinco panos distintos. O inferior tem como base um estilóbato que é interrompido para receber as pilastras toscanas e as colunas que ladeiam a portada. No pano central, abre-se o vão do portal, rematado por um frontão triangular enquadrado por duas colunas que sustentam o frontão curvo interrompido que o contém. O conjunto é rematado por um pequeno frontão triangular e um coração trespassado por setas, símbolo da Ordem dos Agostinhos.

Nos panos intermédios abrem-se duas janelas, que muito provavelmente terão sido portas posteriormente fechadas, dado o modo improvisado como estão rematadas. Estes vãos são rematados por frontões curvos que se repetem no nível superior.

Ao segundo nível o entabelamento das torres sineiras apresenta duas janelas de verga recta rematadas por frontões, os inferiores triangulares e os superiores curvos. Nos panos intermédios dois vãos rematados por óculos cegos emoldurados com elementos claramente de enquadramento barroco, são encimados ao nível do terceiro nível com frontões curvos interrompidos em que assentam candelábros-fogareús sobre um pedestal.

O pano central, o mais alto dos três, reforça a noção de verticalidade de toda a fachada e contém uma ampla janela coroada por uma águia bicéfala e por um nicho que abriga Santo Agostinho. No topo o remate é feito por um frontão curvo interrompido onde assenta a cruz.

Nos panos exteriores as torres sineiras elevam-se rematadas por cúpulas de pedra com pináculos no topo e nos extremos da base.

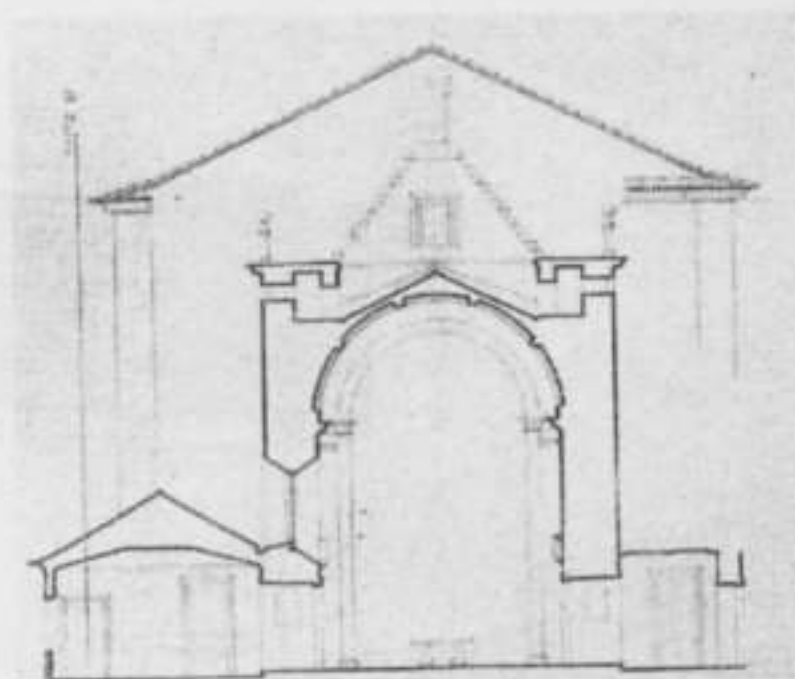
As actuais caixilharias de madeira e vidro foram certamente uma intervenção posterior, sendo mais provável que originalmente os vãos fossem encerrados por grades de ferro e portadas interiores de madeira.

O Interior

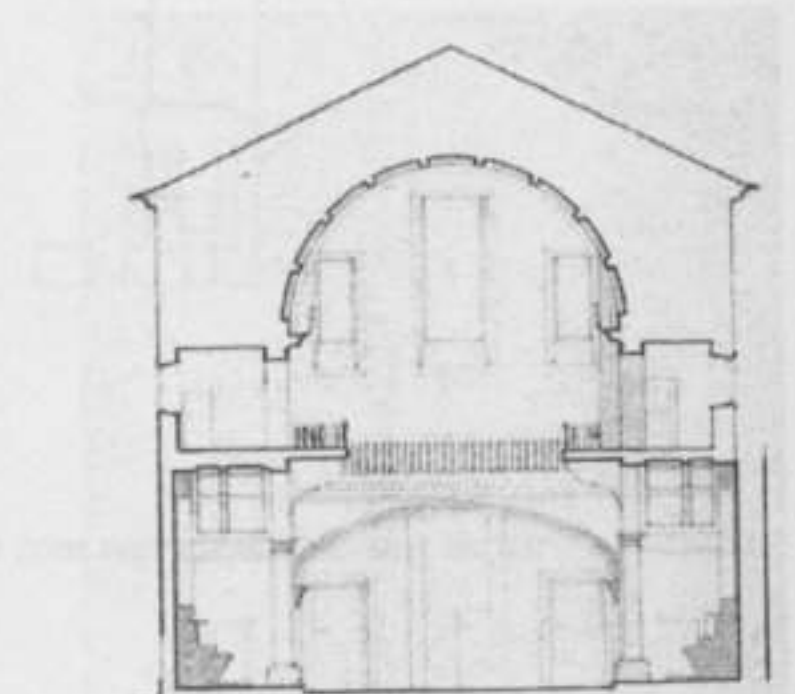
A capela-mor é coberta por uma abóbada de pedra, em caixotões ostentando os centrais emblemas e legendas. Abrem-se nas paredes laterais quatro portais, dois com frontões semi circulares e outros dois com frontões interrompidos, de acesso à sacristia a poente e para as salas da confraria a nascente. São decorados com legendas e emblemas relativos à virgem, a S. Agostinho e a s. Patrício. Há também um painel em estilo rocóco, mandado fazer por D. Frei António de Sousa, da autoria de João Glama. O retábulo de 1700, em talha dourada com grande riqueza decorativa, é de risco de João Pereira dos Santos e executado por Filipe da Silva, que fez também a tribuna da capela-mor, e integra-se no chamado barroco de estilo joanino.



Fachada da igreja de S.J. Novo



Corte Transversal pelo altar-mor e pela sacristia



Corte Transversal pela nave da Igreja

No cruzeiro de braços curtos, a abóbada esférica de nervuras e caixotões antecede os braços do transepto, de abóbadas cilíndricas também com caixotões.

Nos topos grandes retábulos em talha dourada, com colunas salomónicas e grande profusão decorativa emoldurados por cantaria de granito. No altar da esquerda encontra-se a imagem de N. Sr^a. do Rosário e no da direita o de N. Sr^a. da Conceição. Na transição entre o transepto e a nave, dois púlpitos com baldaquino em talha dourada.

A nave da igreja é coberta por uma abóbada de caixotões de granito, o coro é sustentado por uma abóbada tricêntrica e por um arco muito largo assente em grossa pilastras e tem um órgão do lado esquerdo.

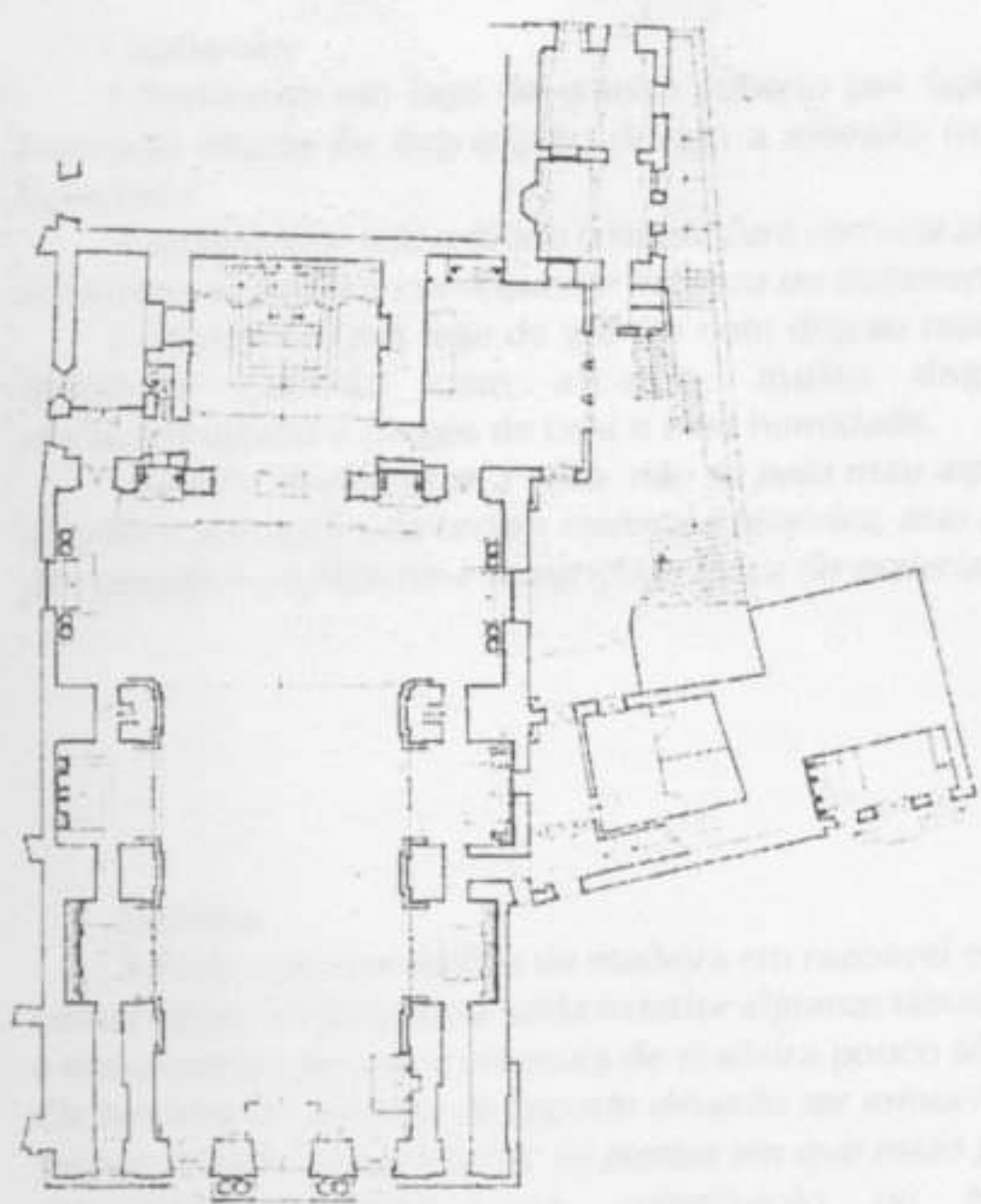
De cada lado da nave encontram-se duas capelas intercomunicantes, separadas por pilastras encimadas por nichos com sobre céu em concha. As capelas são abobadadas e contêm retábulos seiscentistas, em talha.

Duas das capelas, a de Santa Rita de Cássia e a de S. João Baptista são barrocas e as outras duas, do Sr. dos Passos e do Sagrado Coração de Jesus, são neoclássicas, da autoria de Manuel da Fonseca. De referir os azulejos de 1741 da capela de S. Rita de Cássia, azuis e brancos, da autoria de Bartolomeu Antunes. modilhões ritmados com as abóbadas.

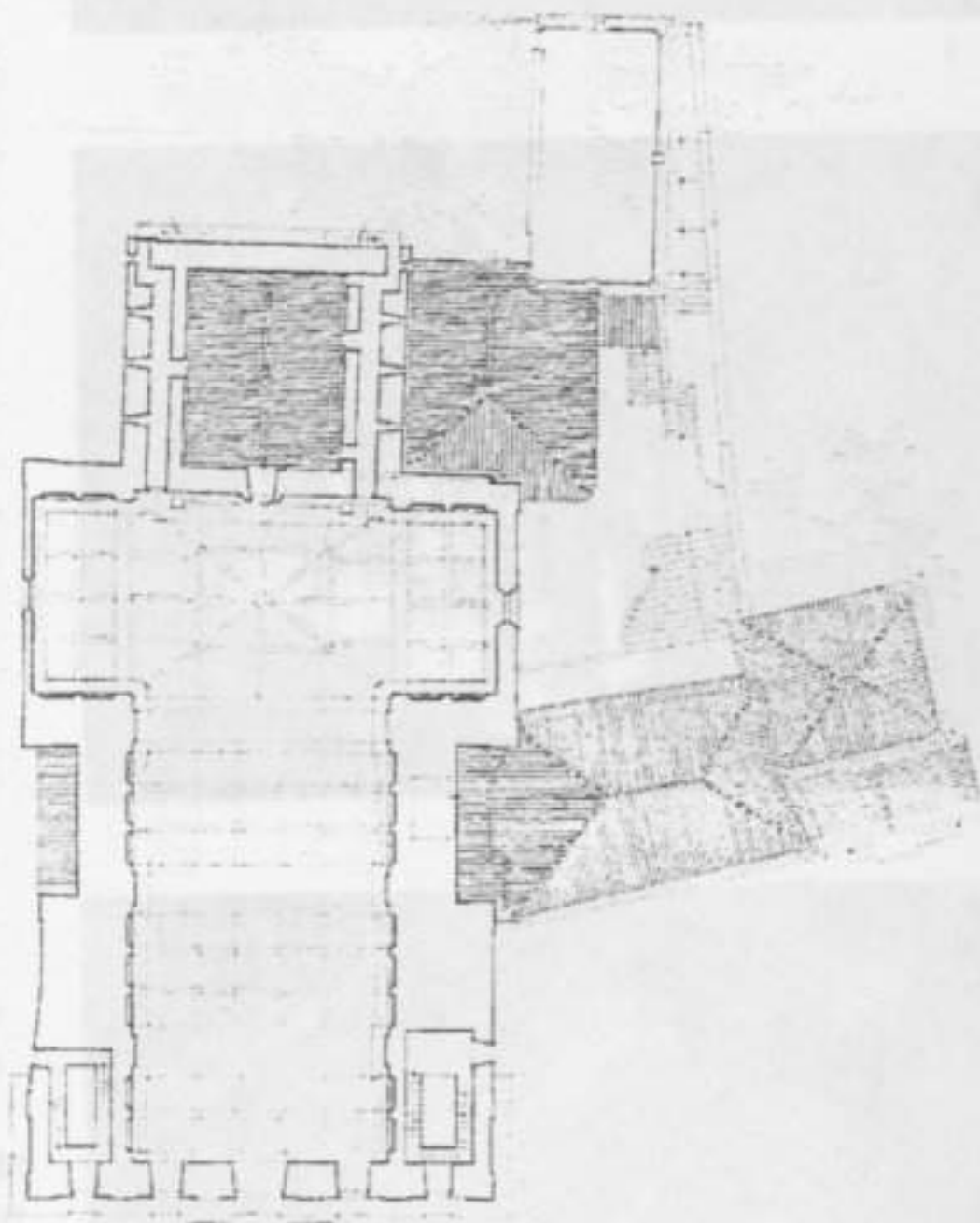


Exterior do topo poente do cruzeiro, voltado ao pátio interior.

Reprodução do levantamento existente na DREMN, da Igreja e Casa do Padre



Planta do piso térreo



Planta do alta com representação dos tectos

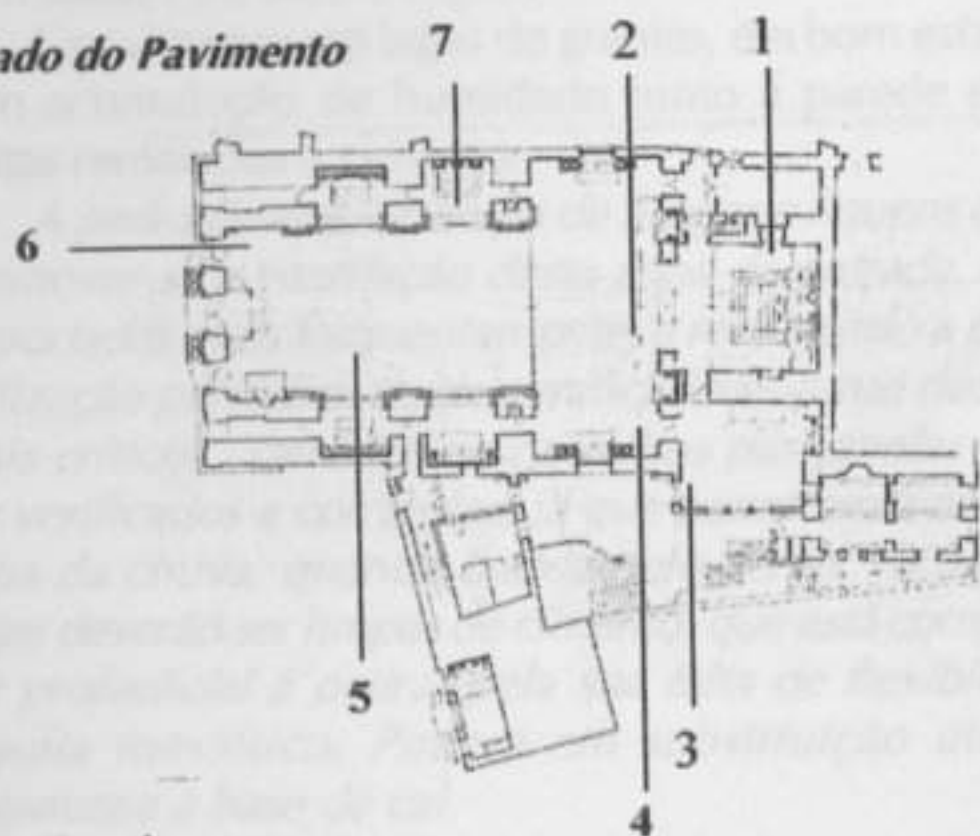
Análise do Estado Actual de Conservação e Proposta de Soluções

Esta fase do trabalho consiste na detecção e registo das patologias presentes no edifício, num levantamento geral dos pontos críticos e de maior urgência. Devem estes ser submetidos a uma análise rigorosa por parte de técnicos qualificados e com meios tecnológicos adequados, com o rigor científico devido, para que a intervenção seja eficaz, precisa e adequada a cada uma das situações.

A análise será exposta separadamente para cada um dos elementos da igreja, transpondo o método seguido na análise "in loco". O objectivo foi conseguir um resultado o mais completo possível de uma forma clara, que permita a rápida localização de cada problema numa futura intervenção de recuperação.

As propostas de soluções foram baseadas e fundamentadas em trabalhos elaborados por técnicos especializados e no resultado da discussão de cada um delas com profissionais experientes em intervenções desta natureza.

Estado do Pavimento



Capela-mor

1-Pavimento em lage de granito coberto por tapete em avançado estado de degradação devido a elevado índice de humidade.

É urgente que seja retirado o tapete para correcta avaliação do estado da pedra e conseqüente limpeza ou tratamento.

2- Pavimento em lage de granito com degrau maciço em mármore coberto com alcatifa, muito degradada com queimaduras e pingos de cera e com humidade.

A pedra deverá ficar à vista, não só pelo mau aspecto da alcatifa e por razões de ordem estética e histórica, mas também por questões de higiene e integridade física do material.

Sacristia

3-Pavimento em soalho de madeira em razoável estado de conservação, tendo junto à saída exterior algumas tábuas podres e encontrando-se com a estrutura de madeira pouco sólida.

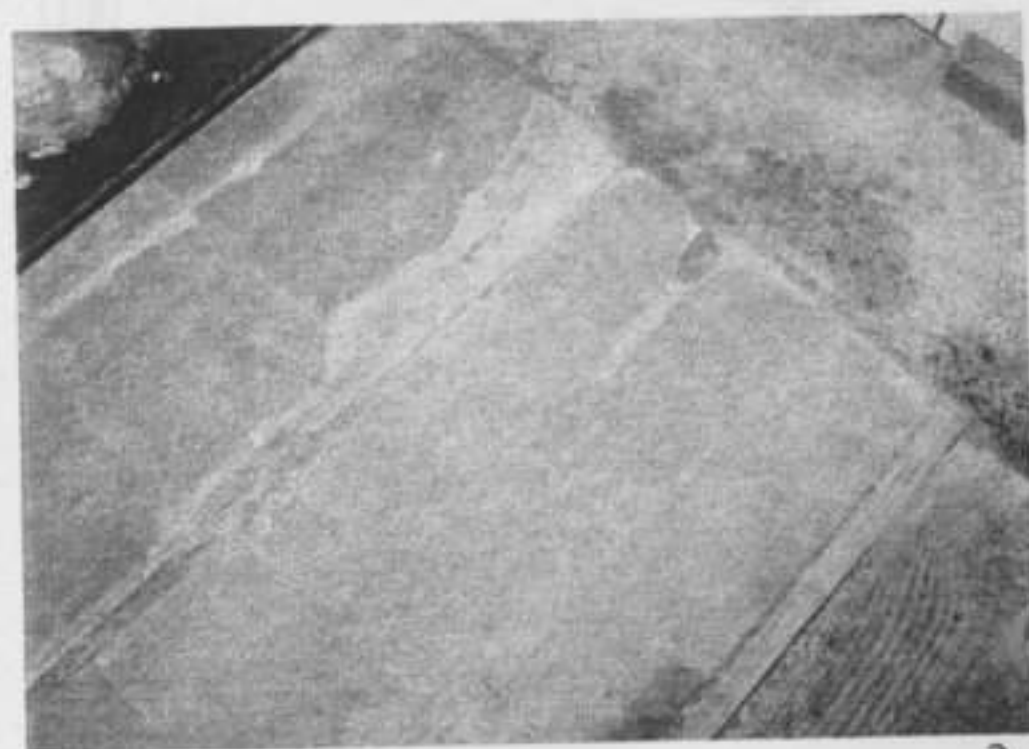
Os barrotes de madeira de suporte deverão ser minuciosamente inspeccionados para detectar os pontos em que estão podres ou infectados e proceder à sua substituição ou tratamento consoante a gravidade de cada situação. Deverá ser feito um tratamento para o bicho da madeira em todos os elementos da estrutura.



1



2



3

Cruzeiro

4-Pavimento em soalho de madeira encerado, mais recente que o da sacristia, em bom estado de conservação, apresentando um abatimento junto à porta da sacristia, na junta com o respirador.

Deve ser consolidado o pavimento e proceder à verificação e eventual desobstrução dos sistemas de ventilação existentes.

Nave

5-Pavimento em soalho de madeira em espinha em bom estado de conservação.

6-pavimento em lages de granito, em bom estado mas com acumulação de humidade junto à parede exterior, juntas rematadas a cimento.

A pedra deverá ser limpa de fungos e líquens e deverá promover-se a ventilação desta zona de entrada, abrindo as portadas mais frequentemente, e recorrendo a eventual utilização periódica de desumificadores junto dos pontos mais críticos. Também os caixolhos das janelas deverão ser verificados e corrigidos, já que permitem a entrada de água da chuva, quando batida pelo vento. As juntas das lages deverão ser limpas de cimento, que está comprovado ser prejudicial à pedra, pela sua falta de flexibilidade e resulta inestético. Poderá em substituição utilizar-se argamassa à base de cal.

Capelas

7-Pavimento em mosaicos coloridos em razoável estado de conservação, com alguma acumulação de cera das velas.

Deverão ser pensados e desenhados novos suportes para velas, mais eficazes na contenção da cera derretida.

Acessos

8-Pavimento com lages de granito, todos em bom estado de conservação mas com acumulação de detritos por falta de utilização e limpeza.

Deve promover-se uma limpeza periódica desta zona menos utilizadas. O controlo da entrada de pombos por vidros partidos ou frestas desprotegidas é condição essencial para manutenção da limpeza.

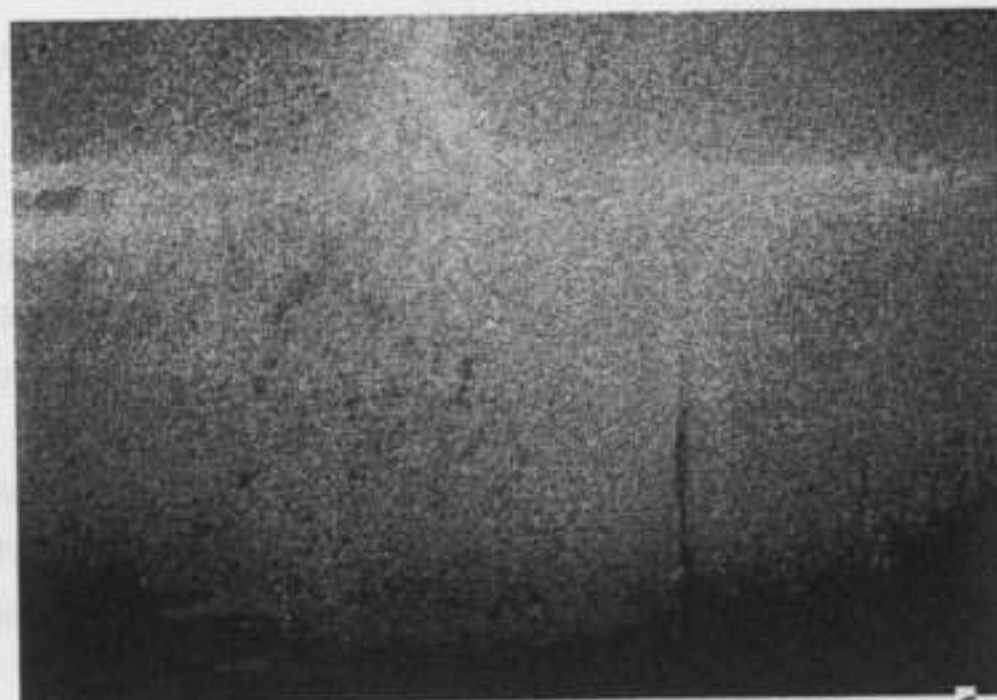
Coro

9-Pavimento em lage de granito em bom, grande acumulação de detritos, em estado de abandono. Existência de uma carpete de grandes dimensões coberta por plástico a necessitar de urgente restauro.

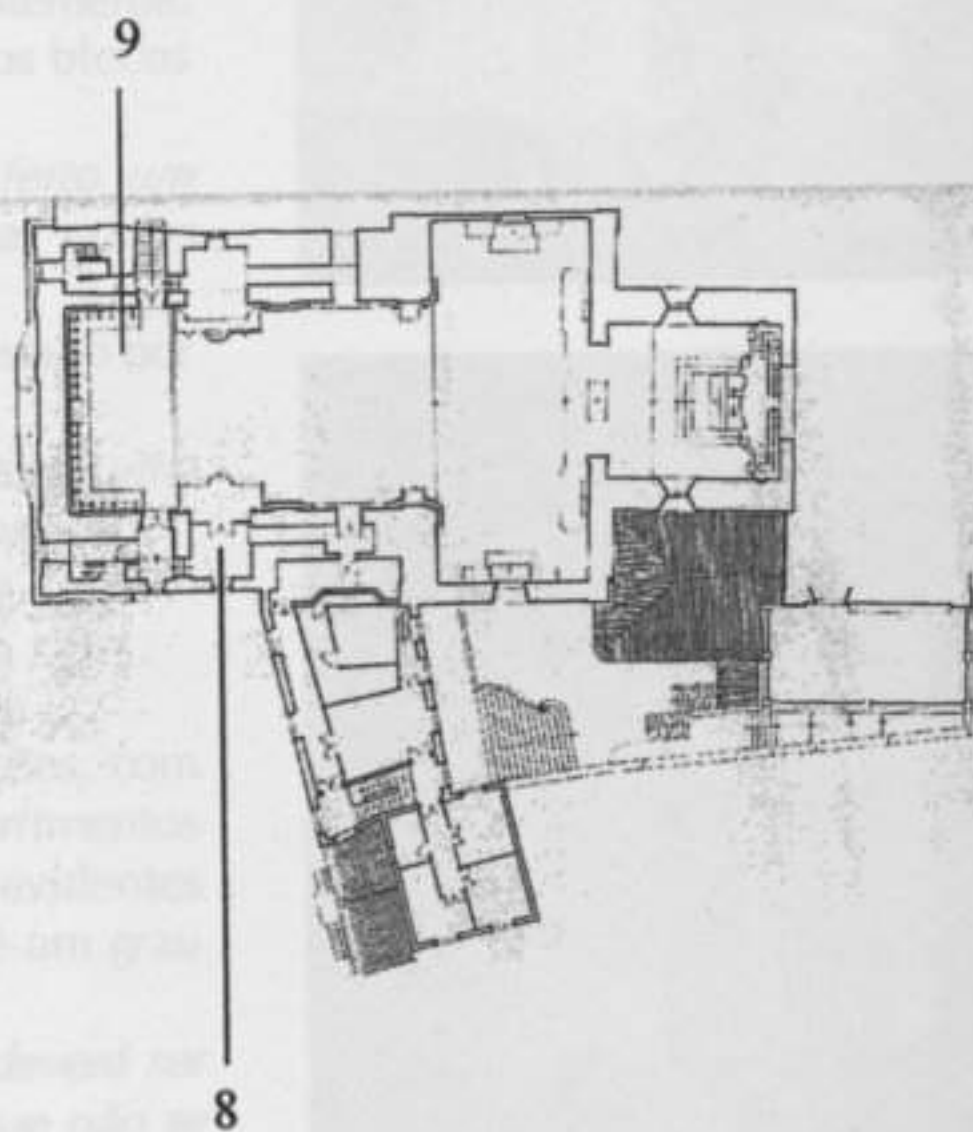
A carpete deverá ser retirada para limpeza e tratamento da pedra, por métodos não abrasivos e de preferência sem químicos. Só deve ser recolocada depois de restaurada, sobre um tapete de um material não plástico, periodicamente enrolada para ventilação do pavimento e exposta a um desumificador para manter baixo o índice de humidade.



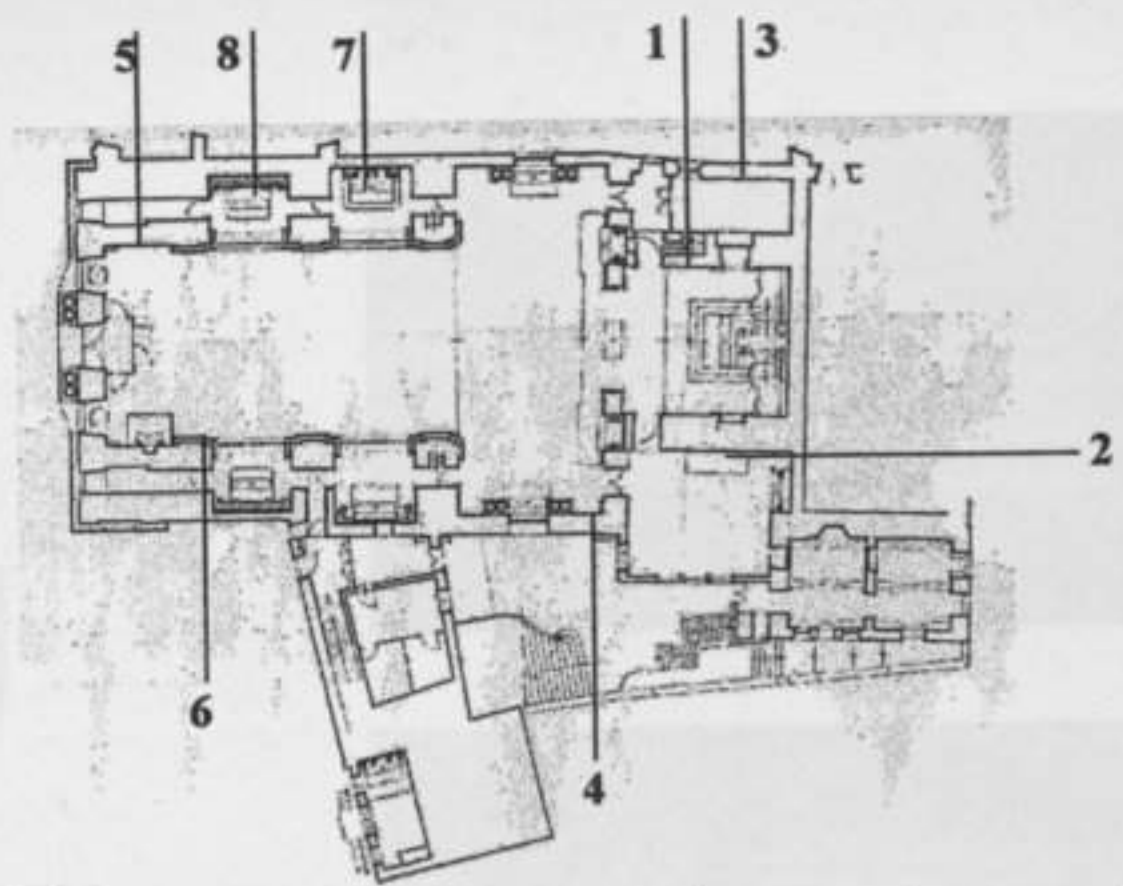
4



6



8



Estado das paredes e revestimentos

Por as paredes se encontrarem totalmente revestidas, a análise recai apenas sobre o estado do revestimento. Sendo que os sintomas por este apresentados são consequência do estado de conservação dos blocos de granito que têm por base, o seu estado real só se determinará com uma sondagem.

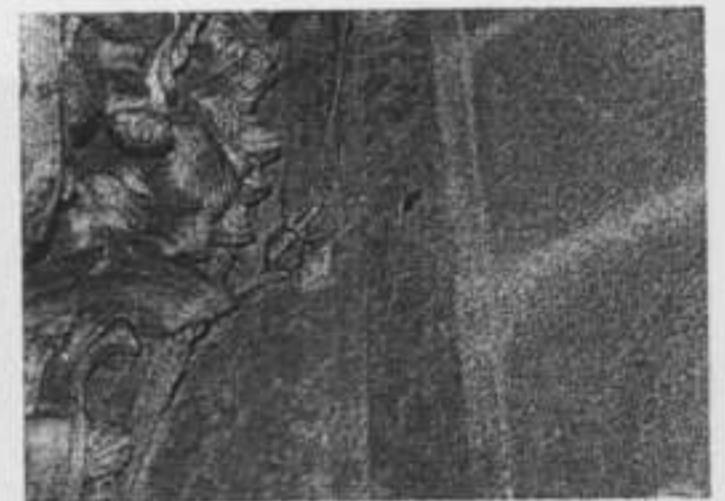
A técnica de revestimento utilizada em toda a igreja é a do reboco de areia e cal revestido com pinturas "Trompe d'oeil" ou de "fingidos". Todas as paredes estão pintadas de modo a parecer mármore, quando na realidade são de blocos de granito.

O restauro deste revestimento é de difícil execução e exige experiência e conhecimentos técnicos específicos.

Capela-mor

1-Os revestimentos apresentam grande índice de humidade em determinados pontos, apresentando descoloração e bolsas de desprendimento, resultantes de infiltrações de águas pluviais por deficiente drenagem das coberturas.

Das zonas degradadas deverá ser removido o reboco solto, num perímetro alguns centímetros mais largo, limpo de poeiras e outros detritos e novamente rebocados e pintados com as técnicas adequadas.

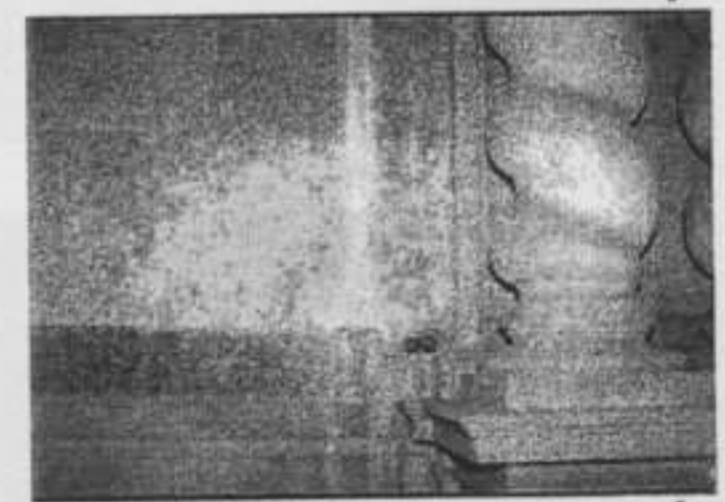


1

Sacristia

2-Paredes em bom estado tendo sido efectuadas obras recentemente. A passagem da sacristia para o altar-mor apresenta as juntas dos blocos de granito rematadas a cimento.

O cimento das juntas deverá ser retirado. Deve ser feito um enchimento com uma argamassa à base de cal, pelas mesmas razões acima referidas.



4

3-A nascente, na sala da confraria, revestimentos em mau estado por escorrimento de águas pluviais.

As paredes deverão ser picadas e rebocadas de novo com uma argamassa sem cimento. A pintura a branco deverá ser feita com cal.

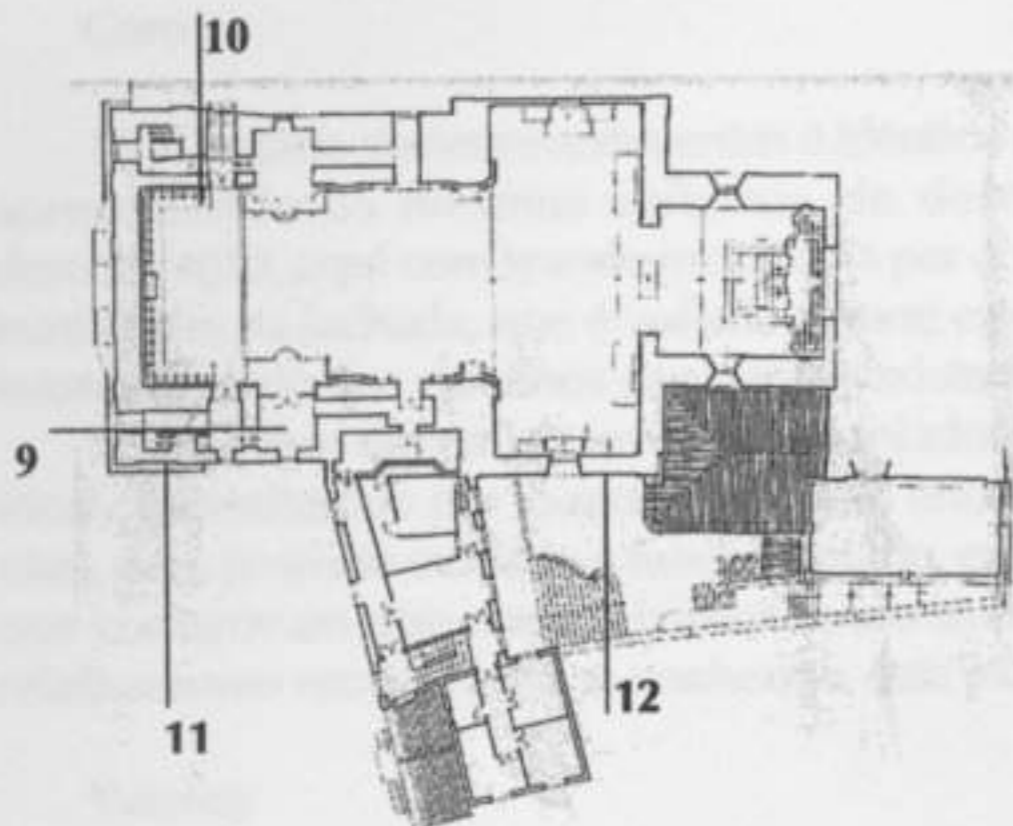
Cruzeiro

4-O revestimento encontra-se em mau estado por infiltrações, com desprendimento e desintegração do material, e marcas de escorrimentos provenientes da cobertura. A pedra do cunhal apresenta sinais evidentes de arenização, também por acção da humidade, o que prevê um grau elevado de permeabilidade da parede suporte.

Depois de resolvido o problema da infiltração a pedra deverá ser limpa e tratada com processos criteriosamente escolhidos, que não se traduzam na aceleração do processo de decomposição. Deverá ser conhecida a composição química precisa desta pedra, antes de se optar por um processo químico.



4a



Nave principal

5-A entrada, sob o coro é a que apresenta maiores problemas, apresentando desprendimentos em três pontos diferentes e fungos instalados nas ombreiras das portas. Também as madeiras que rematam os muros construídos para fechar as portas laterais da fachada, estão em elevado estado de degradação com humidade e fungos.

As madeiras deveriam ser retiradas, já que são um "acrescento" mal conseguido e com problemas de conservação.

6-As pilastras de granito que ladeiam as capelas apresentam preenchimentos a cimento de falhas da pedra, que representa uma intervenção descuidada e insensível.

O cimento deveria ser cuidadosamente retirado. As falhas por serem relativamente pequenas não terão provavelmente dimensão para serem preenchidas com pedra nova, pelo que proponho que se assumam, sendo preferível existir uma falha natural numa pedra com séculos de existência a remendá-la com cimento, um material perfeitamente "intruso" nesta construção.

Capelas laterais

7- Na generalidade apresentam um bom estado de conservação, excepto nos casos em que a deficiente instalação eléctrica provocou danos.

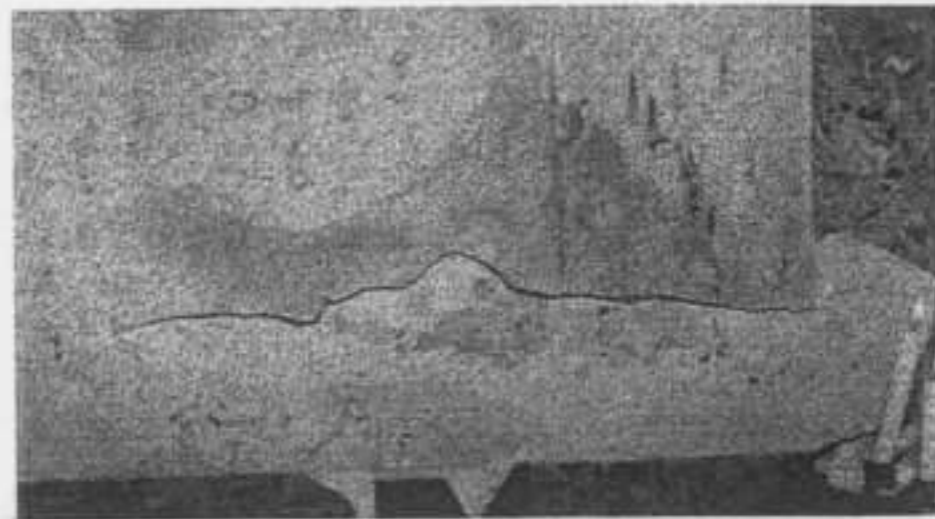
A lavagem cuidada e retoque de pintura serão suficientes.

8-Os azulejos de séc, XVIII da capela de S. Rita apresentam bom estado de conservação.

Acessos

9-Na generalidade estão em bom estado mas muito sujos, com excepção do acesso à tribuna do lado direito, em que o revestimento está completamente desfeito deixando à vista a estrutura de madeira da parede. Em alguns pontos foi feita manutenção com pintura sobre os fingidos de pedra.

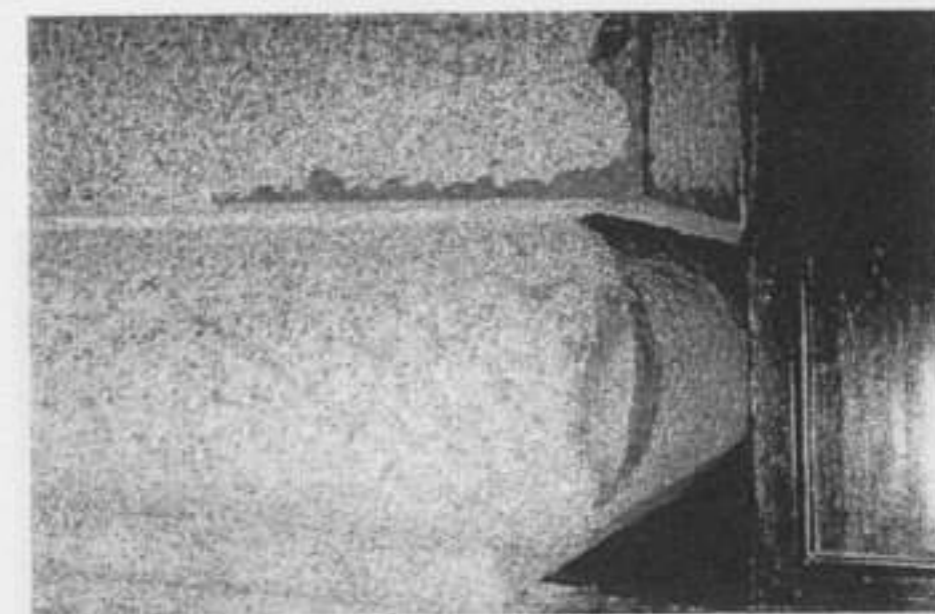
A parede deverá ser restaurada mantendo –se a sua técnica de construção original. As lacunas da pintura deverão ser restauradas já que estas manchas são apenas testemunhos de negligência ou falta de conhecimento e sensibilidade.



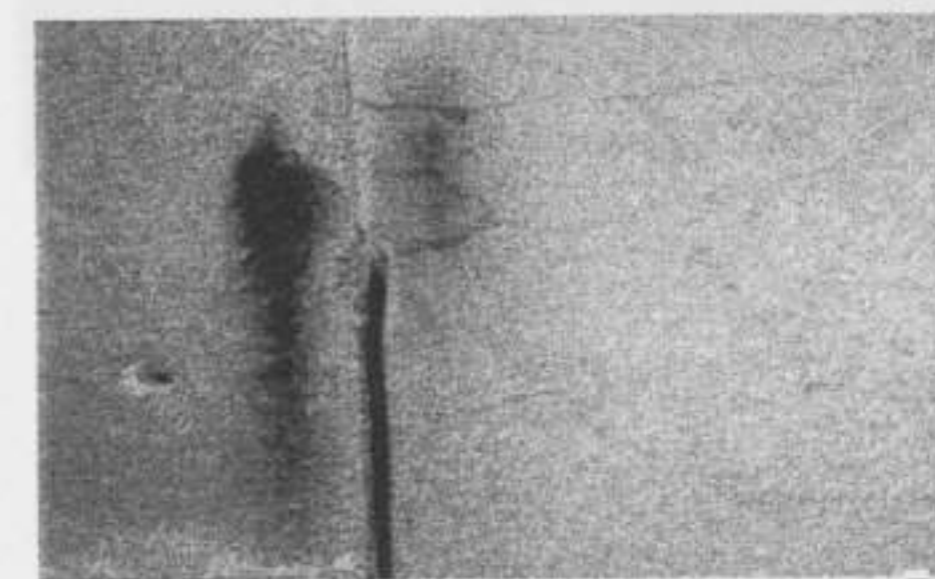
5



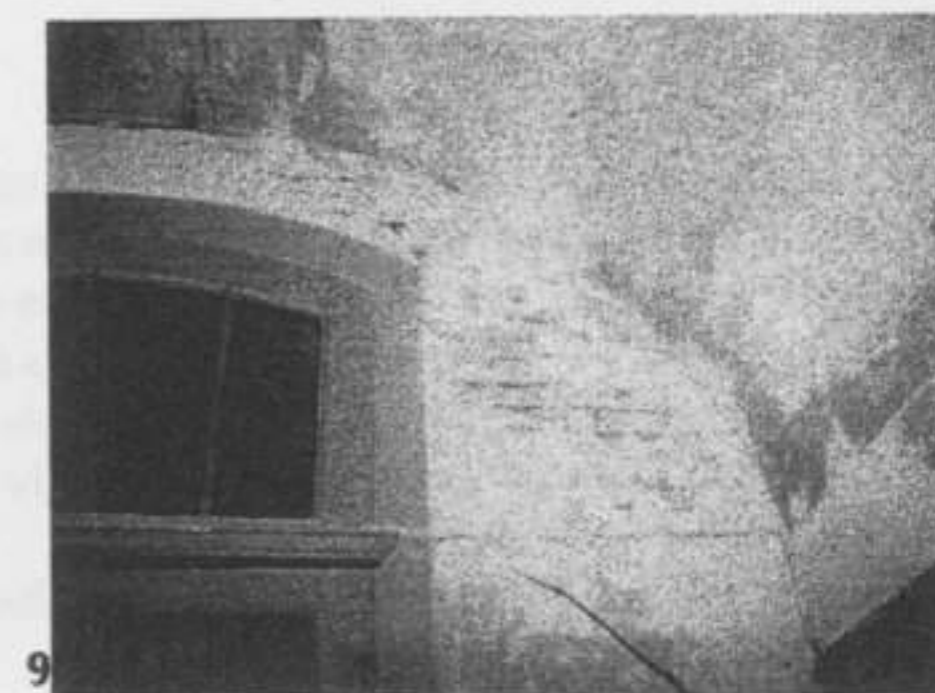
5a



6



7



9

Coro

10- O estado destes revestimentos é idêntico aos restantes, apresentando os mesmos sintomas de descolamento e descoloração, aqui com grande incidência por acumulação de humidades na fachada, que é voltada a norte e por deficiente estanquicidade dos caixilhos das janelas existentes.

Os caixilhos devem ser revistos e arranjados ou, a solução ideal, substituídos por outro sistema de encerramento dos vãos, num projecto cuidado e fundamentado, em documentos que comprovam que estes caixilhos foram uma intervenção relativamente recente (não se conhece a data exacta).

Exterior

11-As paredes foram recentemente rebocadas e pintadas não apresentando qualquer tipo de deficiências. De referir que o embasamento em granito apresenta desenhados de "graffitis".

O processo de remoção de "graffitis" tem-se demonstrado difícil e em poucas situações eficaz. A utilização de productos químicos, sem dúvida a mais eficiente na remoção dos pigmentos de tinta da superfície, têm tido resultados adversos sobre a pedra e argamassas contribuindo para a infiltração do pigmento nos poros, ficando mais profundos.

O decapante à base de água e trisódio de fosfato ou pasta de hidróxido de sódio em argila, que decompõe a tinta, e que depois é retirada com espátula ou escova e lavagem com sabão de PH neutro, é o processo mais seguro, apesar de muitas vezes não ser 100% eficaz.

12-Na parede poente do cruzeiro foi aplicada uma argamassa à base de cimento que poderá estar na origem dos problemas de humidade nesta zona, por efeito de barreira ao arejamento natural deste tipo de paredes.

A solução poderá passar por picar a parede e voltar a rebocar com argamassa de saibro e cal.



11



11a

Estado dos Tectos

Capela-mor, Nave e Cruzeiro

De modo geral os caixotões de granito encontram-se em bom estado de conservação, apesar de apresentarem algumas fracturas, que poderão resultar de ligeiros movimentos de abatimento da estrutura ou de movimentos internos da pedra, mas que deverão ser medidas e estudadas para saber em rigor a sua origem e possíveis consequências. No fecho do arco correspondente à capela -mor apresenta-se uma fractura das pedras de fecho, que poderá ser consequência de movimentos de descompensação de forças. Actualmente para compensar o movimento de tracção está construída uma viga em betão armado ligada à estrutura da abóbada de pedra por um "gato".

O estado actual deverá ser devidamente analisado e avaliada a evolução e possíveis consequências.

Sacristia

1-O tecto da sacristia apresenta bom estado de conservação. A sala da confraria tem graves problemas de infiltrações de água de um compartimento superior que pertence ao tribunal, apresentando riscos de colapso em dois pontos diferentes. É já possível ver desta sala o pavimento de soalho da sala superior.

Penso que a solução seria retirar todo o tecto da sala, tratar a estrutura de suporte do piso superior e voltar a fazer o tecto, com a mesma técnica e utilizando os mesmos materiais. Só terá sentido fazer esta obra depois da causa estar resolvida, ou seja, depois de colmatado o problema das infiltrações.

Acessos

2-No patamar de acesso à tribuna do lado poente, a abóbada apresenta grandes infiltrações e degradação do revestimento.

Estado das Coberturas

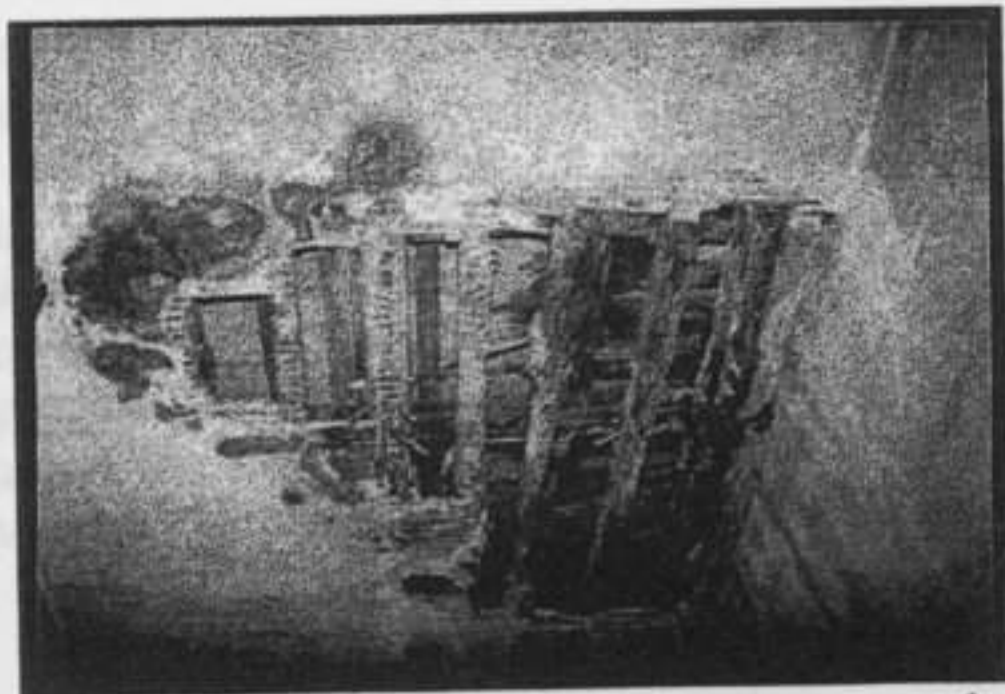
1-As coberturas estão actualmente a ser alvo de obras de recuperação. Estão a ser revistos os escuamentos e condução das águas pluviais que são o seu maior problema, bem como a substituição de telhas em mau estado e tratamento e limpeza das restantes.

O sistema mais aconselhado será a lavagem com uma escova de plástico e um sabão de PH neutro, para remoção de líquens e fungos, bem como de ervas e outros tipos de detritos, que para além de degradarem a argila da telha, dificultam o natural escoamento da água contribuindo para a sua acumulação e passagem para o interior.

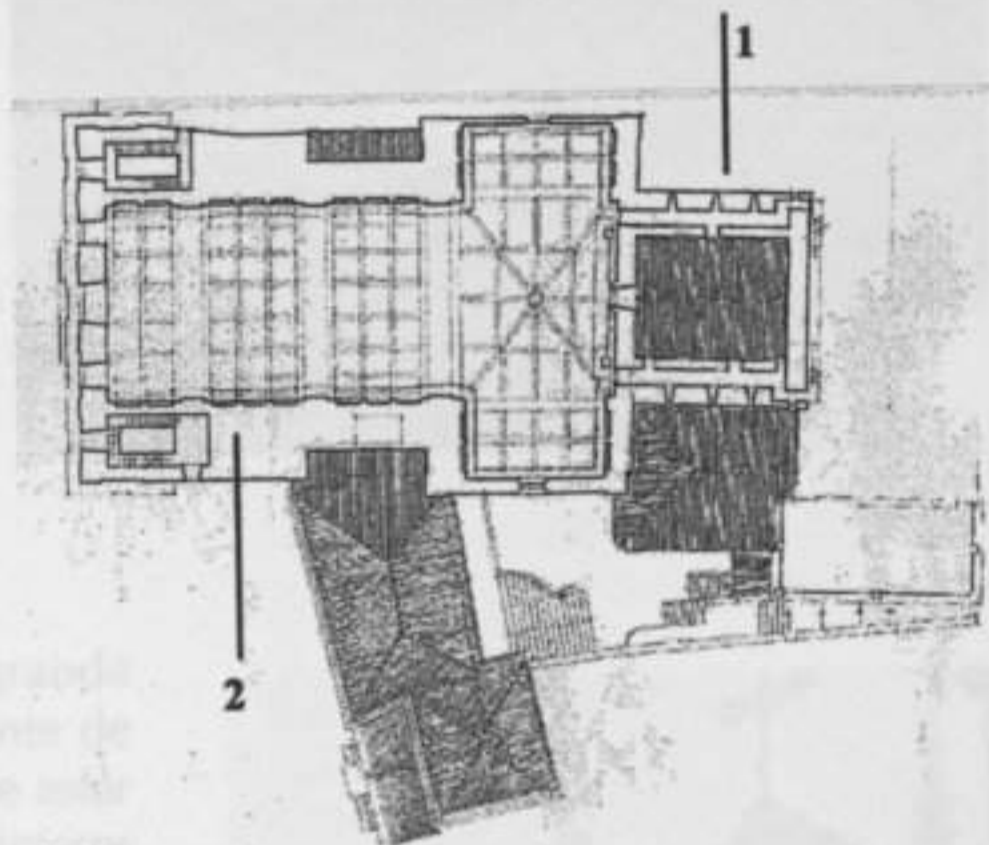
O tipo de telha existente, tipo "marselha", não será o mais adequado para uma construção desta época, mas o facto de todo o edifício estar com esta telha, leva a pôr de parte a ideia de propor a sua substituição por telha de canudo, já que seria uma acção dispendiosa e há inúmeras prioridades prementes, que se prendem com a integridade estrutural e funcional do edifício.

A estrutura de madeira de suporte do telhado encontra-se na generalidade em bom estado, devendo contudo proceder-se a uma inspecção minuciosa para detecção de bicho da madeira ou apodrecimento de peças expostas às infiltrações para posterior tratamento ou substituição.

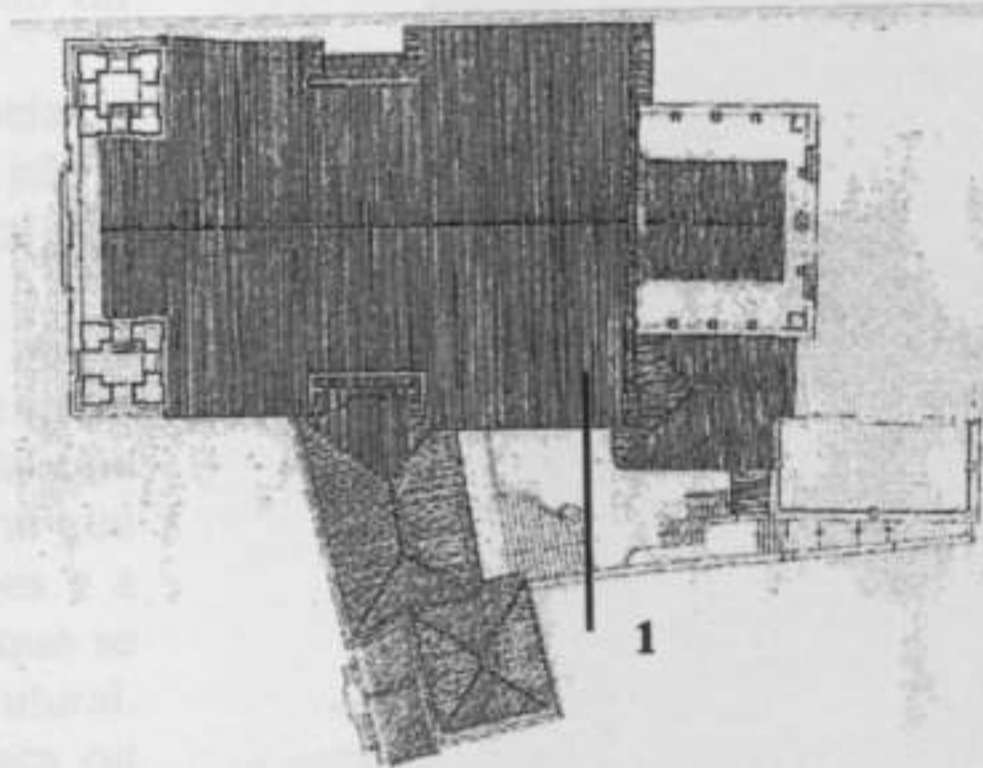
O estancamento de entrada de águas no edifício é na realidade a primeira das prioridades do edifício já que muitos dos seus problemas se relacionam com infiltrações provenientes da cobertura.



1



2



1

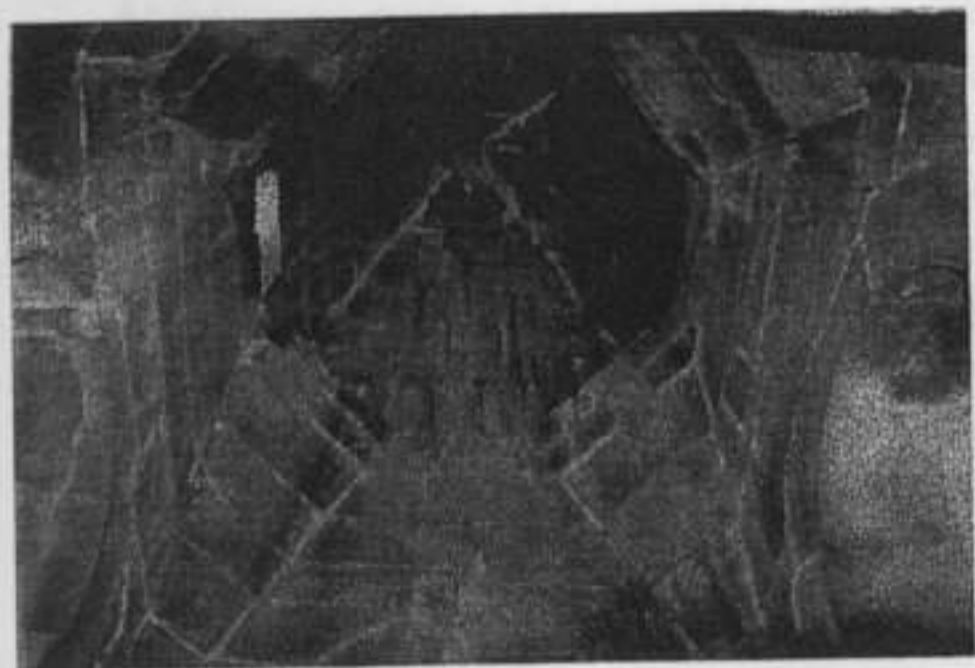
1



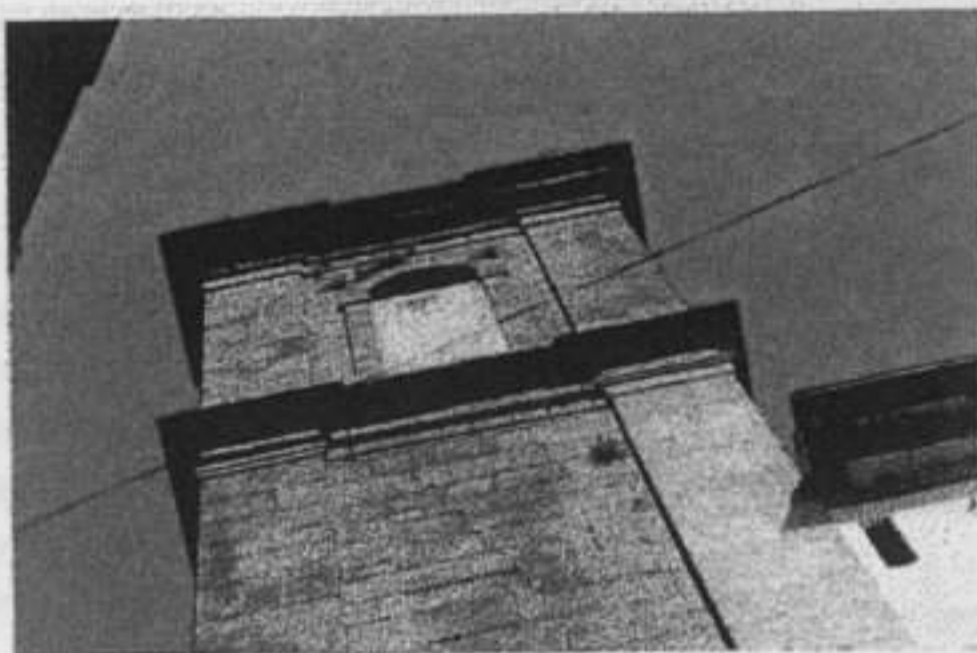
1-Nas torres sineiras é urgente verificar a coesão das pedras das cúpulas e proceder à sua limpeza, sendo claramente visíveis infiltrações nas juntas que poderão levar ao seu abatimento.

2-Outra prioridade é a demolição dos muros forrados de azulejo branco que fecham os vãos da torre da direita, que foram construídos com o objectivo de evitar a entrada de água, tendo tido um efeito contraproducente de falta de arejamento. É de todo necessário pensar um sistema que evite a entrada dos pombos, principais causadores da acumulação de detritos e da cosequente degradação da pedra.

Uma solução possível, apesar de dispendiosa e de exigir manutenção seria, na face interior dos vãos colocar vidro transparente, deixando uma zona de ventilação aberta, num ângulo em que a água já não entrasse, com um caixilho o mais discreto possível e com boa estanquicidade.



1



2

Estado da Fachada e Proposta de Soluções

1-A fachada apresenta-se na sua generalidade com grande sujidade devido à poluição atmosférica e à presença constante de aves, sobretudo pombos. O facto de ser orientada a norte e de estar integrada num pequeno largo com fraca ventilação, são factores inalteráveis e que contribuem em muito para o agravamento do processo de acumulação de detritos nas pedras da fachada.

Por outro lado o aspecto de sujidade pode ser consequência do desgaste da pedra ou do depósito de minerais. Esta situação não é consequência da poluição mas sim de um processo natural nas estruturas antigas.

A acumulação de poeiras e dejectos de pombos nas zonas salientes e planas da fachada, já de si com mau escoamento de águas pluviais, é a principal razão do aparecimento de vida vegetal que consequentemente vai dificultar ainda mais a remoção natural que o vento faria do que se acumula-se e facilitar as infiltrações e a degradação da pedra. As ervas com raízes longas e fortes que se instalam na pedra, podem pôr em causa a sua integridade estrutural.

A sua remoção terá que ser cuidadosa, com uma faca ou espátula, para que não se danifique ainda mais a pedra com a retirada. A utilização de químicos terá que ser criteriosa para que não haja reacções indesejáveis e nocivas.

O processo de limpeza da pedra não deverá causar prejuízo ao material, devendo ser escolhido um método não nocivo como a escovagem com água, os jactos de água numa aplicação moderada ou o vapor. Os métodos de eficácia garantida e rápida de remoção da camada de sujidade, como o método mecânico de jactos de areia, são abrasivos e retiram igualmente as primeiras camadas da pedra, já de si fragilizadas.

Os métodos químicos também não são muito aconselháveis pelo facto de produzirem reacções com as argamassas e muitas vezes com a própria alvenaria, acabando por ser prejudicial.



1



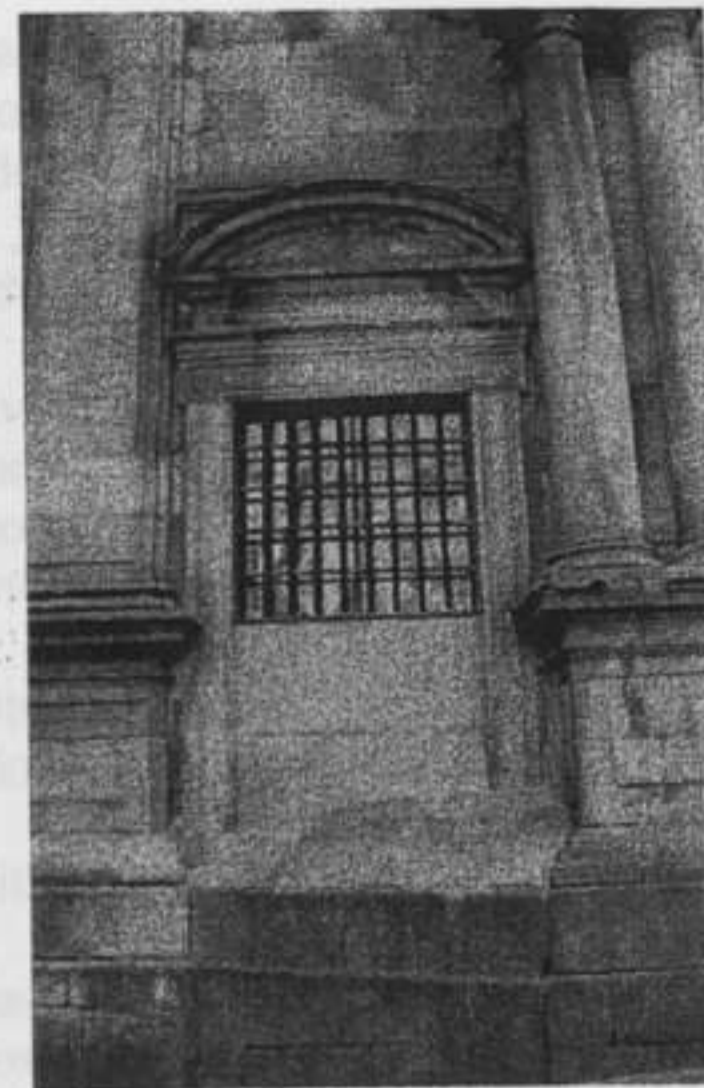
Não é desejável que a pedra fique com um aspecto impecável e novo. Os anos passaram realmente por estas pedras e o procurar disfarçar este facto é interferir com a evolução natural do material.

A intervenção deve limitar-se a limpar o que favorece a degradação, não devendo apagar as características da pedra velha.

A existência de algumas fendas nos blocos de pedra, para além de alguma gravidade estrutural como no caso da verga de uma janela, que já teve como consequência o abatimento do frontão que a remata, facilita o acesso de água às camadas interiores.

As falhas na pedra dos elementos mais salientes e frágeis do trabalho da frontaria, são resultado de actos de vandalismo por um lado, e por outro fortes sinais da degradação do material e da premência do seu restauro, aliado a um projecto de manutenção eficaz.

A argamassa a utilizar na consolidação da alvenaria deverá ser à base de cal e areia, técnica próxima da utilizada originalmente e de grande flexibilidade e capacidade de adaptação aos movimentos internos dos blocos de granito. A utilização do cimento neste tipo de alvenarias têm-se demonstrado contraproducente, acelerando a deterioração e, em grandes quantidades, podendo mesmo provocar danos consideráveis, como falhas superficiais em resultado da falta de flexibilidade.



Porta semi-entaipada, com problemas de infiltrações e com uma presença perturbadora da leitura da fachada original, para o que também contribuem os actuais caixilhos das janelas.

Estado dos Elementos Decorativos

De um modo geral todos os elementos decorativos da igreja necessitam de uma limpeza, por parte de técnicos especializados, já que as humidades e concentração de pó criam ambientes propícios ao desenvolvimento de fungos e bichos que destroem a madeira e revestimentos. O seu estado real de conservação só então poderá ser avaliado, apesar de numa primeira observação, se poderem constatar os pontos críticos.

Há casos de materiais com sintomas evidentes de degradação, para os quais será necessário tomar medidas urgentes, com técnicas próprias para cada caso e profissionais especializados em arte sacra.

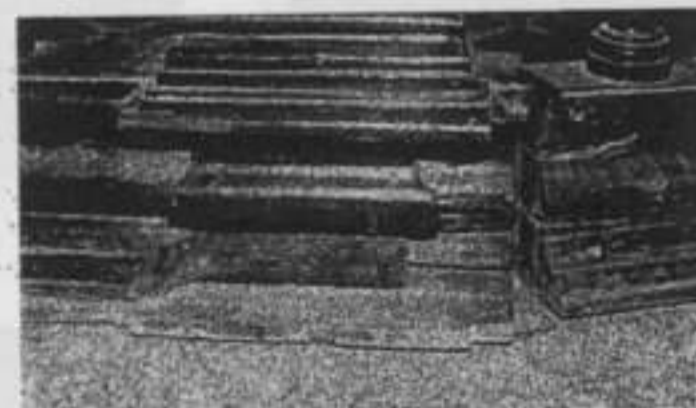
1-A talha dourada em quase todos os altares apresenta algumas falhas no revestimento da madeira, sendo o caso da capela do S. dos Passos um caso particular por ter a madeira podre e em decomposição junto ao pavimento.

2-Também as cancelas em madeira que separam as capelas da nave necessitam de trabalhos de carpintaria, por falhas do material ou por degradação do mesmo devido à utilização de muitos anos e à pouca manutenção.

3-As portas interiores e exteriores apresentam um estado de conservação médio, necessitando de trabalhos de carpintaria e pintura. A segunda porta do altar-mor para a sacristia, agora sempre fechada, tem sintomas de elevado grau de humidade e de deslocação de alguns dos seus elementos.



1



2



3

4-A tribuna, completamente ao abandono e ainda ocupada por cadeiras em que já ninguém se senta, necessita de reforço e tratamento do corrimão, que apesar de não estar em muito mau estado de conservação necessita de manutenção.

Propunha retirar a alcatifa, que é um polo de acumulação de humidade e poeiras sobre a madeira do pavimento.

5-O órgão apresenta um mau estado de conservação. Para não entrar no âmbito de instrumento musical que é e da reparação total que deve necessitar, exteriormente está totalmente ao abandono, com grande acumulação de detritos e com falhas de alguns elementos com por exemplo as bocas de saída de som, como ilustra a fotografia.

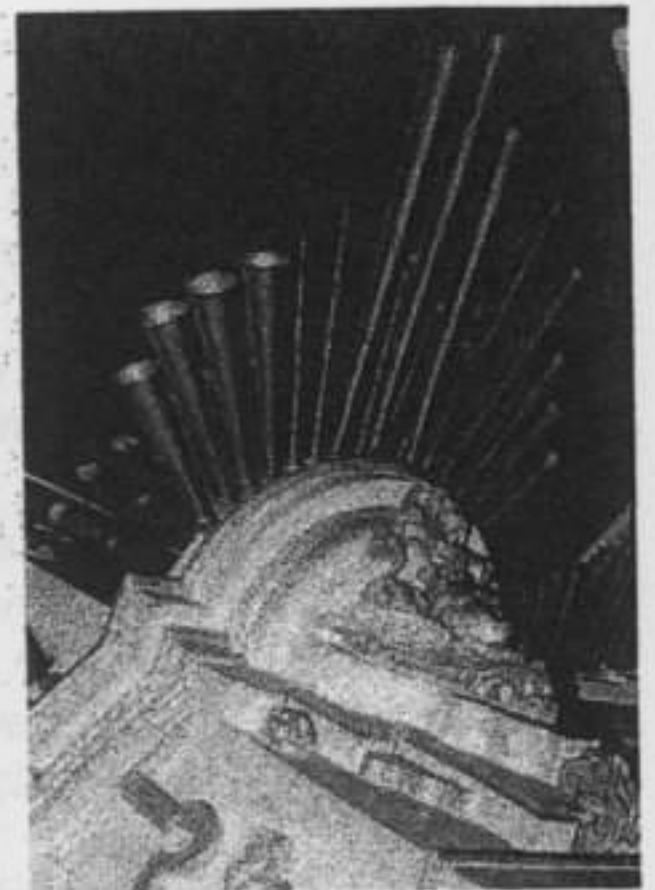
6-O cadeiral do coro, igualmente votado ao abandono, apresenta muito mau estado de conservação, necessitando de grandes trabalhos de recuperação, quer ao nível da marcenaria quer ao nível das pinturas dos espaldares.

Deveria ser afastado da parede, fonte principal de humidade, e ser feita uma análise minuciosa do grau de degradação.

A humidade contribui em larga escala a deteriorização das madeiras, criando um ambiente ideal para o apodrecimento ou aparecimento de fungos. O seu tratamento é perfeitamente possível, havendo vários productos de grande eficácia contra fungos e o bicho da madeira, de aplicação directa. Este tratamento é no entanto urgente já que a partir de determinado ponto é difícil controlar a degradação e garantir a integridade da madeira.



4



5



6

Estado da instalação eléctrica

Toda a instalação eléctrica da igreja está improvisada, em alto risco de acidente e exposta à humidade e à água que escorre pelas paredes no inverno.

Todo o sistema necessita urgentemente de substituição, quer por questões estéticas e de valorização da igreja, quer por questões de conforto ambiental lúxico no seu interior, quer sobretudo por questões de segurança. Será necessário um projecto minucioso, bem discutido e ensaiado no local, realizado por técnicos experientes em instalações em edificios desta natureza, dada a sua especificidade e condicionantes.

1-Caixa de derivação aberta, no altar-mor e profusão de fios á vista, com marcas de escorrimento de água por trás.

2-Instalação de um foco para iluminação do altar. Sobresai naturalmente a precaridade da situação.

3-Iluminação inestética e ineficáz nas capelas laterais e na nave.

4-Focos de iluminação superior com ligações á vista.



1



2



3



4

Conclusão *Restituição da Casa de Padre, Mãe e Anejos*

A intervenção em património arquitectónico classificado, pela sua natureza e exigências deve ser pensado e discutido num âmbito muito específico entre as intervenções de recuperação arquitectónica, e com objectivos e parâmetros bem definidos.

A acção de recuperação e restauro em arquitectura, entendida como o conjunto da sua matéria ou realidade física e dos valores monumentais ou poder simbólico que representa, tem como limites de intervenção as pré-existências e o conhecimento profundo do edifício.

Encarando a recuperação do monumento como a restituição da sua integridade física, funcional e histórica, quando estamos perante edifícios que mantêm um grau de eficiência razoável sob todos os aspectos, as acções de intervenção são puramente de preservação ou conservação.

Na carta de Ravello, onde em 1976 se deu um encontro organizado pelo ICOMOS para discutir a terminologia relacionada com o património, conservação definiu-se como "acção de manutenção em estado de eficiência, em condição de ser utilizado".

Aceitando esta definição, a conservação é uma acção limitada à manutenção e restauro da matéria, tendo como objectivos a sua adequação aos valores da sua utilização.

Este tipo de intervenção é legítima e adequada em monumentos que conservem a potencialidade dos seus valores culturais, históricos arquitectónicos e funcionais, entendendo-se este por estado de eficácia.

Quando este conjunto de características está presente, no entanto em risco de perder-se, o monumento não necessita que a eficácia seja reabilitada mas sim restaurada e conservada.

A actitude de conservar, como acção ideológica e ética de intervenção arquitectónica, por vezes não é compreendida por correntes de intervenção sensacionalista e espectacular, devendo ser entendida como uma acção limitada de preservação e salvaguarda da identidade e autenticidade da obra de arquitectura.

No caso da igreja de S. João Novo a intervenção num futuro próximo será de recuperação e restauro da matéria, para que possa continuar a cumprir as suas funções e se dignifique como obra de arquitectura.

A análise aqui exposta deve fazer-nos pensar nas razões que levaram a este estado de degradação e as soluções para evitar que daqui a uns anos se encontre nas mesmas condições, para que seja possível estabelecer um plano metodológico de intervenção.

Penso que o facto de durante anos a igreja ter estado sem controlo por parte de nenhuma instituição responsável, e ter sido gerida apenas por pessoas que, não deixando de sublinhar a sua boa vontade e trabalho, não tinham nem conhecimentos nem capacidade económica e técnica para actuar, foi a razão base para que a degradação natural de qualquer material, tivesse aqui condições óptimas para se generalizar e aprofundar.

Sem dúvida que o princípio de um processo de conservação é estabelecer um programa, com uma calendarização definida, para análise e limpeza periódica, inspecionando-se anualmente o estado de conservação dos diversos elementos.

O controlo de humidade e a total eficácia das coberturas são dois aspectos fulcrais para a conservação de todo o edifício.

A limpeza do interior da igreja, mesmo dos sítios com menor utilização é essencial para a manutenção de um ambiente saudável e dignificante.

As instituições responsáveis, neste caso a DGEMN, deveriam ter no programa funcional das suas equipas técnicas, acções de fiscalização que garantissem a eficácia futura das acções de hoje.

A conservação é o aspecto mais importante na preservação de um monumento e é com frequência o mais negligenciado. As intervenções geralmente surgem quando já aparecem sintomas de lesões graves e de grande envergadura. As políticas de contenção de custos na conservação e manutenção, em pequenas reparações, em limpezas eficazes e nas inspecções de rotina, acabam por sair muito mais caras a médio ou longo prazo, em grandes obras de recuperação.

A eficácia de uma metodologia de conservação num monumento, passa pelo trabalho organizado e estruturado de padres e sacristãos, arquitectos, carpinteiros, empregados e de qualquer pessoa responsável de algum modo pelos monumentos. Também a divulgação de um edifício recuperado e em boas condições de ser visitado, pelos serviços de turismo, contribuirá para o enriquecimento da sua função vivencial e para o seu conhecimento.

Só um edifício vivído e conhecido mantém a sua dignidade de monumento e de documento histórico e só um edifício com um plano concreto de conservação posto em prática mantém as condições necessárias para predurar no futuro.

Proposta de reabilitação da Casa do Padre, Pátio e Anexos

Casa do Padre

O Edifício

Resumo da evolução histórica do lugar

A chamada Casa do Padre é uma habitação do final do séc. XIX, adossada à igreja de S. João Novo, no centro histórico do Porto.

Não vou neste capítulo repetir informação já disponibilizada no capítulo anterior, uma vez que dada a localização da casa e a sua estreita relação com a igreja as suas histórias andam a par.

No documento já apresentado em capítulo anterior, comprova-se que o pedido de construção de uma parte deste edifício data de 12 de Setembro de 1872, havendo neste documento indícios claros que a outra parte estaria já nesta altura construída " ...que achando-se construído no seu terreno um acréscimo em continuação do seu edifício,..." (1)

Da parte mais antiga, há uma única referência ao início da sua construção durante a direcção do convento pelo Fr. João Brandão entre 1706 e 1709 - "Continuou o alicerse da parede da igreja da capella dos Passos até o cunhal da torre, junto ao Postigo da Senhora da Esperança" (2). O "cunhal da torre" aqui referido é o cubelo da muralha e o Postigo é o que ainda hoje existe adossado à casa.

O corpo do edifício de que se tem notícia na carta ao Senado, está assente num cubelo da Muralha Fernandina e serviu de início para secretaria e guarda de alfaías.

Em princípio terá sido depois da extinção das Ordens em 1834 e da ocupação do convento como Tribunal Criminal e Correccional em 1863, que começou a surgir a necessidade de uma casa para os párocos da freguesia, sendo a construção que existia adaptada para habitação, no último andar. O edifício deve ter passado a ser habitação ou na primeira década deste século ou ainda durante o séc. XIX.

Na memória dos vivos só existe a lembrança de que esta já foi uma casa cuidada, onde sempre viveram os padres da igreja de S. João Novo, até aos anos 90 quando deixou de ser habitada por falta de condições.

Só em 1997 foram feitas obras de recuperação da cobertura.

Nas traseiras da casa o pátio lageado que tem como limite a Muralha Fernandina, dá acesso aos anexos da igreja, com referências do início da sua construção, entre 1672 e 1675 com o convento sob direcção de Fr. Manuel da Trindade, "Fez a via sacra com uma caza por debaixo para despejos da sacristia pegada à capela -mor da parte da Epístula: e huma varanda com seus pedestais e grades de ferro por cima da dita via sacra." (3), e referências a que mais tarde seviram de sacristia, "Fizerão os irmãos das Almas a sacristia, que hoje tem debaixo da varanda." (4) Entre 1709 e 1712.

Estes anexos foram nos anos 80 do nosso século utilizados, no piso inferior, como sede dos escuteiros, bem como a sala do piso térreo sobre o cubelo, até há pouco tempo, de onde saíram por falta de condições. O piso ao nível da sacristia foi habitação de dois idosos até 1997, estando desde aí devoluto.

1-in Actas do III Colóquio luso-brasileiro de História de Arte, Dr. J. J. B. Ferreira-Alves, Évora, Fevereiro de 1995

2- idem

3-idem

4-idem



Imagens da Casa do Padre e da Igreja. A evolução da envolvente urbana durante o nosso séc. Fotografias sem data precisa.

Descrição do edifício

Casa do Padre

O edifício divide-se em três níveis, num dos corpos e em dois no corpo assente no cubelo da muralha. As coberturas são ambas de quatro águas, actualmente em telha lusa, com a estrutura em madeira original e forro de madeira recente.

Os edifícios só comunicam entre si no último piso e têm ambos entrada por uma varanda que dá para o pátio interior, com uma escadaria em granito maciço.

A estrutura é de paredes portantes em alvenaria de pedra irregular e argamassa. Os pisos são em madeira e têm ligação por uma escada também de madeira.

O piso térreo tem comunicação directa com a igreja é composto por três salas e um corredor que dá acesso ao pátio, a sul e à rua a norte. Também deste corredor partem umas escadas que levam ao segundo piso onde a capela ocupa grande parte do espaço, havendo ainda um pequeno escritório que abre com uma porta de verga curva para a varanda a sul.

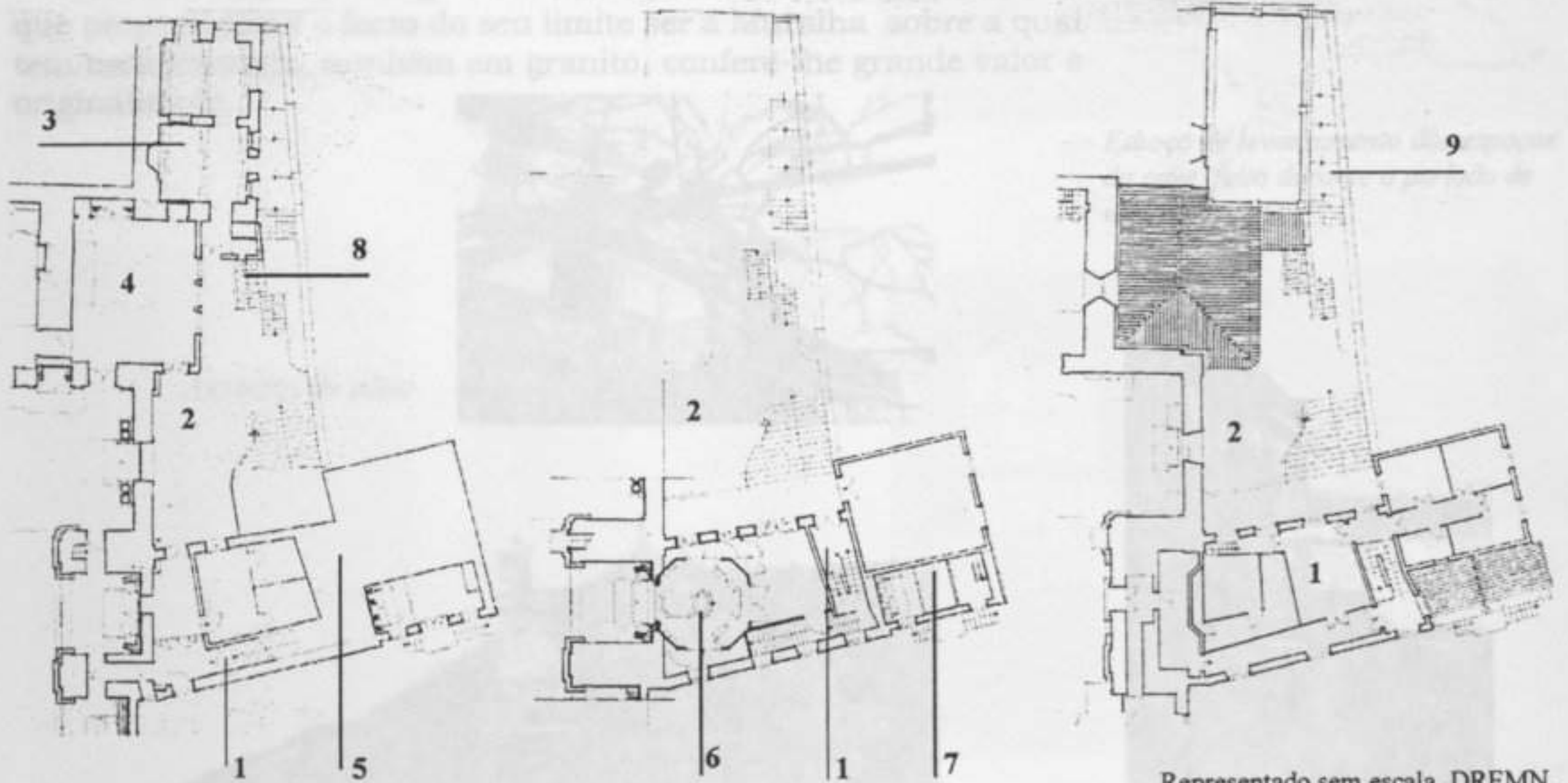
No terceiro piso é a habitação e a ligação com a igreja ao nível da tribuna e do coro. A casa é composta por uma sala com ligação ao corredor dos quartos que são três, muito pequenos e da casa de banho, única na casa. Da sala passa-se também a um corredor e a uns degraus que levam à cozinha, instalada a um nível superior por estar sobre a capela do Senhor dos Passos. Naturalmente esta situação provocou problemas de infiltrações e de degradação da capela.

Os quartos são no corpo poente, ou seja o que se encontra sobre o cubelo, e que não tem ligação entre os seus dois pisos.

Todas as janelas voltadas a sul e poente têm vistas panorâmicas sobre o rio Douro, e uma excelente exposição solar. A norte o corredor que leva à passagem para a igreja tem três janelas com vista para o Largo de S. João Novo tendo uma delas "bancos conversadeiros" de pedra. Todas as janelas são de guilhotina, em madeira com cantaria de granito. As paredes interiores são em tabique pintado de branco e têm rodapés altos de madeira pintada. As portas são todas de duas folhas e têm bandeira com vidro. O pavimento está totalmente forrado de alcatifa, excepto na casa de banho onde há mosaicos.

No corredor há uma saliência na parede e pavimento, de madeira, que é parte da cúpula da capela, que ficou à vista para que o corredor pudesse ser mais largo.

Levantamento desenhado da Casa do Padre-1, Pátio-2 e Anexos-3; Sacristia-4; Cubelo da Muralha-5; Capela do Sr. dos Passos-6; Capela de N. S^a. da Esperança-7; Acesso à cave do anexo-8; Varanda sobre Muralha-9.



Representado sem escala. DREM.N.

Anexos

A sul o pátio é fechado por um anexo à igreja, com ligação pela sacristia, ligação essa actualmente entaipada. São duas salas cobertas por um terraço do convento, com abóbadas de pedra e pavimento de soalho de madeira. A sala mais a sul tem duas janelas com vista para o rio e ambas têm vãos para poente, que dão ligação a uma varanda sobre a muralha que tem vários níveis para a acompanhar. As paredes são em pedra e tanto estas como os tectos estão rebocados. Para norte foi-lhes acrescentado um pequeno avançado onde foram construídos um duche e um wc e um corredor onde se encontra o lavatório. Neste corredor há uma porta por onde se entra actualmente.

Sob estas salas, existe um outro piso que para o lado do pátio funciona como uma cave, mas que para sul fica muito acima do nível do solo, disfrutando de uma bela vista sobre o rio da única janela que possui. Este piso é constituído por uma sala sob a sacristia onde é visível a estrutura que suporta o pavimento e a parede exterior, e por outra sala, num nível um pouco mais baixo, sob as salas acima descritas, que apresenta um arco de pedra de suporte da parede que as divide e a janela ao fundo. As duas salas da "cave" comunicam por um vão de porta com cantaria em granito.

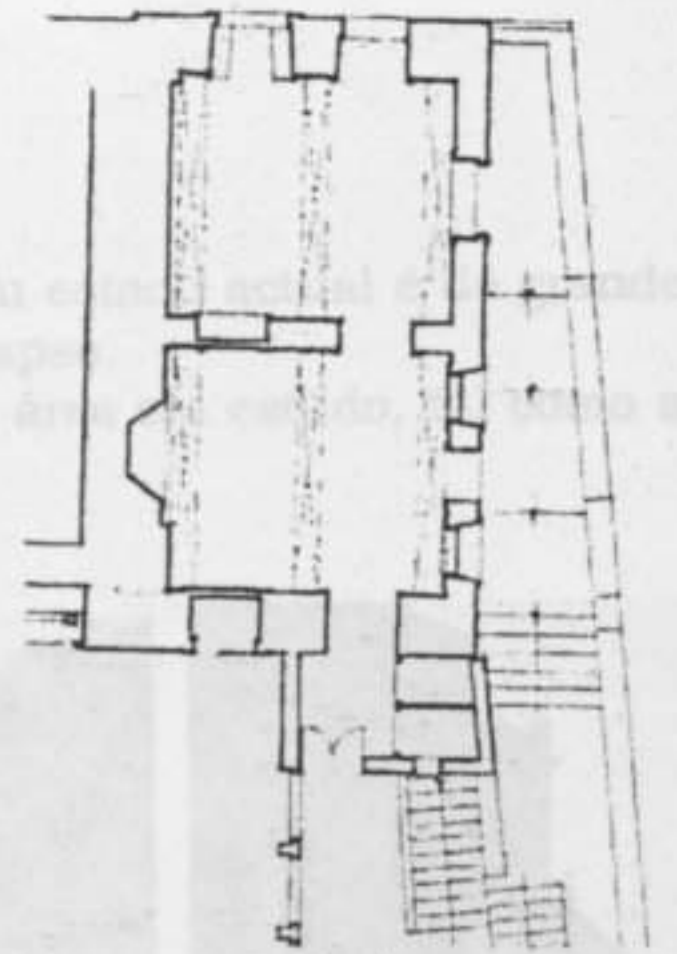
O acesso a este piso é feito a partir de umas escadas de granito que saem do pátio.

O Pátio

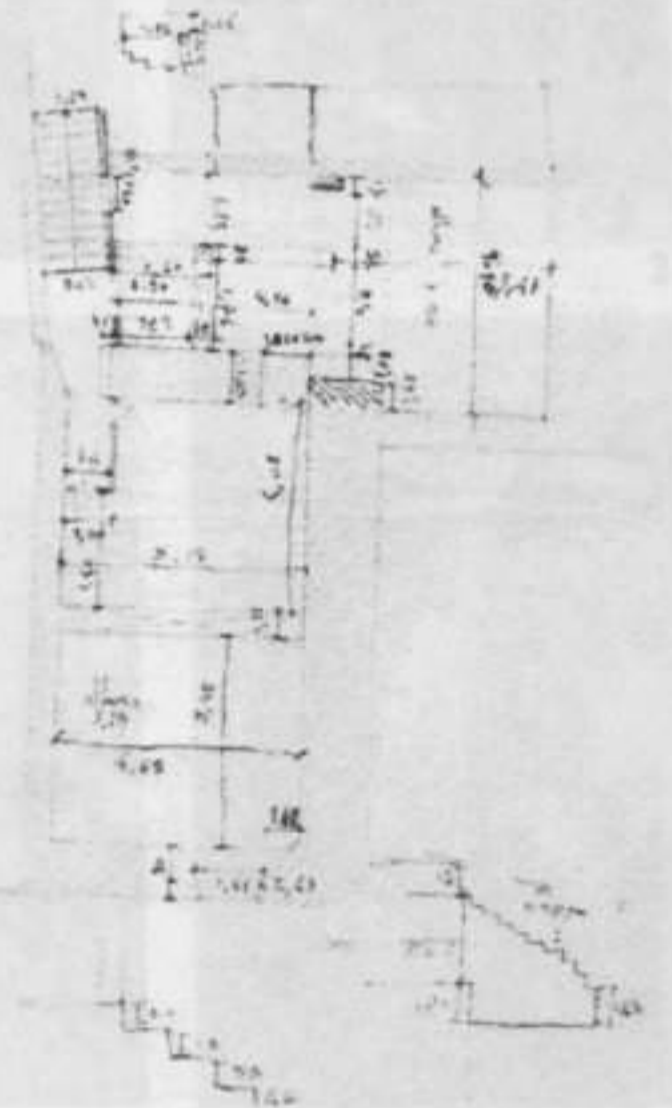
Este é um espaço extremamente acolhedor, coberto por uma latada e com uma palmeira adulta, como chão lageado com granito e com uma série de escadas com degraus de granito e corrimões de ferro trabalhado, de grande riqueza.

A sua situação previligiada voltado a sul e poente, com as vistas que proporciona e o facto do seu limite ser a Muralha sobre a qual tem uma varanda, também em granito, confere-lhe grande valor e originalidade.

Aspectos do pátio



Representação do levantamento dos anexos, existente na DREMN.



Esboço de levantamento dos espaços da cave, feito durante o período de estágio.



Estado Actual de Conservação

Casa do Padre

A casa encontra-se devoluta há quase 10 anos, pelo que o seu estado actual é de grande degradação, estando muitos elementos do seu interior perto do colapso.

Apresento registos fotográficos do estado da casa, e restantes áres em estudo, tal como a encontrei, em Fevereiro de 98.

1- As coberturas estão em bom estado de conservação, tendo sido recuperadas em 1996.

2- As paredes exteriores estão em bom estado de conservação e mantêm a sua integridade, apesar dos revestimentos estarem totalmente degradados.

3- Escadas de acesso à habitação no último andar. Total degradação e risco de colapso. A madeira encontra-se podre e bichada.

4- Corredor de acesso à casa e à passagem para a igreja pela porta visível ao fundo.

As paredes necessitam de novos revestimentos e o pavimento de soalho de madeira está totalmente degradado com pontos de rotura, sob a alcatifa.

É visível a saliência da cúpula de madeira da capela do S. dos Passos.

4a- Janela voltada a norte com bancos incorporados, em granito.

4b- Pormenor de sulco na cantaria para colocação de tranca de janela ou portadas interiores.



1



2



2



2



3



4



4a



4b

5- O tecto do corredor encontra-se em estado de ruína, deixando ver a estrutura do telhado e o forro em tabuado.

6- Sala da casa de habitação. Os tectos encontram-se totalmente podres e em colapso, o pavimento de soalho coberto com alcatifa está em idêntico estado de degradação. A janela de guilhotina em madeira pintada, voltada a sul, encontra-se em razoável estado de conservação.

7- Corredor de acesso aos quartos com passagem sobre as escadas, representada na fotografia 8.

8- Passagem sobre as escadas do corredor dos quartos.

9- Tectos da zona dos quartos, em ruína e deixando ver a estrutura do telhado em madeira, que se encontra em bom estado de conservação.



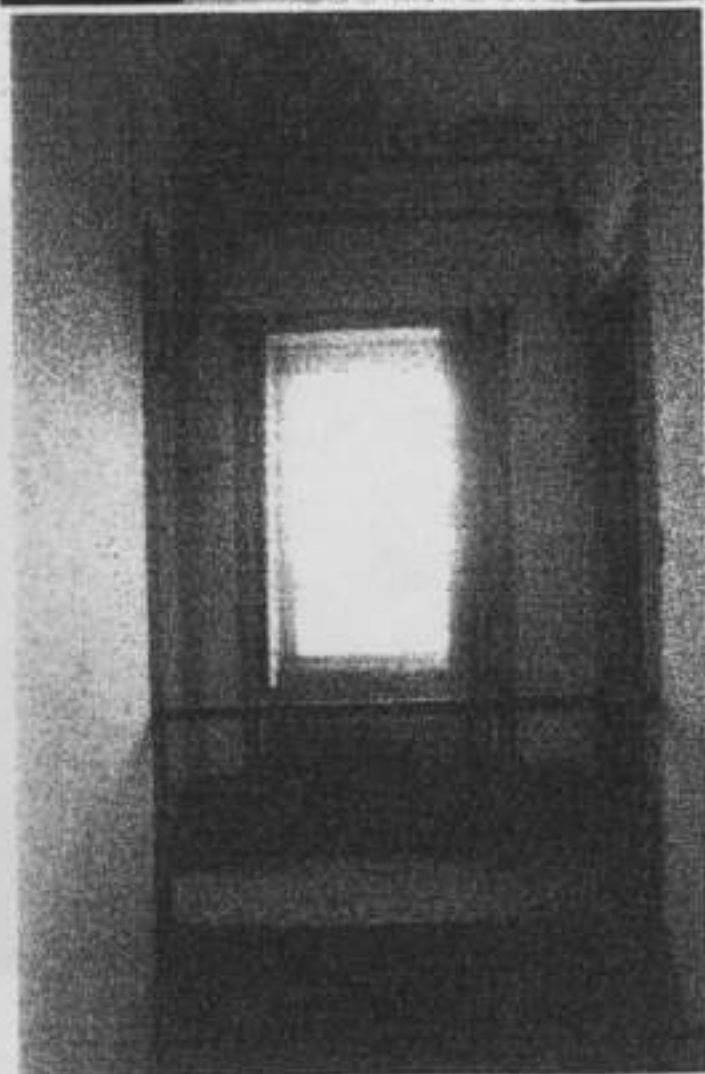
5



9



6



8



7

10- Vista da cozinha situada num nível superior para o corredor que lhe dá acesso. De notar o avançado estado de degradação em que se encontram paredes e tecto de tabique.

11- Aspecto da cozinha e do estado de degradação de todos os elementos.

12- Aspecto do estado de uma das paredes mestras da casa. As paredes exteriores são de alvenaria de pedra grossa e argamassa como é possível ver nesta imagem.

13- Aspecto da varanda de entrada para os dois corpos do edifício. Em baixo janela da sala do primeiro piso e porta do corredor.

14- Pormenor do estado de conservação da estrutura da varanda, demonstrando necessidade de urgentes obras de recuperação.

15- Aspecto do corredor do primeiro piso onde se tem acesso da rua pela porta ao fundo e da igreja pela porta à direita. O tecto forrado com contraplacado, sob o pavimento de madeira da capela, está em avançado estado de degradação apresentando grande índice de humidade.

16- Pormenor do quadro geral de electricidade da igreja e Casa do Padre, e da decomposição do tecto deste corredor.

17- Aspecto da sala sobre o cobelo, com tecto e pavimento em adiantado estado de degradação.



10



11



12



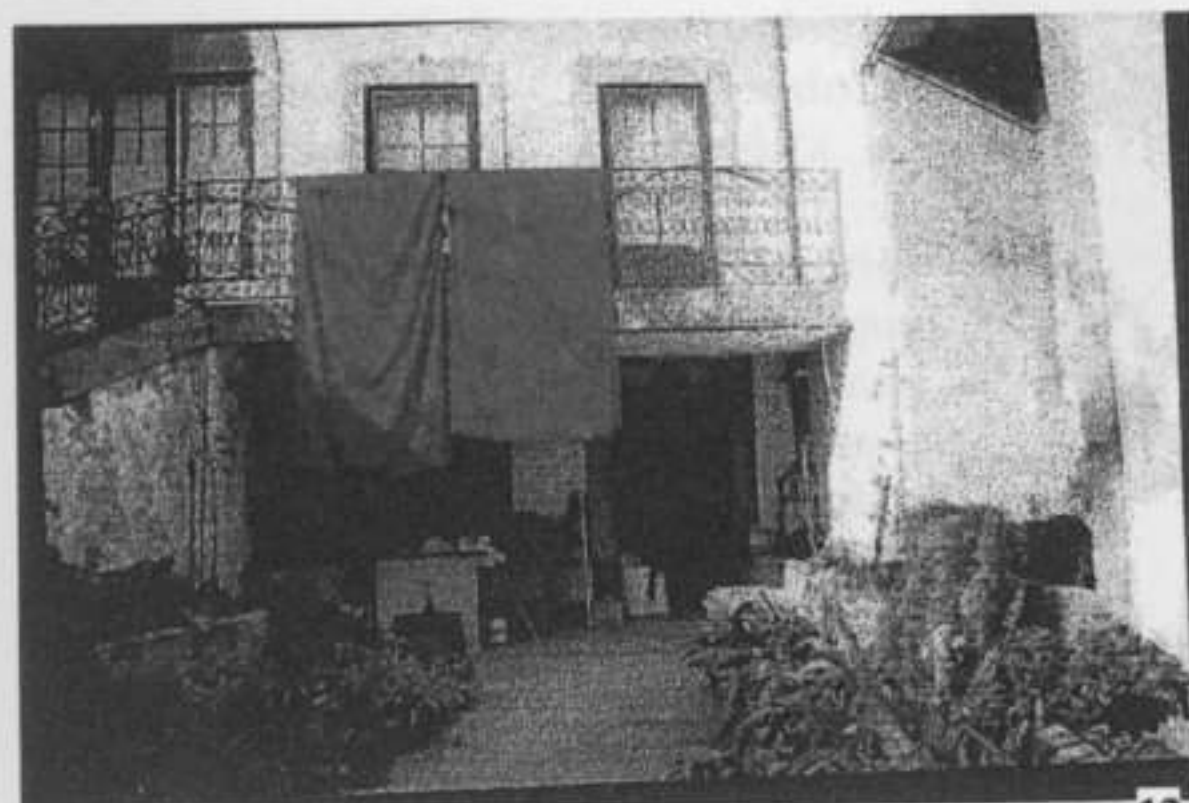
14



15



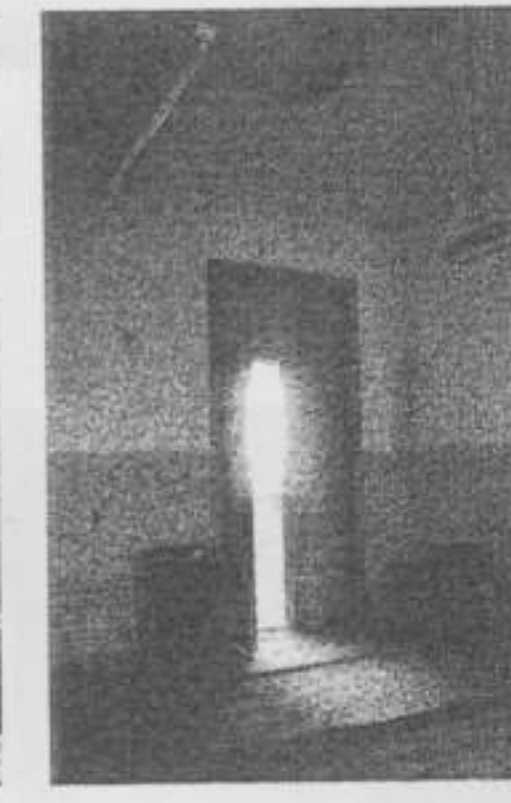
16



13



17



Anexos

1- Aspecto da varanda sobre a muralha e da parede poente dos anexos, com cinco janelas e uma porta, todos em avançado estado de degradação. A parede está em razoavelmente conservada, necessitando contudo de limpeza e eventual remate das juntas dos blocos de granito.

2- Pormenor de um dos vãos, mostrando entaipamento da parte superior. A necessitar de restauro.

3- Primeira sala dos anexos, com tecto abobadado com evidentes sinais de infiltrações do terraço. O pavimento encontra-se degradado e com pontos de madeira podre devido a humidade.

4- Entrada para a cave. Todo este espaço está em total abandono. No entanto

5- A sala mais a sul dos anexos, com duas janelas com vista para o rio, tendo uma delas bancos de granito incorporados. O vão das janelas é fundo, uma vez que esta parede tem quase um metro de largura. Os sintomas de degradação pela humidade e falta de manutenção são idênticos aos da primeira sala.

6- Outro ângulo da mesma sala que mostra o tecto falso que corta o desenho das abóbadas e uma porta entaipada. De salientar o estado degradado dos revestimentos e as manchas de humidade.

7- Porta da sacristia para a sala do anexo, que hoje se encontra fechada, tendo sido aproveitado o espaço do vão para um lavabo.

8- Entrada para a cave. Todo este espaço está em total abandono. No entanto as paredes mantêm-se em bom estado, apesar da necessidade de renovação dos revestimentos sobretudo devido a problemas de humidade e falta de conservação.

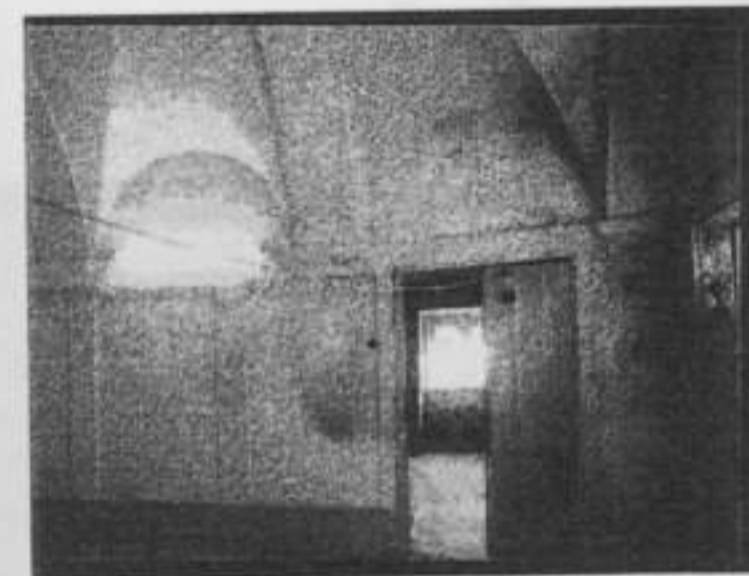
9- Arco de suporte das paredes superiores e aspecto do abandono em que se encontra o espaço. Tectos em madeira a necessitar de trabalhos de conservação e eventual substituição de alguns elementos. Pavimento em granito, a necessitar de limpeza e paredes em bom estado estrutural mas com os revestimentos muito degradados.



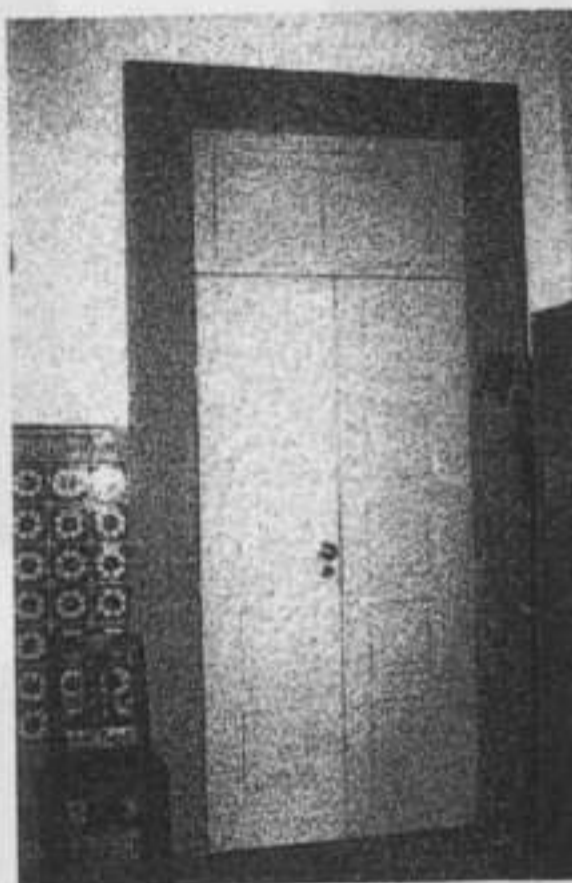
1



2



3



6

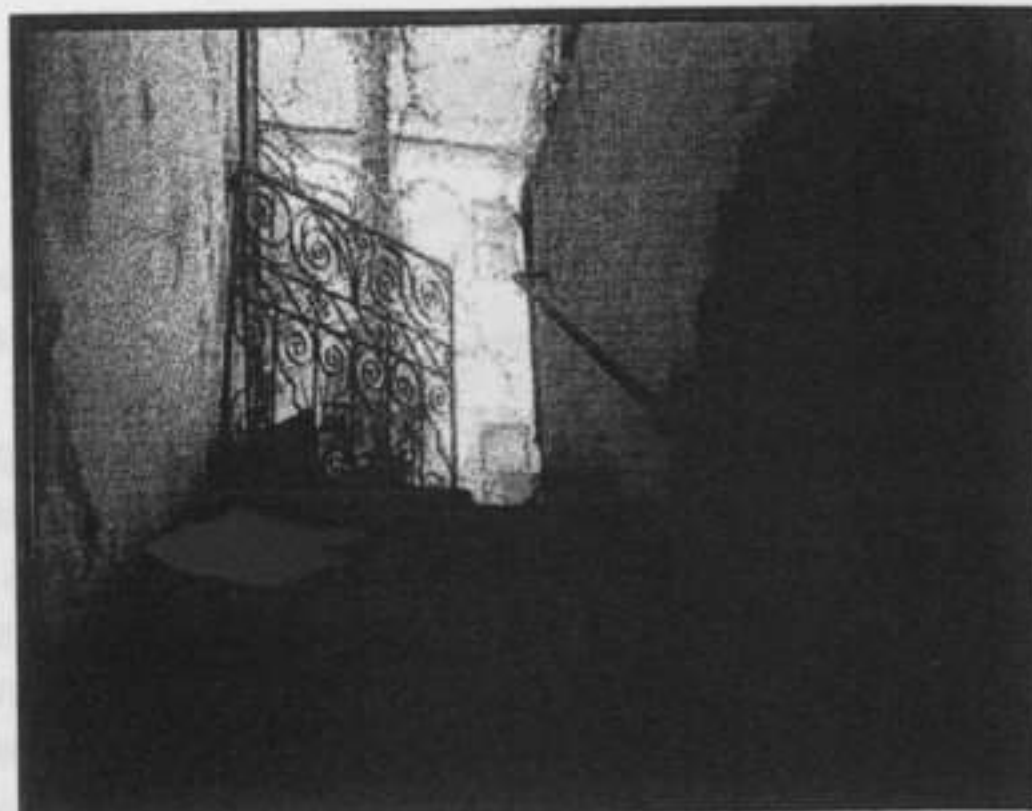


4



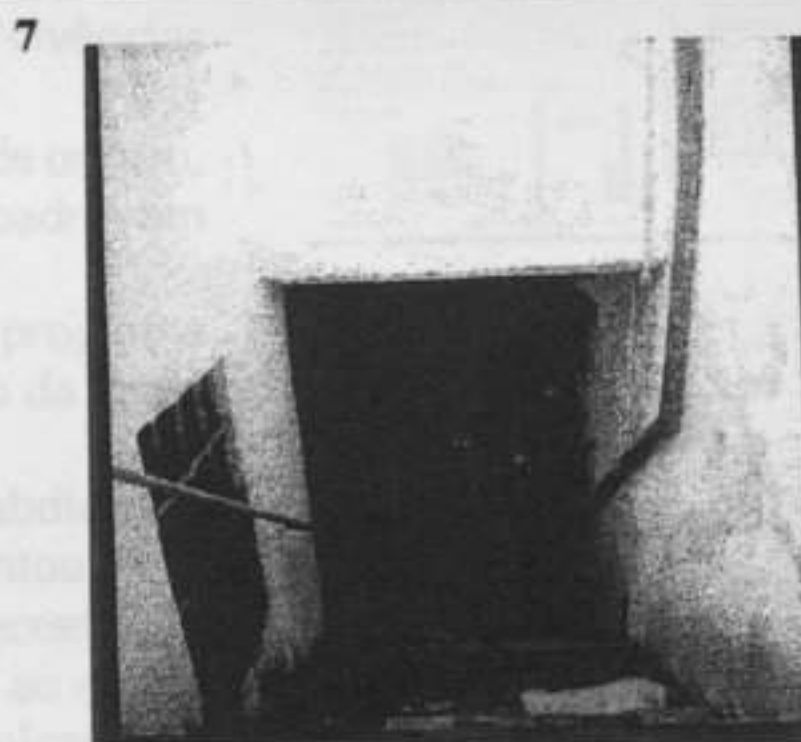
5

7- Entrada para a cave. Todo este espaço está em total abandono . No entanto as paredes mantêm-se em bom estado, apesar da necessidade de renovação dos revestimentos sobretudo devido a problemas de humidade e falta de conservação.



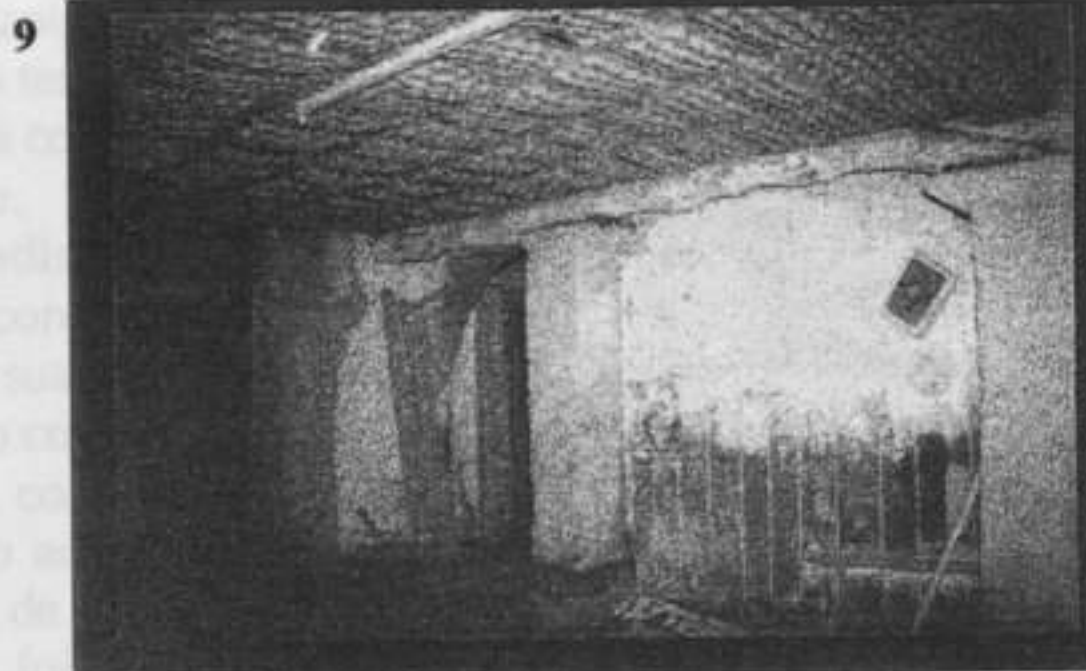
8- Arco de suporte das paredes superiores e aspecto do abandono em que se encontra o espaço. Tectos em madeira a necessitar de trabalhos de conservação e eventual substituição de alguns elementos. Pavimento em granito, a necessitar de limpeza e paredes em bom estado estrutural mas com os revestimentos muito degradados.

9-Aspecto da sala sob a sacristia, com pilares de suporte das paredes superiores à vista e com um forro no tecto de caixas de ovos pintadas efectuado pelos escuteiros que utilizaram este espaço. Na realidade a sala não tem forro estando à vista o pavimento de sacristia.



10- Aspecto da sala maior, voltada a sul com uma janela no topo. O pavimento em granito necessita apenas de limpeza, o tecto falso de madeira está em mau estado e com problemas de humidade. De salientar o arco de pedra de suporte da parede superior entre as duas salas. De um modo geral os revestimentos necessitam de substituição e terá que se proceder a demolições de paredes de madeira, pavimentos falsos e tapumes.

11- Fachada sul onde se vêem as janelas dos dois pisos dos anexos e a varanda do terraço. Do lado esquerdo pode ver-se a Muralha Fernandina.



Proposta de Intervenção

Memória Justificativa

Recuperar a Casa do Padre é claramente uma necessidade, dado o seu avançado estado de degradação. Apesar de não se tratar de um edifício de valor inquestionável ou de uma significativa qualidade arquitectónica, tem uma presença marcante na memória daquele sítio, como parte de um todo. O facto de estar indiscutivelmente associado a dois importantes marcos da história da cidade do Porto, a Muralha Fernandina e a Igreja de S. J. Novo, confere-lhe o carácter de excepção que o valoriza como património construído, digno de uma intervenção de reabilitação que lhe devolva vida e funcionalidade, sem a qual deixa de ter sentido. Não há dúvida que a melhor maneira de conservar um edifício é utilizando-o e para tal é necessário adaptá-lo às vivências actuais e às funções que lhe estão destinadas.

O caso da Casa do Padre a utilização será a mesma que a de origem, pela actual necessidade de um local onde se possam alojar padres em passagem pelo Porto ou em habitação permanente.

As opções tomadas no projecto foram baseadas no programa funcional que o mentor do projecto, o sr. padre Mota pároco da igreja de S. J. Novo, expôs como o desejável e necessário.

A decisão de renovar totalmente o interior do edifício, abdicando dos esquemas funcionais e construtivos existentes, fundamentou-se na desadaptação dos espaços actuais às necessidades futuras, à necessidade de ganhar espaço desaproveitado com a solução presente e ao estado de degradação dos materiais, de tal modo avançado que tecnicamente seria difícil recuperar.

A reconstrução mimética do que existe não teria qualquer sentido, quanto mais não fosse pela deficiente qualidade da organização dos espaços, a utilização das mesmas técnicas construtivas só teria sentido se a intervenção fosse pontual e não total, ou se os sistemas construtivos existentes fossem de assinalável valor cultural e histórico.

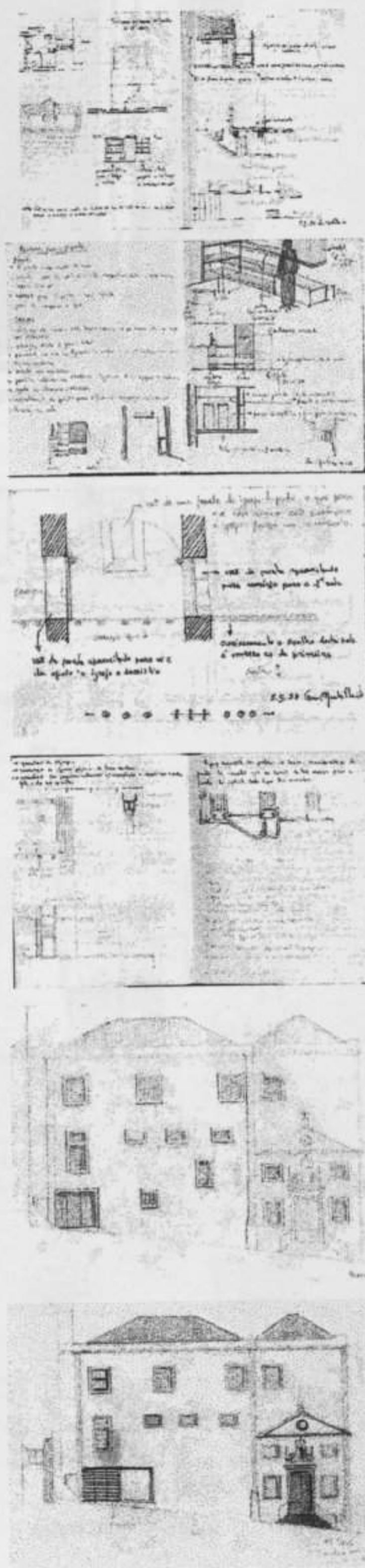
A manutenção das paredes exteriores pareceu-nos indiscutível, já que estas se encontram em óptimas condições de conservação, mantendo as suas capacidades mecânicas e cumprindo as suas funções.

A necessidade de manter uma querência lógica com o contexto em que está inserida e de respeitar a identidade do conjunto, conduziram-nos à decisão de manter as fachadas com o seu traçado actual, com excepção de algumas caixilharias das janelas e da abertura de um portão de garagem no sítio da actual porta de entrada, que foi uma das necessidades que nos foram apresentadas.

Neste processo foi importante o método seguido desde o primeiro dia de visita ao sítio, em que todas as dúvidas eram apontadas e expostas a arquitectos e engenheiros, em que todas as respostas eram mais um passo no amadurecimento de cada ideia. O "livro de apontamentos" foi um modo muito prático e útil para organizar todo o esquema de trabalho, e para a elaboração de um fio condutor das ideias, quer ao nível da teoria, quer ao nível dos aspectos técnicos.

Todos os novos elementos introduzidos adoptaram uma linguagem diferente, sempre com a compatibilidade formal e estética com o pré-existente como linha condutora. A nova estrutura ficará acoplada à estrutura existente, como duas peças com identidades e histórias diferentes, que convivem no mesmo espaço, com o objectivo de cada

Algumas pág. do "caderno de obra" e estudos para a fachada



uma delas ter o seu protagonismo próprio e dignidade na função que cumpre.

No exemplo da parede norte, onde se encostam as escadas interiores de acesso entre os pisos, as janelas ficam descontextualizadas da sua posição normal, que não as desvaloriza, antes evidencia o facto desta parede ser um elemento com passado e com outras histórias, com capacidade de adaptação às vivências do presente e do futuro.

A solução final foi fruto do debate com profissionais com experiência, tendo tido várias fases de evolução (de que são apresentados esboços), em que os conceitos em causa nesta habitação foram sendo ajustados com os objectivos pretendidos. A primeira proposta partiu do princípio da vida comunitária em que os quartos seriam espaços de importância secundária, sendo as zonas comuns o centro da vivência da habitação. Este conceito não preenchia as reais necessidades dos futuros habitantes da casa tendo sido elaborada uma segunda proposta que, com pequenos ajustes, foi aceite como adequada aos objectivos.

Aqui privilegia-se a individualidade e privacidade de cada um, tendo-se redosido o número de quartos de quatro para três, para que fosse possível fazê-los maiores, com espaço para se estar, trabalhar ou ler de forma mais confortável.

Nos anexos a intervenção é também uma adaptação dos espaços existentes a novas funções. Aqui funcionarão salas de apoio às actividades paroquiais.

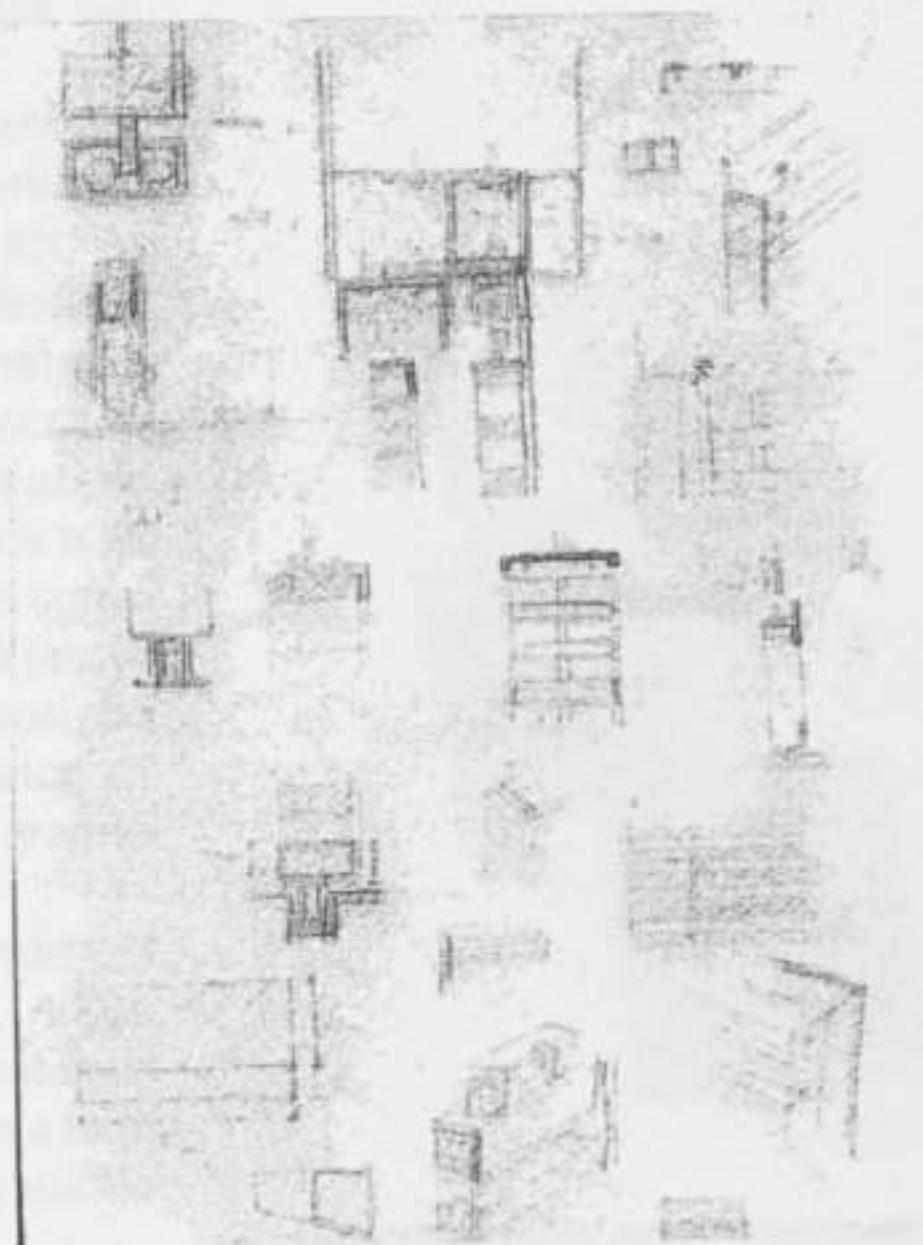
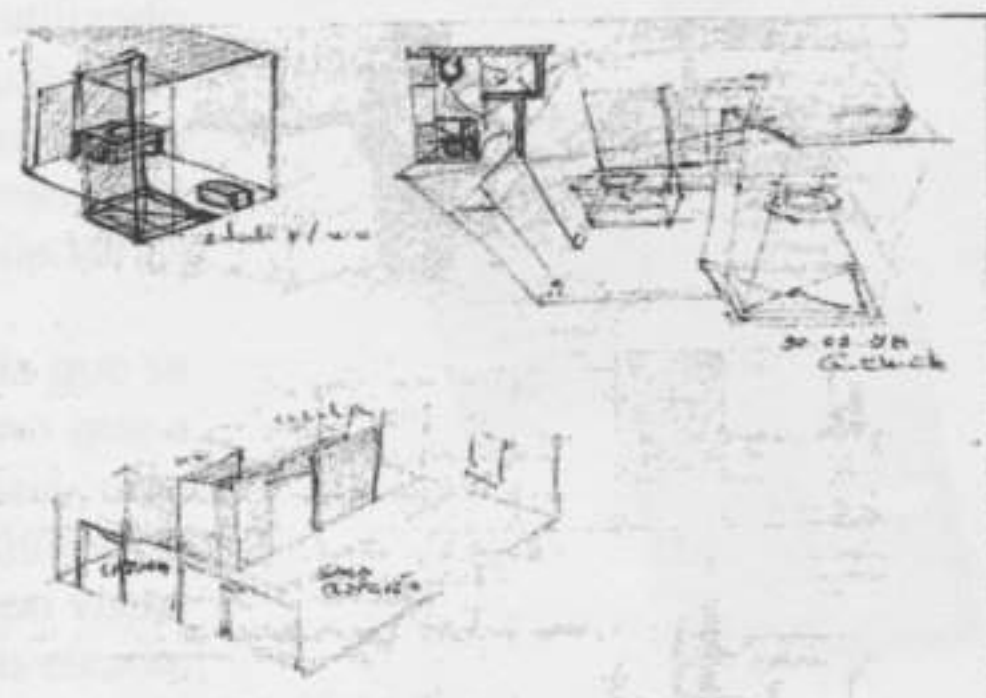
Os espaços actuais adaptam-se muito bem à nova utilização tendo sido necessário introduzir algumas alterações que facilitem a comunicação entre eles, projectando uma escada interior entre o piso térreo e a cave. Foi também acordado que seria necessário dotar todo o conjunto de equipamentos básicos como instalações sanitárias e um pequeno bar de apoio.

A estrutura muito antiga, da origem da construção, será apenas recuperada e os elementos acrescentados funcionarão como peças dentro de uma caixa, claramente distintas da envolvente quer pelos materiais aplicados quer pela linguagem utilizada.

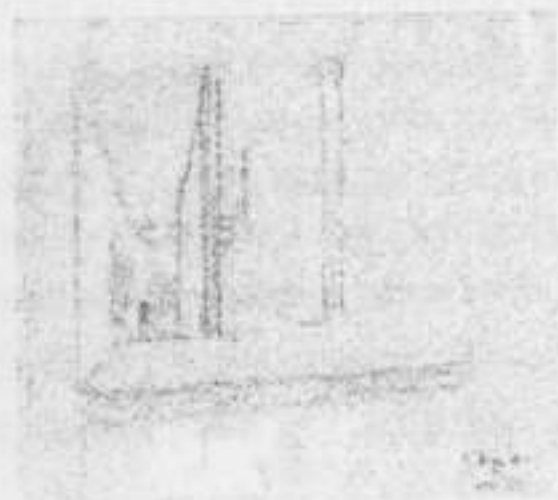
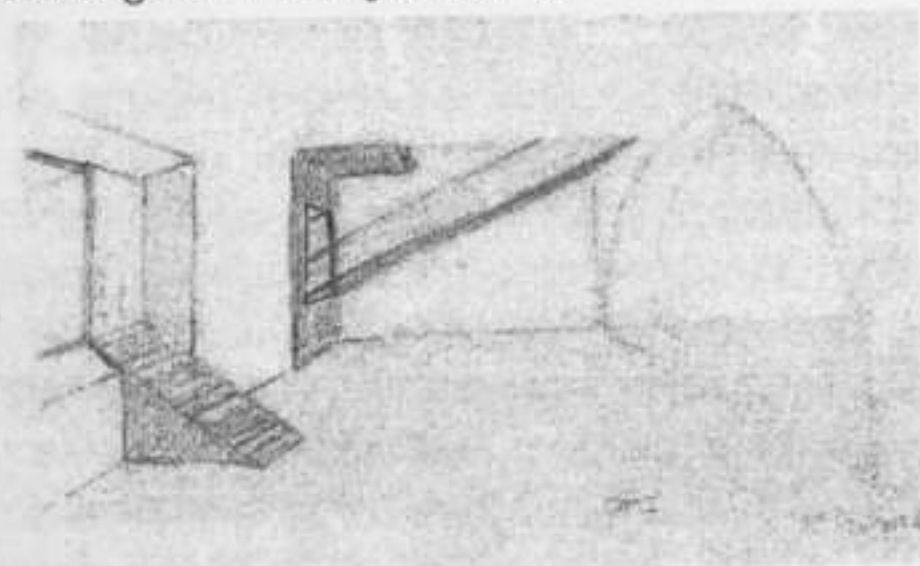
Esta intervenção aposta em dignificar e valorizar espaços de um valor arquitectónico e histórico considerável, que pelas suas características tem sido menosprezado e desaproveitada a sua localização estratégica em relação ao rio.



A igreja e a Casa do Padre



Estudos de projecto



Memória Descritiva

A habitação proposta consiste assim no aproveitamento de todo o espaço disponível nos três pisos, excepto o ocupado pela capela do Sr. dos Passos, sendo a distribuição a seguinte:

Piso Térreo onde se encontra a garagem e a entrada para a casa, que se fará pelo mesmo portão ou pela igreja, um vestíbulo de arranque das escadas que conduzem aos pisos superiores, um escritório e sala de atendimento, um quarto com casa de banho para empregada e uma zona de rouparia para a máquina de lavar e tábua de passar a ferro, sendo que este espaço aproveita o vão inferior das escadas.

Primeiro piso, o piso da capela, onde se distribuem a sala de estar e, sobre o cubelo, a sala de jantar, a cozinha, um lavabo e um vestíbulo de entrada pela porta da varanda voltada ao pátio. A passagem da sala de estar para a zona da sala de jantar faz-se através da abertura de um vão actualmente inexistente que liga os dois edifícios a este nível.

Segundo piso, encontram-se os quartos, uma suite orientada a sul e dois quartos a poente, com uma casa de banho e um lavabo. O espaço de acesso a estes dois quartos e casas de banho poderá ser utilizado como uma zona de leitura. Sobre a capela, no espaço actualmente ocupado pela cozinha, que tem luz natural e um pé direito superior a 2,30m na maior parte da sua extensão, apesar de ser esconso, está prevista uma zona de trabalho, versátil e com possibilidade de várias adaptações.

Todos os pisos têm comunicação entre si por uma escada que se encosta à parede norte e se desenvolve em torno de um plano que a acompanha até à altura do corrimão do último lance. Na sala, uma estante de madeira fixa separa as escadas da zona de estar permitindo a distinção efectiva dos espaços sem criar uma barreira no campo visual que assim se prolonga um pouco mais, até ao plano no centro das escadas.

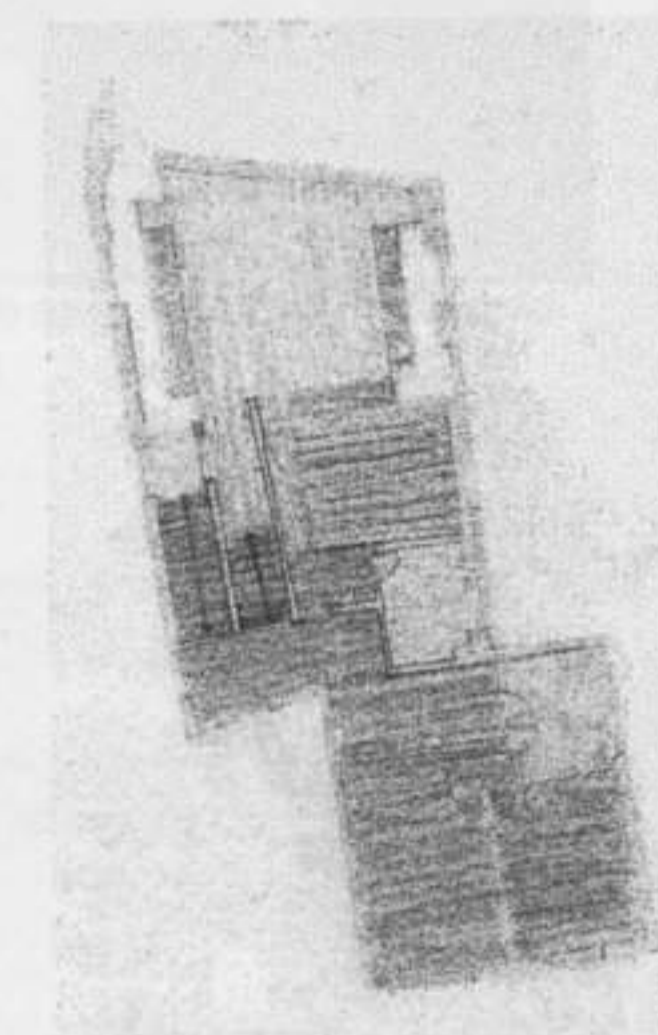
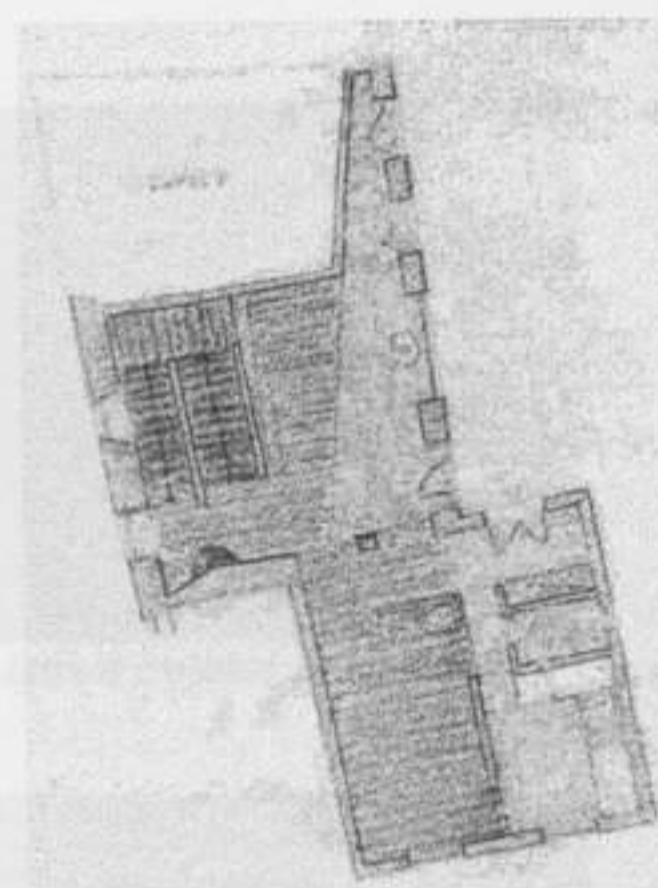
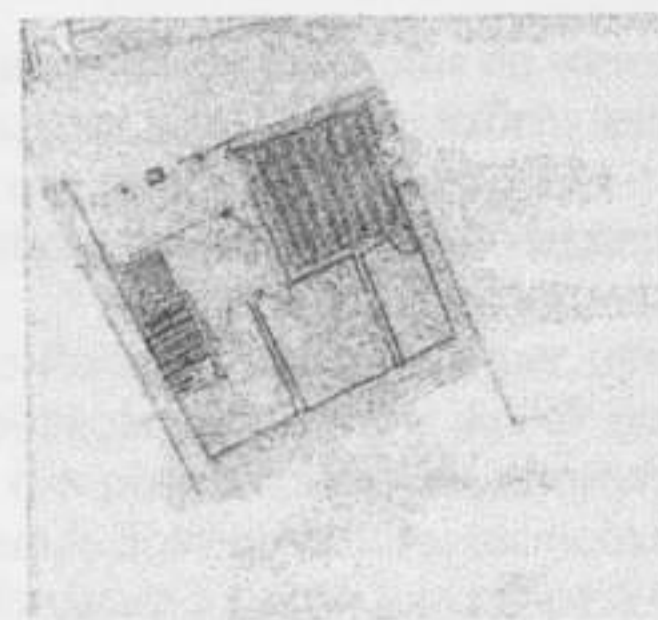
A estrutura é em perfis de aço e lages aligeiradas de betão armado com cofragem perdida de chapa zincada. As lages das escadas são igualmente em betão, sem apoio directo na parede existente.

Ao nível dos revestimentos os materiais utilizados variam entre o granito, a madeira e os mosaicos para o pavimento, o reboco pintado, os azulejos e a madeira para as paredes e "pladur" para os tectos. As paredes do novo projecto terão uma leitura diferente das paredes pré-existentes, através da cor com que são pintadas ou do revestimento que levam, sendo as novas brancas e as de madeira, e as anteriores ocre.

Para a sala optei por pavimento de soalho de madeira (o tipo de madeira não está ainda determinado já que dependerá dos custos e da disponibilidade económica) e de lages de granito junto às janelas como prolongamento do pavimento do exterior. É nesta zona e frente à janela de maior dimensão que se instala o fogão de sala, numa posição estratégica que permite desfrutar do calor e da paisagem exterior ao mesmo tempo. O soalho estende-se para a sala de jantar e o granito para a cozinha, lavabo e vestíbulo da entrada.

A cozinha e o lavabo funcionaram como elementos independentes de toda a estrutura, encaixados no espaço da sala de jantar. A sua separação será feita por um plano de madeira e é a diferença dos materiais que distinguirá os espaços, sendo esta uma característica comum a toda a intervenção. No piso dos quartos o pavimento está previsto em soalho de madeira, sendo as casas de banho revestidas com mosaico.

À excepção do vão aberto de ligação entre as salas no primeiro piso e a alargamento do vão da porta exterior para porta de garagem, todos os outros são mantidos.



Plantas de estudo para pavimentos em soalho de madeira, granito e mosaico cerâmico

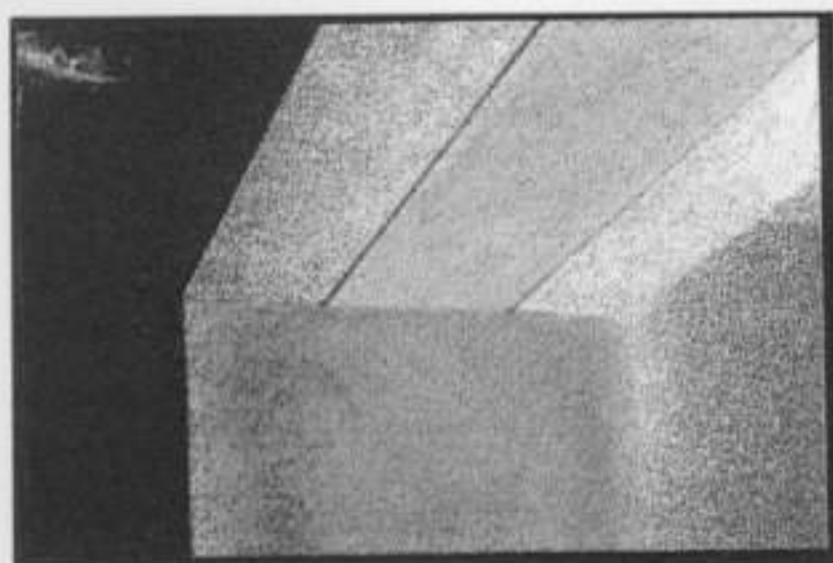
O Exemplo da Estrutura da Cadeia do Aljube

A opção pela estrutura mista de aço e betão foi baseada na observação e estudo de exemplos de vários tipos de estruturas possíveis, tendo sido esta a que mais adequada me pareceu para este caso específico, sem por de parte a possibilidade da aplicação outros tipos de estrutura, como por exemplo a de madeira.

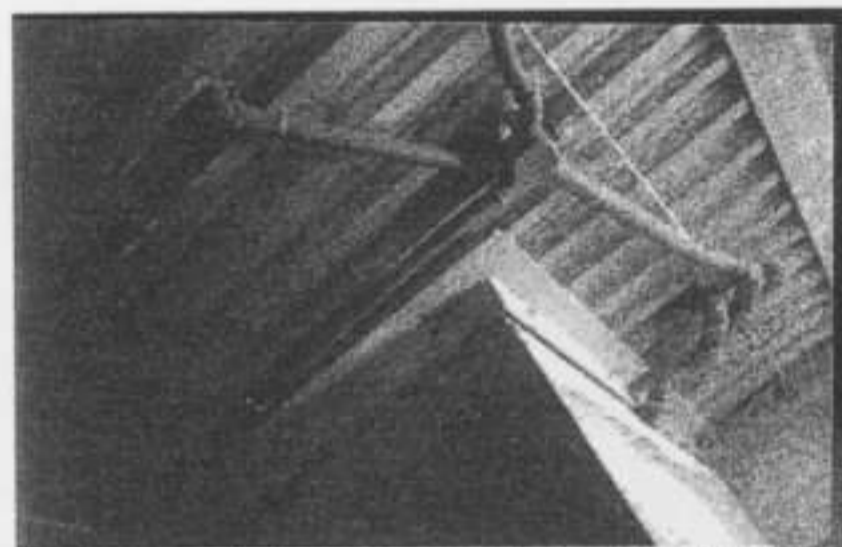
O desenho e as soluções de projecto ao nível da estrutura foram fundamentadas em documentação técnica e na observação da aplicação deste sistema noutras obras de reabilitação.

A visita à obra da Cadeia do Aljube, antigo Convento de Santa Clara no Porto, acompanhada por uma minuciosa explicação técnica do arquitecto responsável pelo projecto de reabilitação, para central da PSP do, arq. Vítor Mestre, foi de uma importância fundamental para compreensão das possibilidades da estrutura mista, das razões que levam à sua utilização, sobretudo em obras desta natureza, e dos pormenores técnicos e exigências da sua aplicação. O estudo do projecto e a realidade em obra reforçaram a opção tomada para o projecto da Casa do Padre.

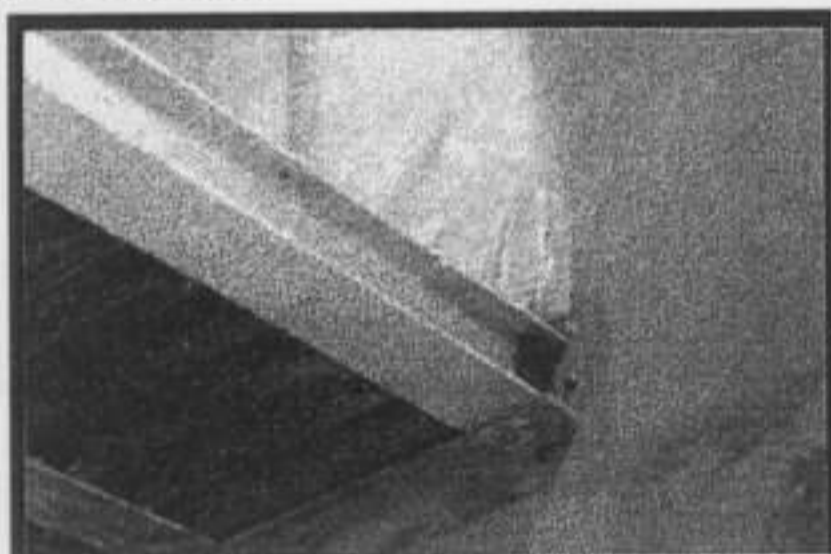
Apresento a seguir registos fotográficos de pormenores idênticos aos que estão pensados no projecto.



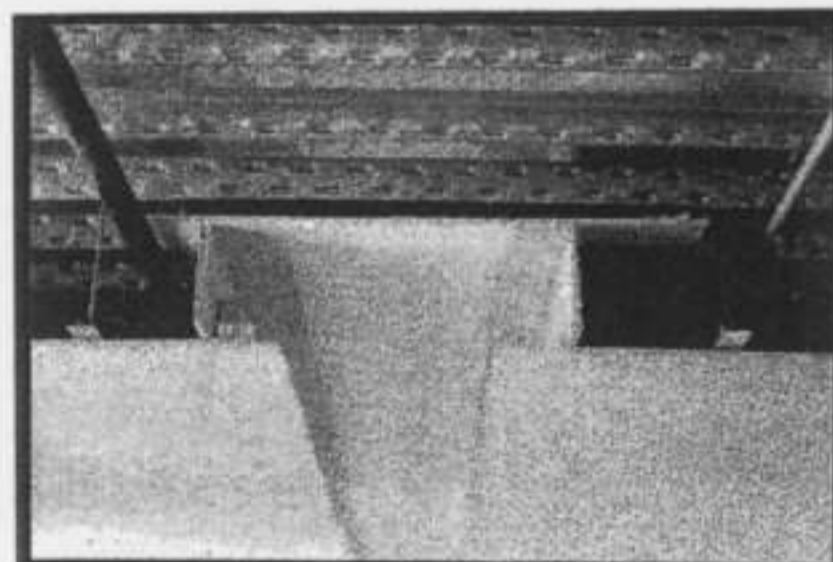
Vigas de suporte da parede na abertura de um novo vão.



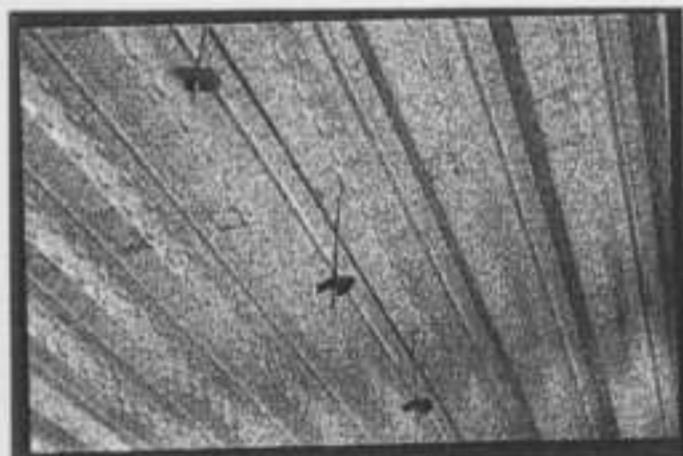
Tubagens de água e esgotos sob a placa aligeirada.



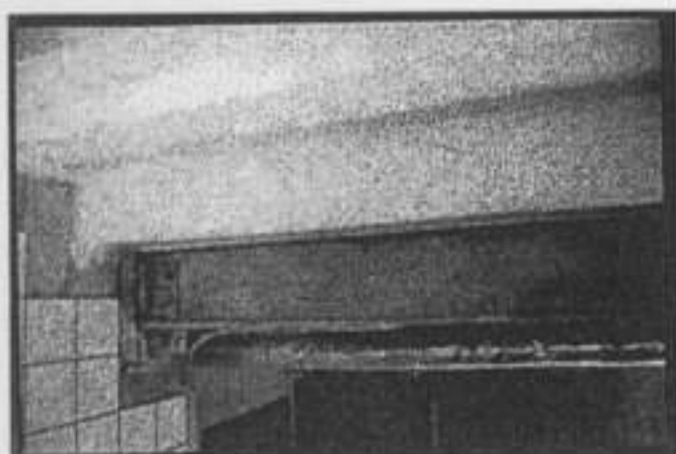
Pormenor de viga I na fixação à parede.



Pormenor do tecto falso com iluminação incorporada

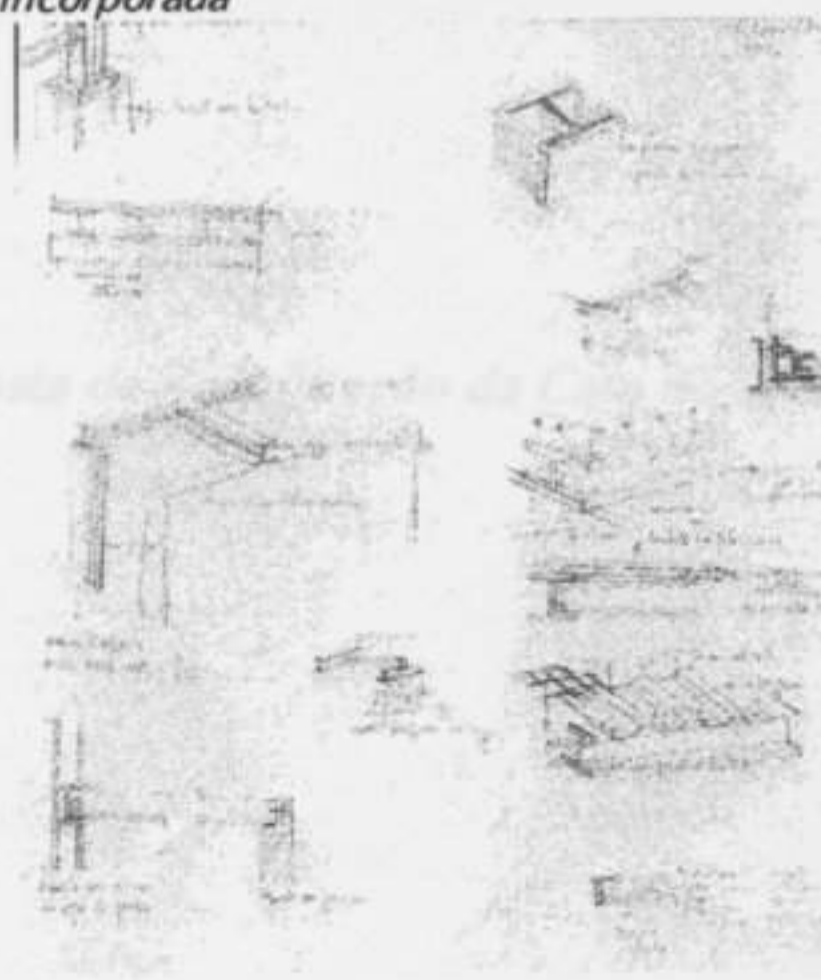


Fixações do tecto falso



Viga de suporte da lage das escadas

Estudos do sistema estrutural

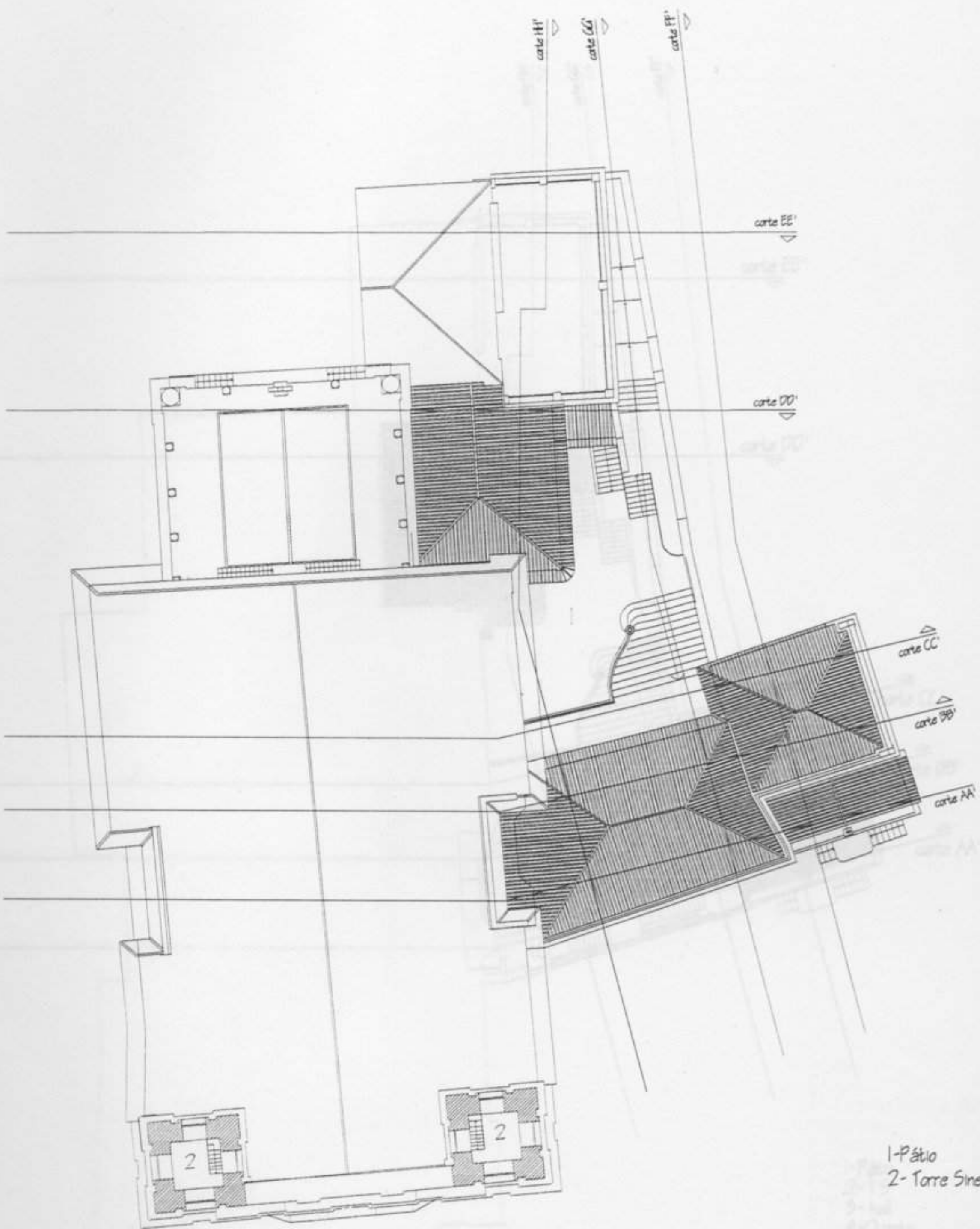




Peças Desenhadas da Proposta de Reabilitação da Casa do Padre

2- Terra Scura

Peças de Madeira

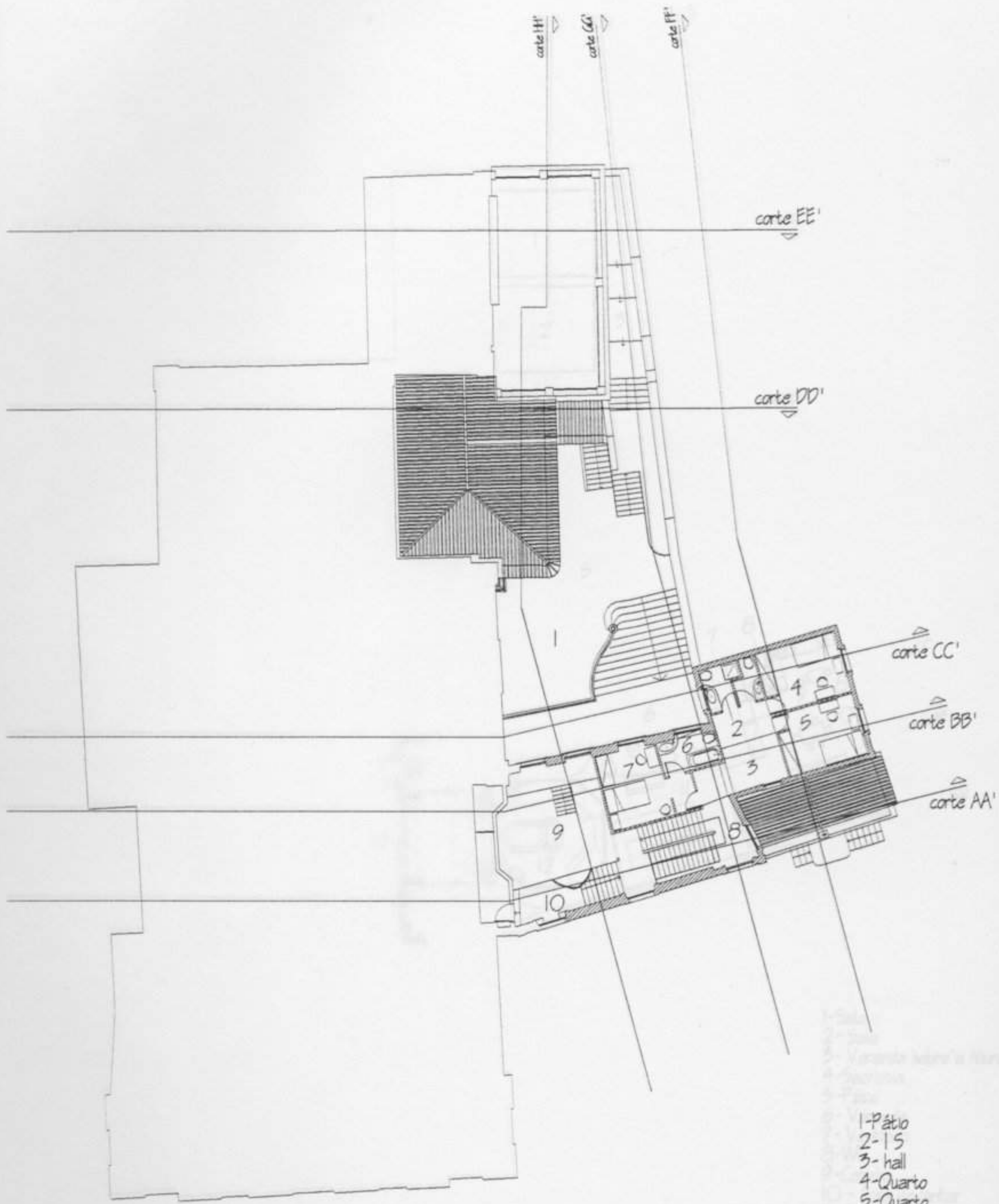


1-Pátio
2-Torre Sineira

1 2 3 4 metros

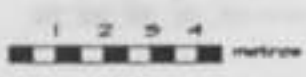
Planta do Cobertura

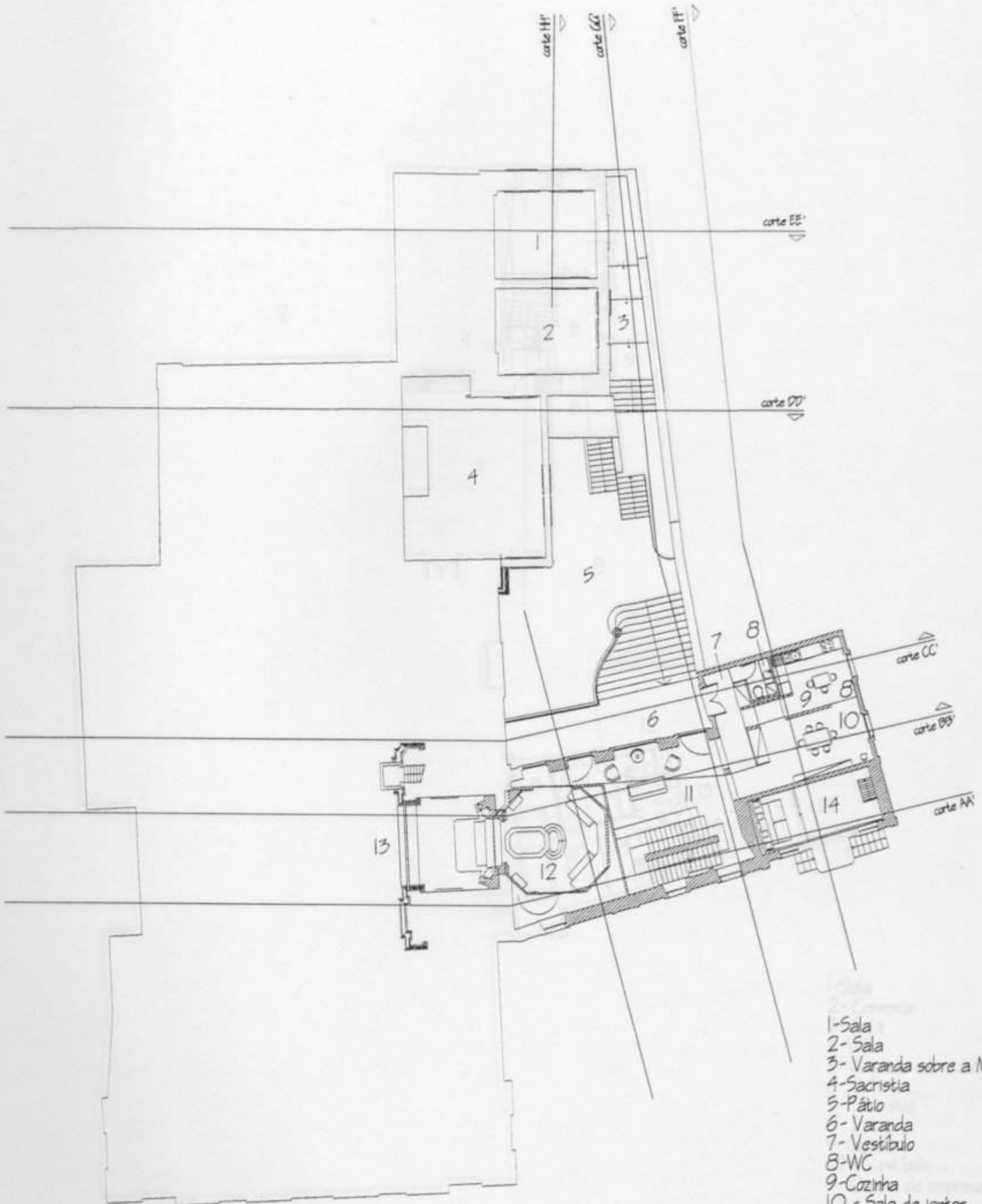
- 1-1
- 2-2
- 3-3
- 4-4
- 5-5
- 6-6
- 7-7
- 8-8
- 9-9 Sala de Trabalho
- 10-10



- 1-Pátio
- 2-LS
- 3-hall
- 4-Quarto
- 5-Quarto
- 6-LS
- 7-Suite
- 8-Patamar
- 9-Sala de Trabalho
- 10 -Acesso à loreja

Planta do Piso 2

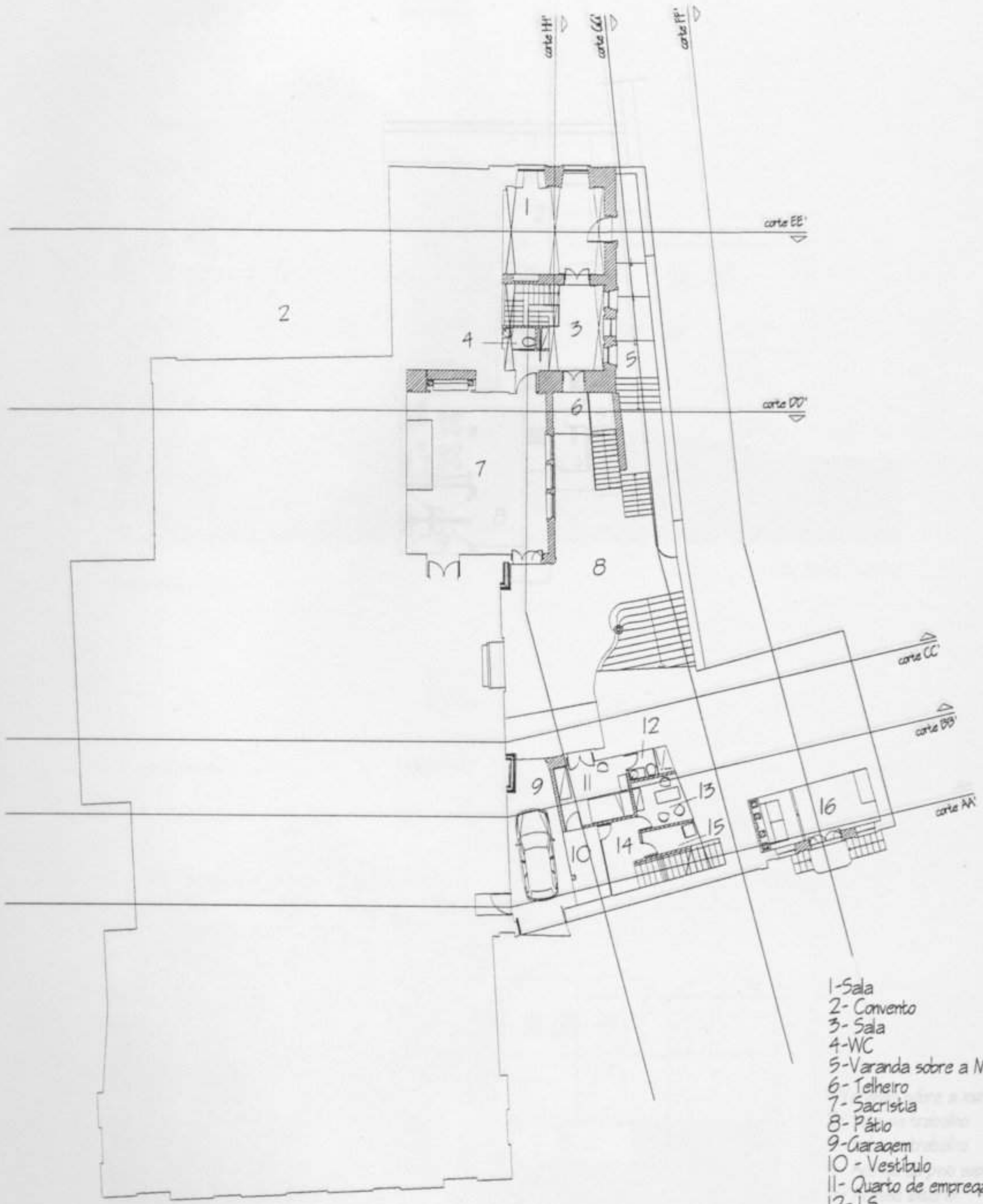




- 1-Sala
- 2- Sala
- 3- Varanda sobre a Muralha
- 4-Sacristia
- 5-Pátio
- 6- Varanda
- 7- Vestibulo
- 8-WC
- 9-Cozinha
- 10 - Sala de jantar
- 11- Sala de estar
- 12- Capela dos passos
- 13- loreja
- 14-Capela

Planta do Piso I

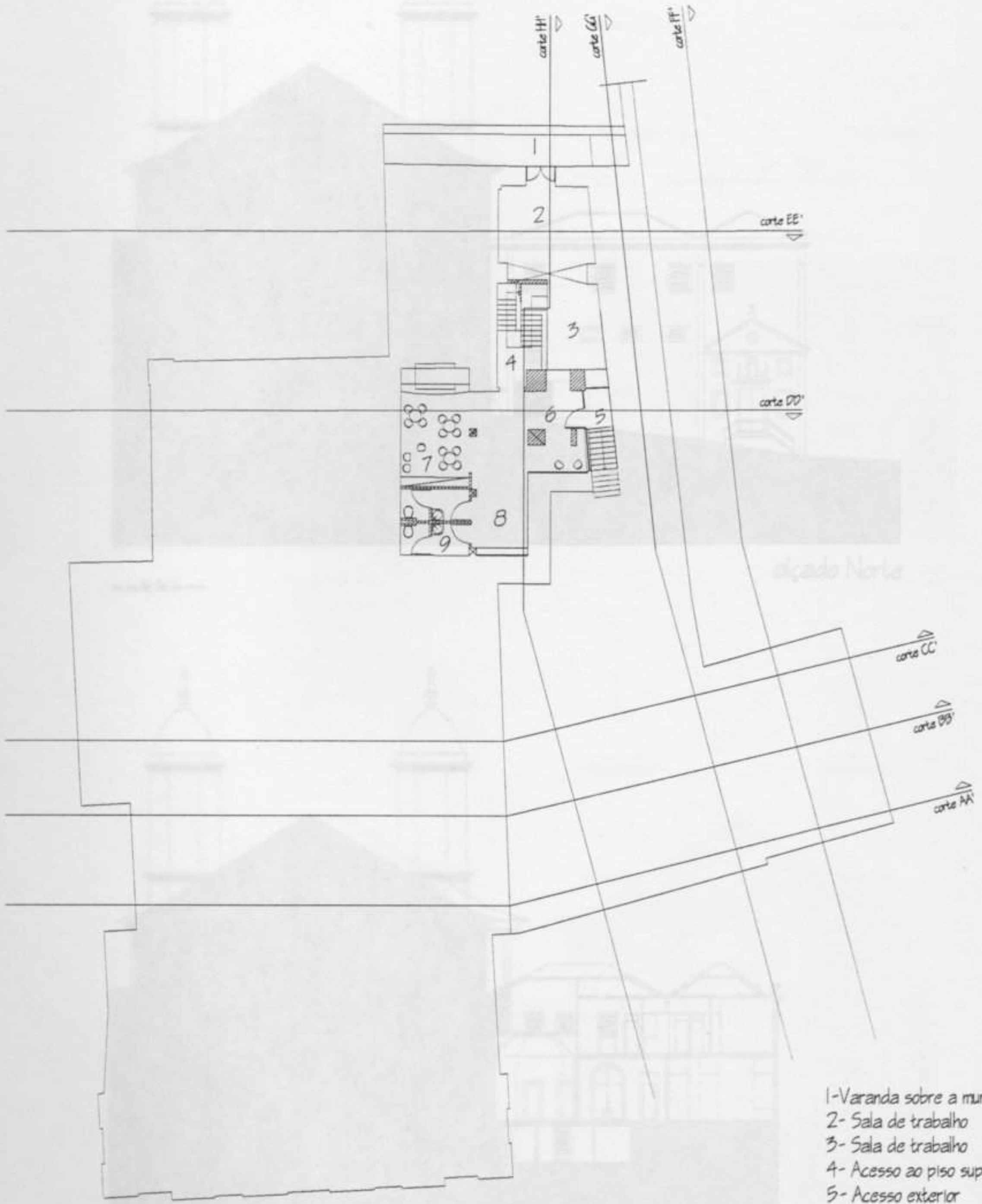




- 1-Sala
- 2- Convento
- 3- Sala
- 4-WC
- 5-Varanda sobre a Muralha
- 6- Telheiro
- 7- Sacristia
- 8- Pátio
- 9-Garagem
- 10 - Vestibulo
- 11- Quarto de empregada
- 12-15
- 13- Sala de atendimento
- 14- Hall
- 15- Lavandaria
- 16- Capela

Planta do Piso O-Anexos

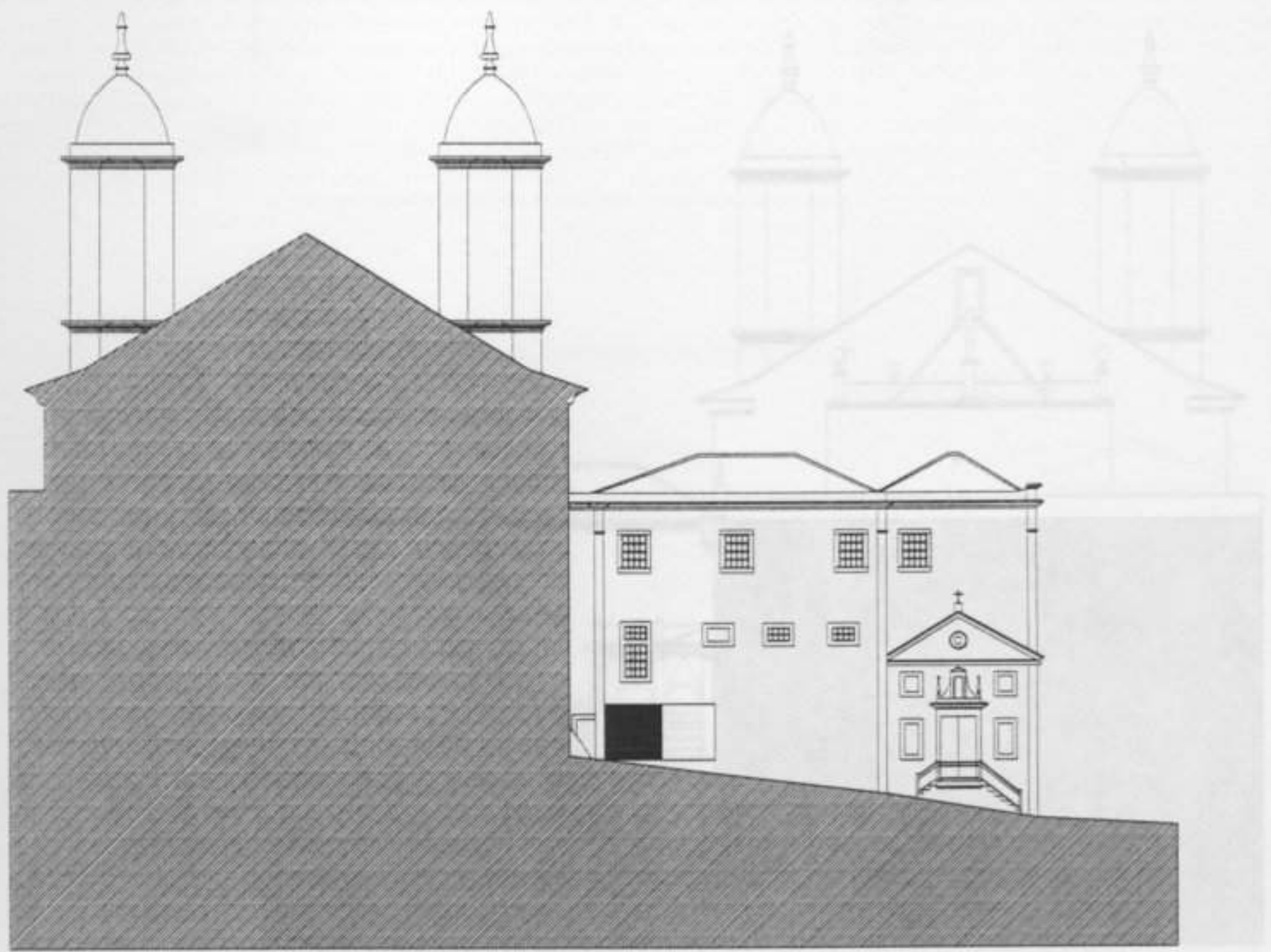




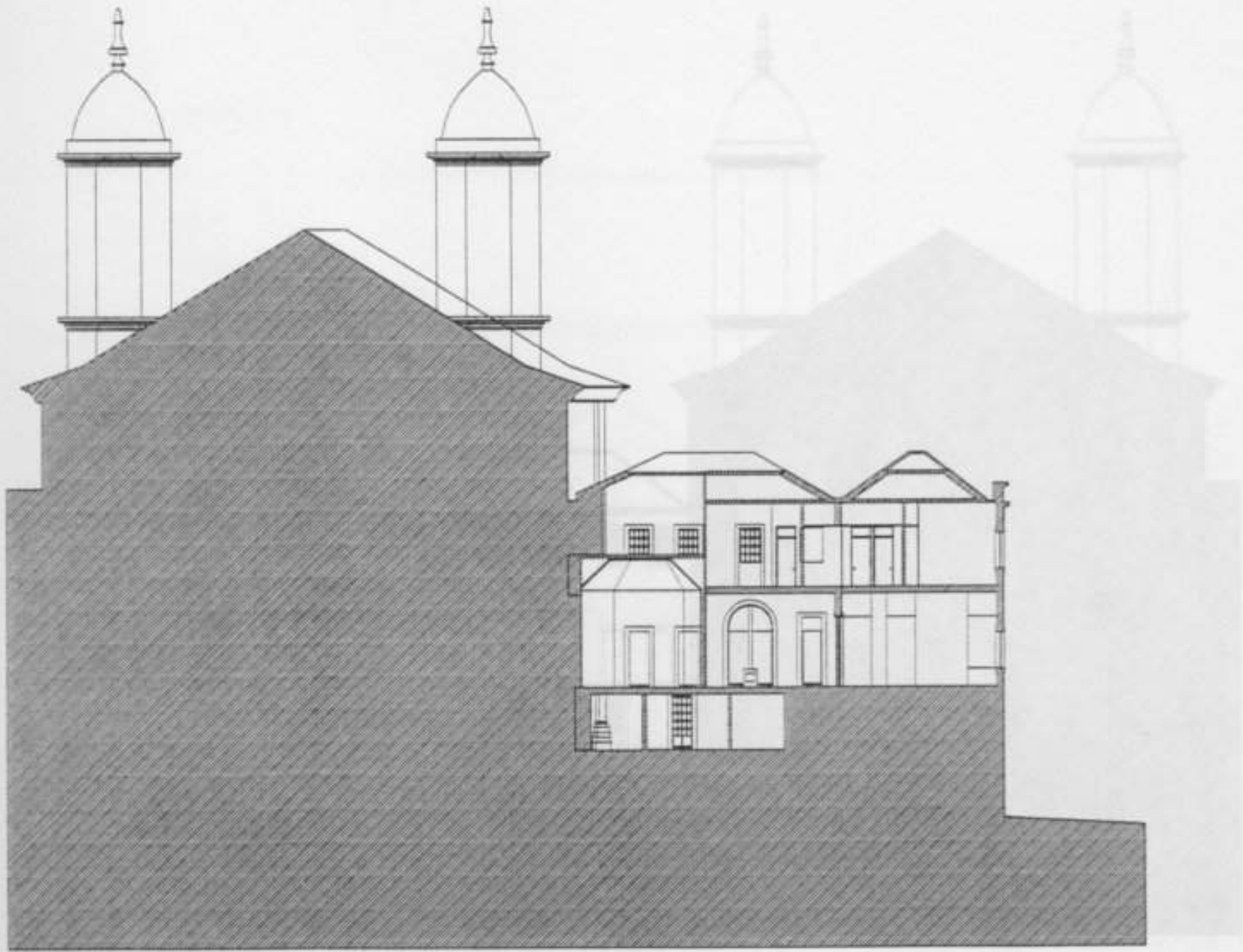
- 1-Varanda sobre a muralha
- 2- Sala de trabalho
- 3- Sala de trabalho
- 4- Acesso ao piso superior
- 5- Acesso exterior
- 6-Hall de entrada
- 7- Bar
- 8- Bençaleiro
- 9- WC

Planta da Cave-Anexos

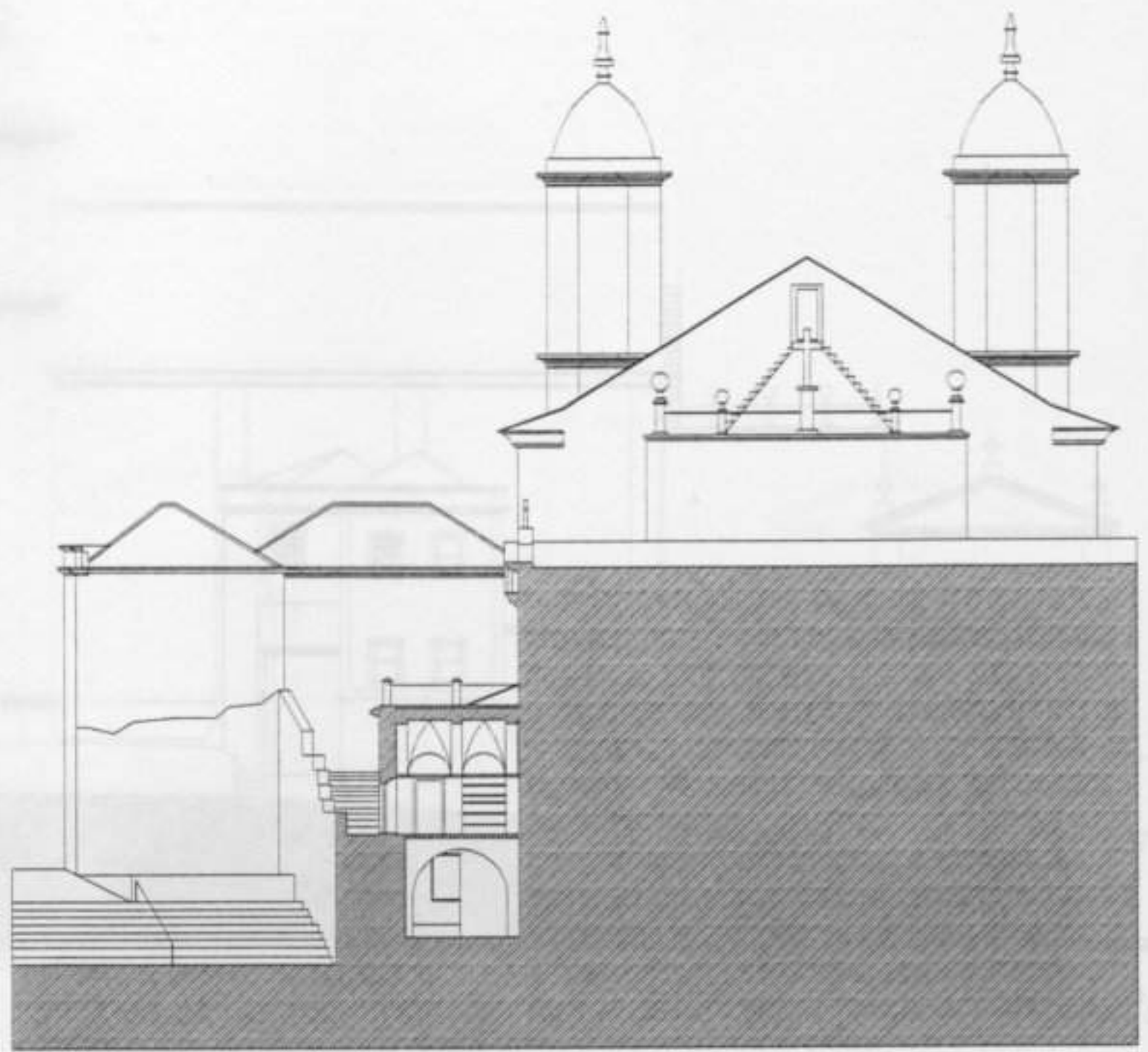




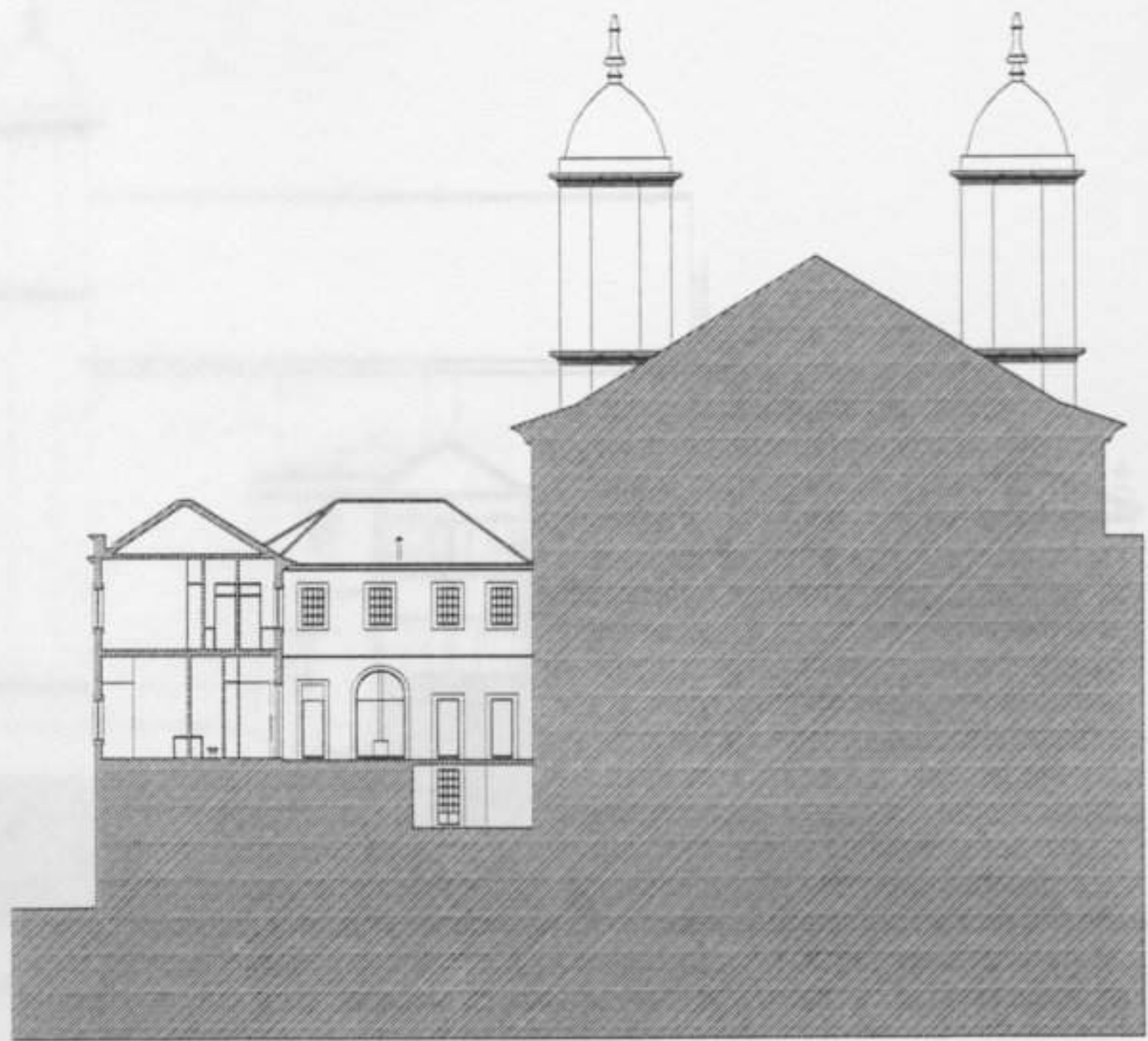
alçado Norte



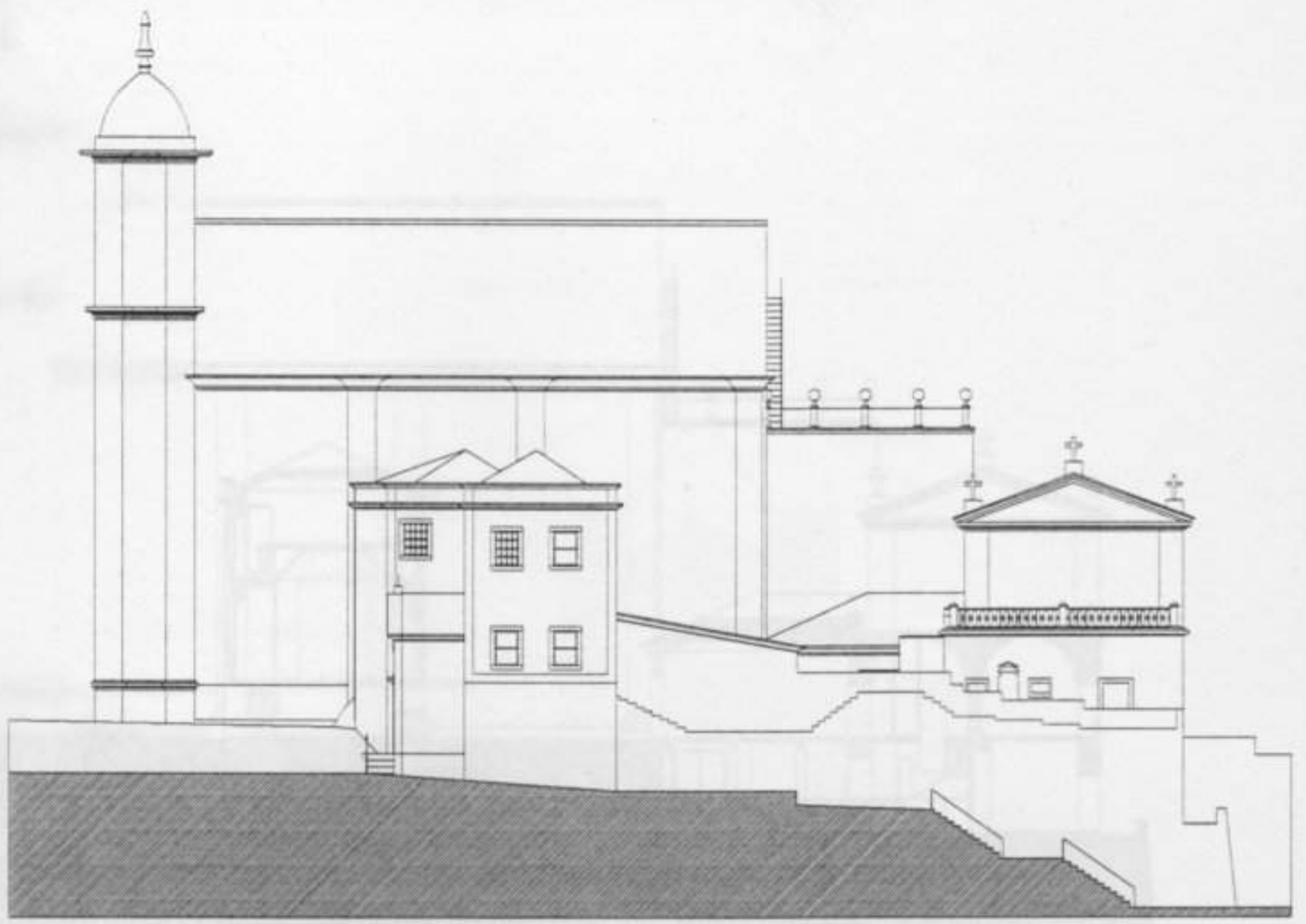
corte BB'



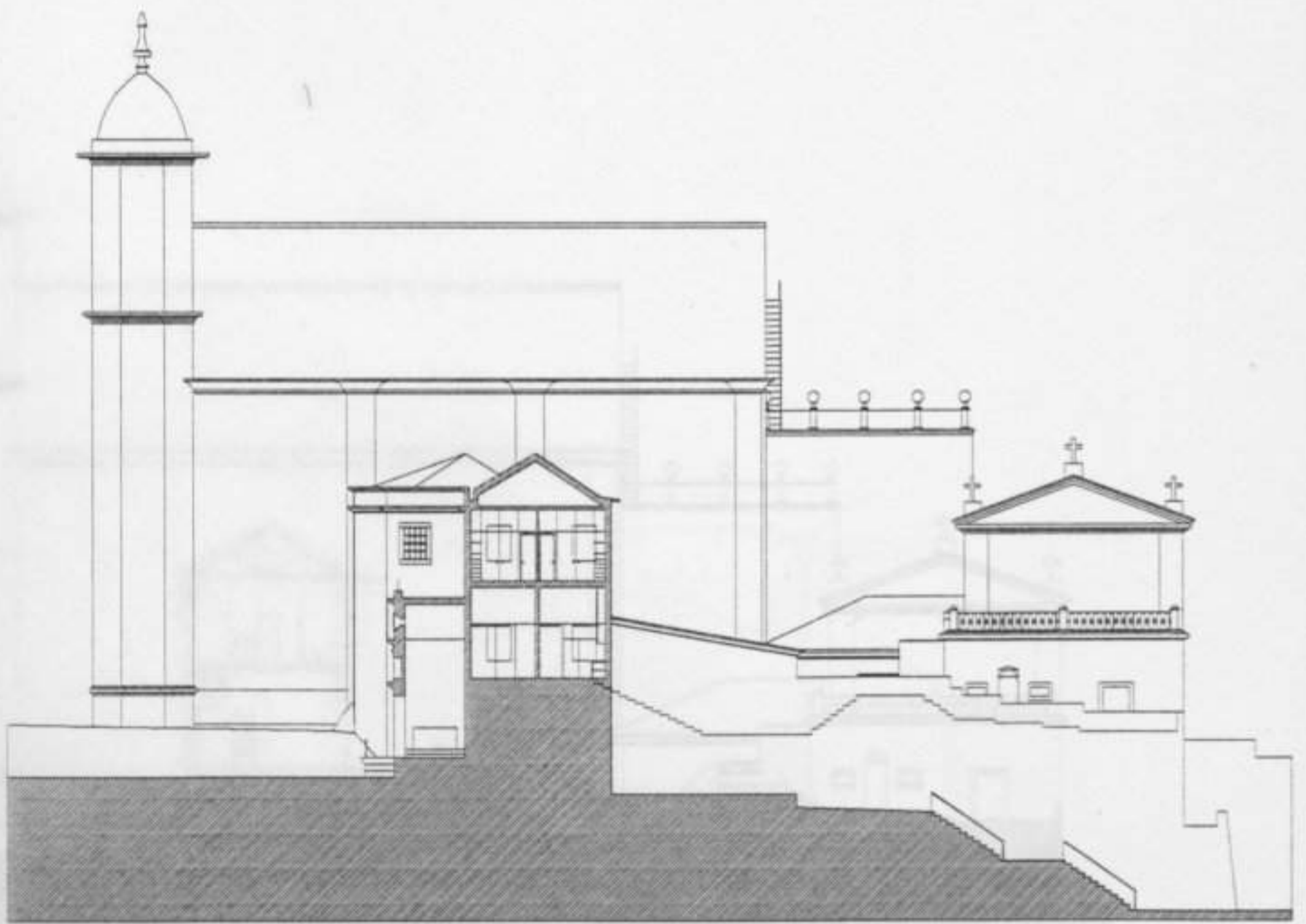
corte EE'



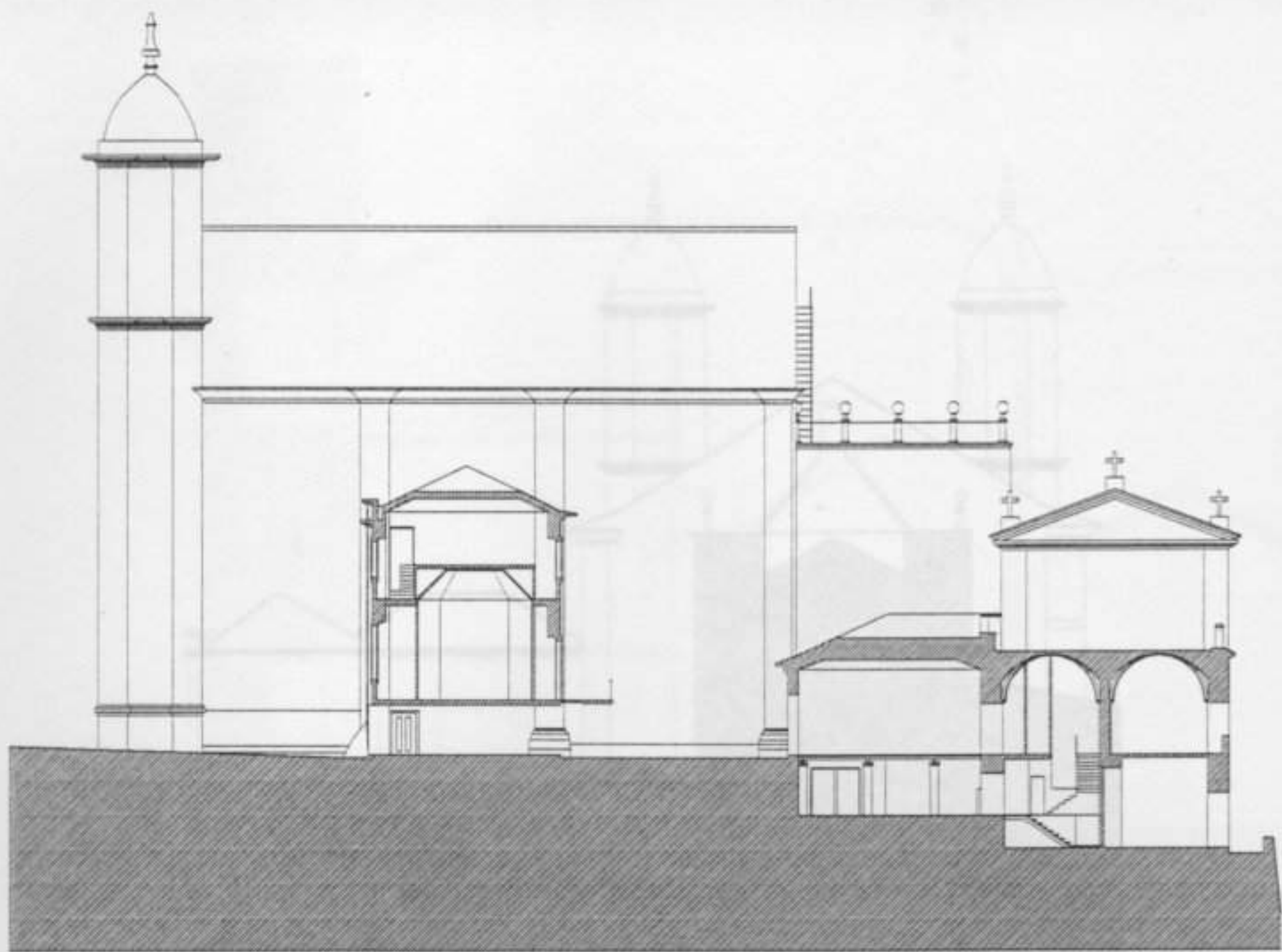
corte CC'



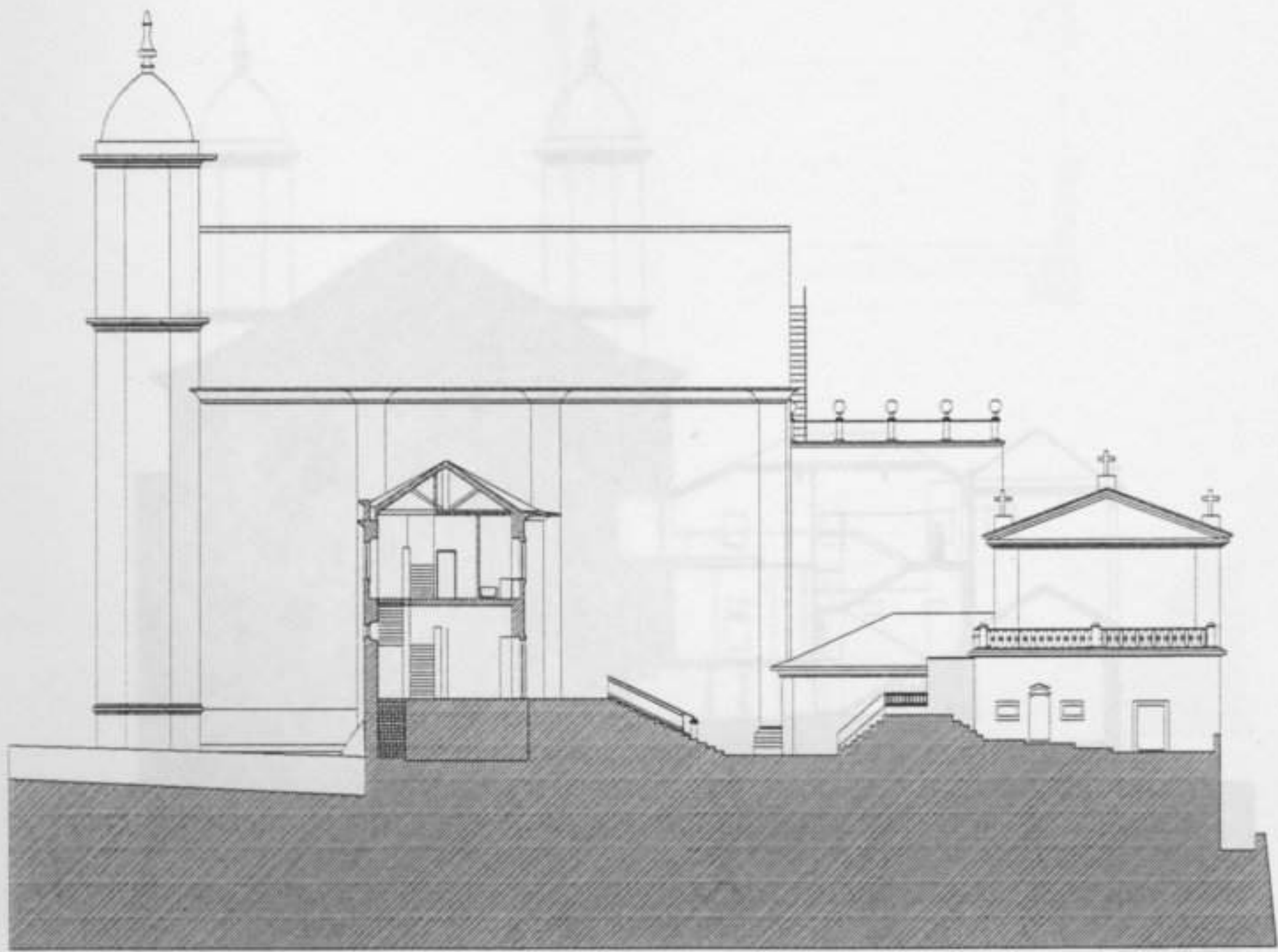
corte alçado Poente



corte FF'

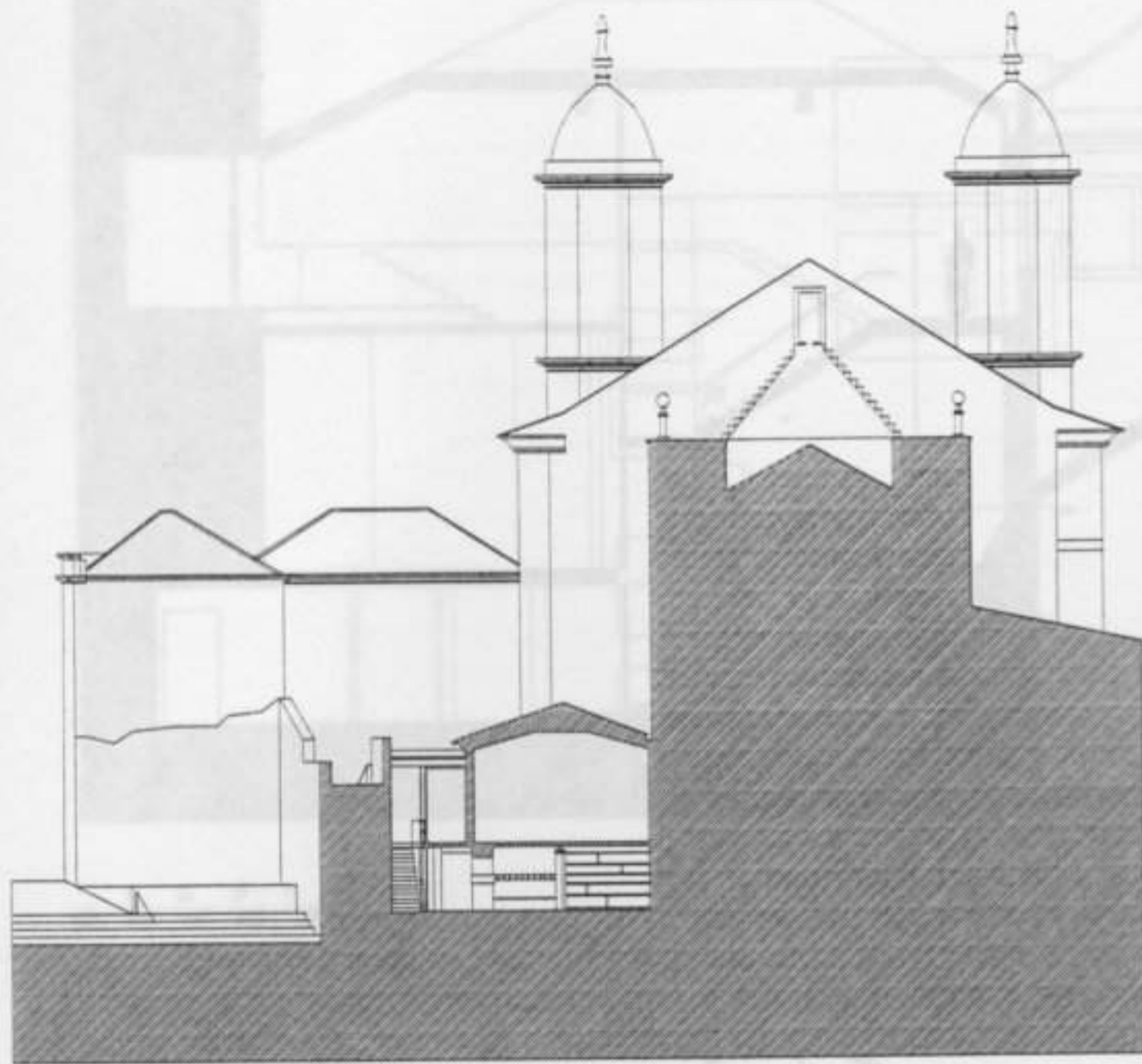


corte H-H'

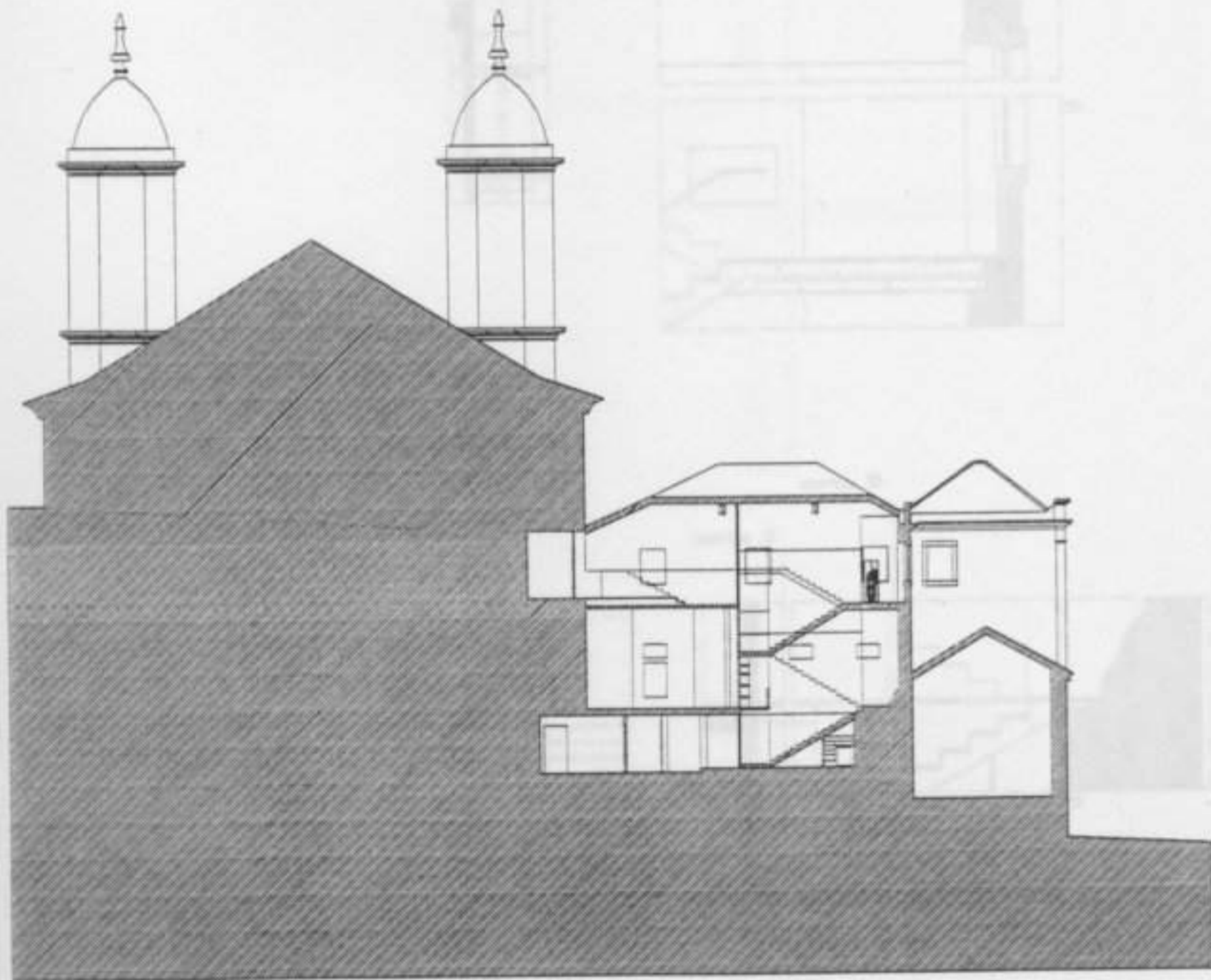


corte G-G'



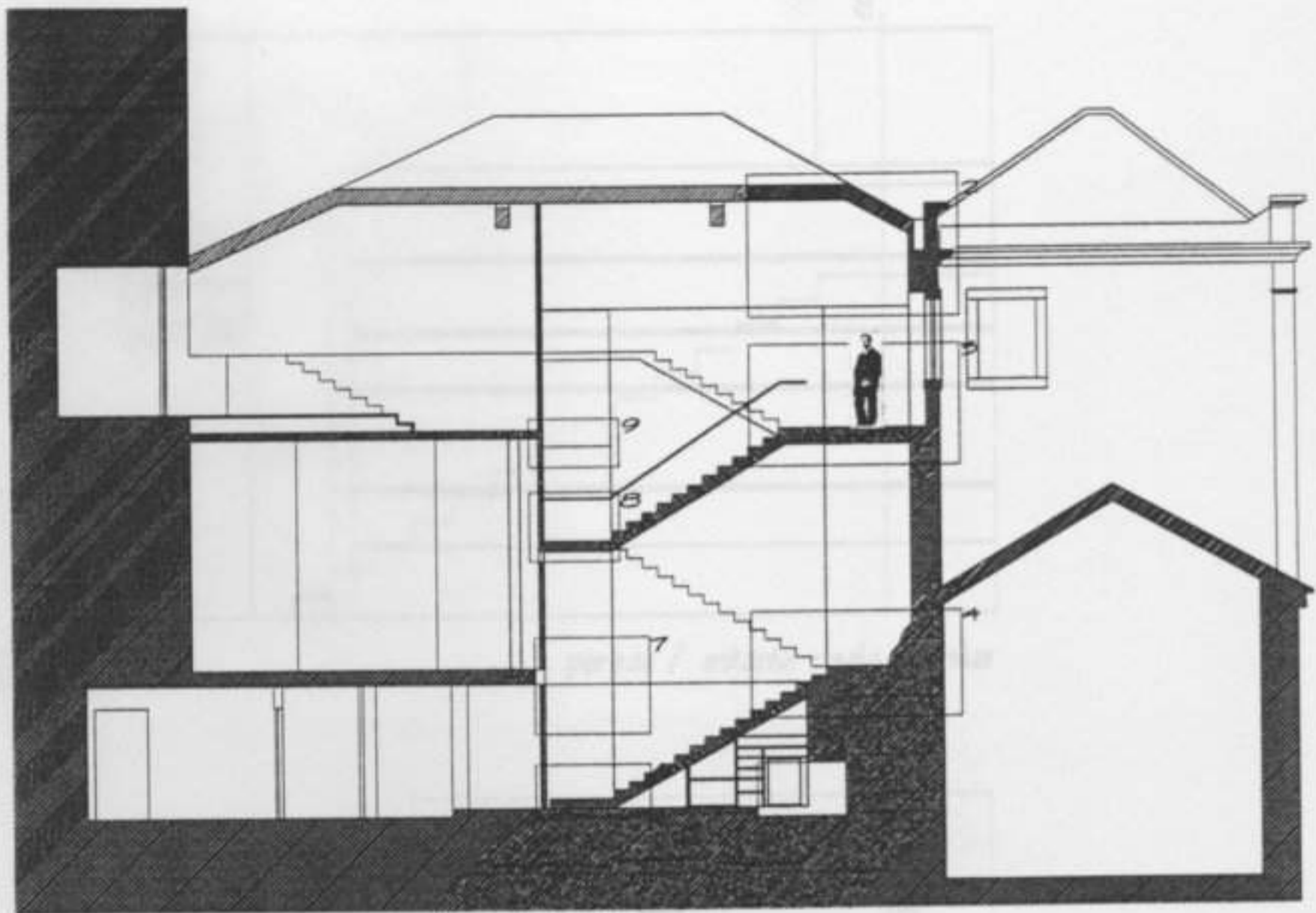


corte DD'



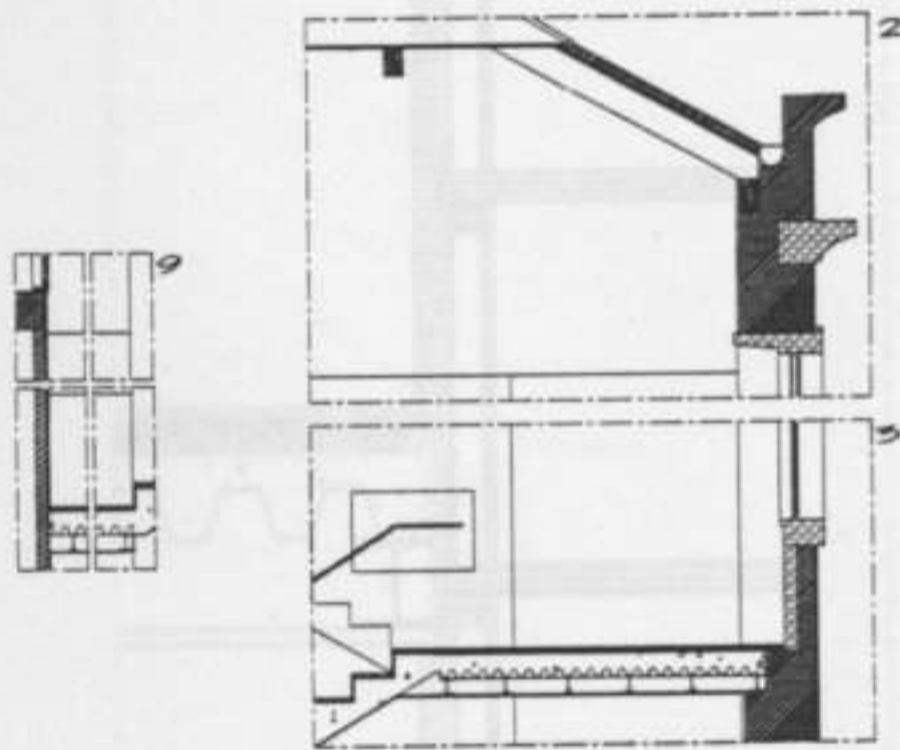
corte AA'



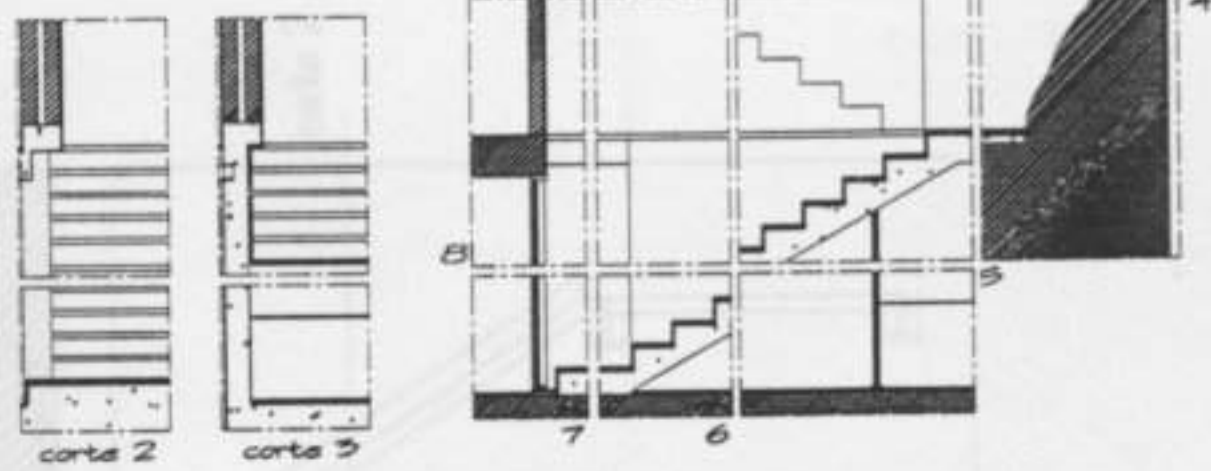


1 2 3 4 metros

corte A



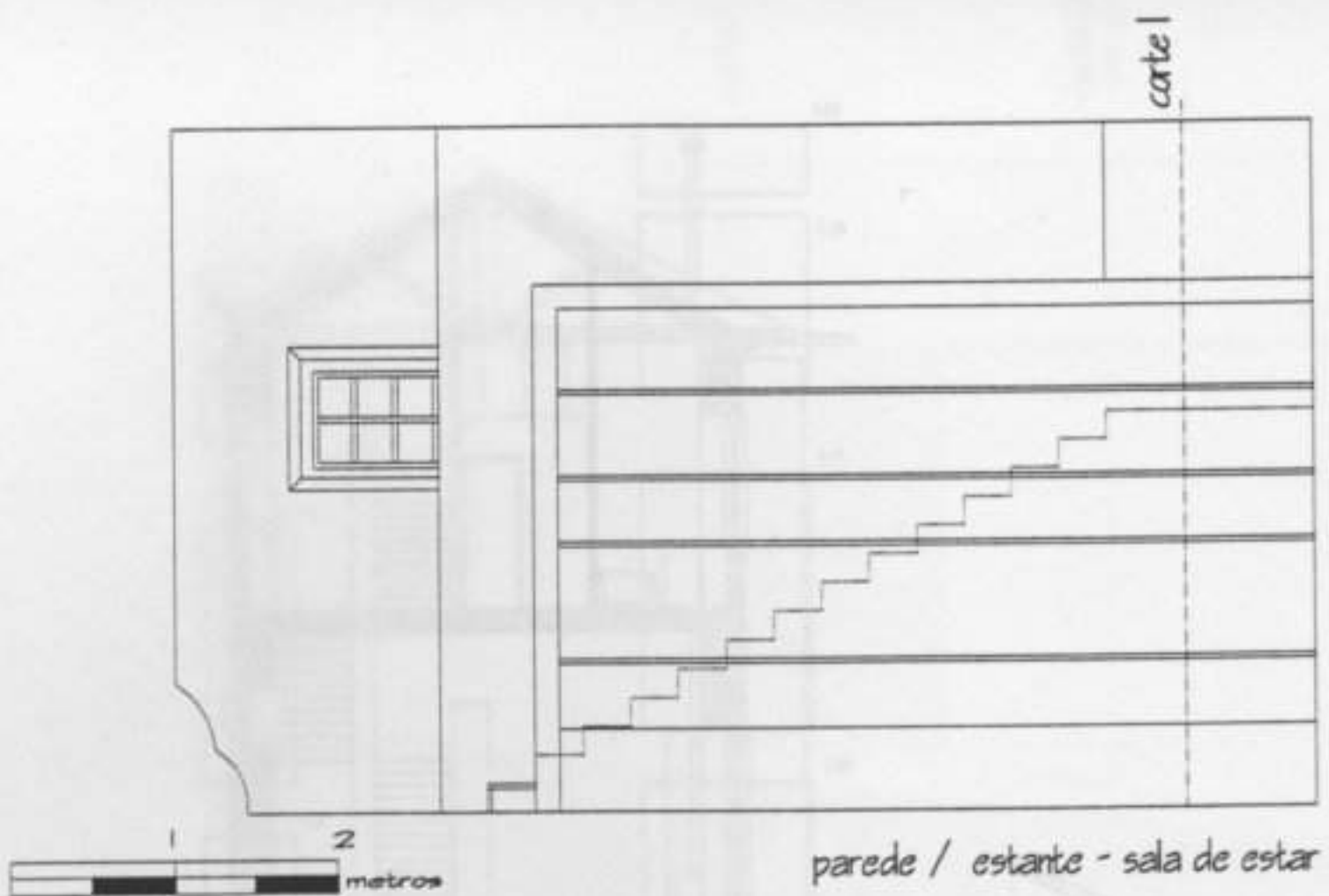
corte 3



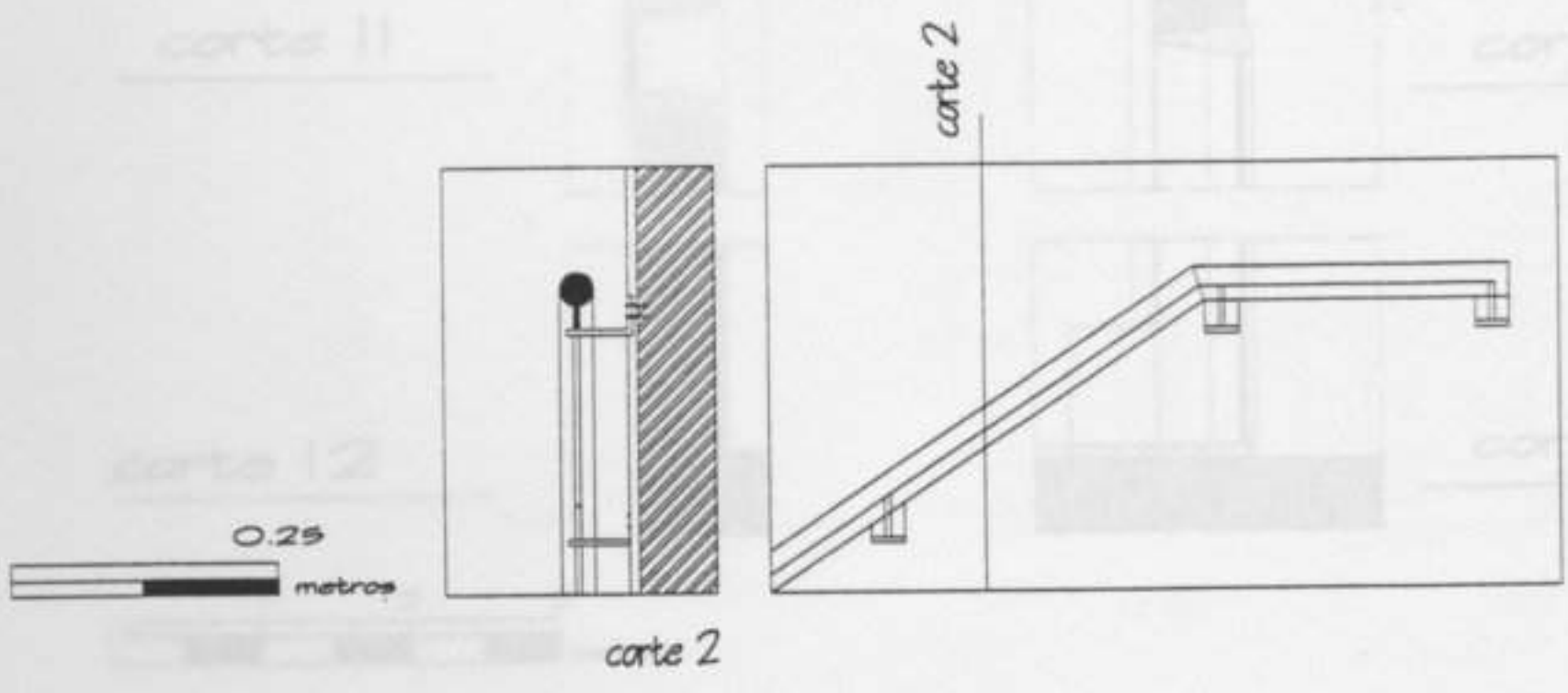
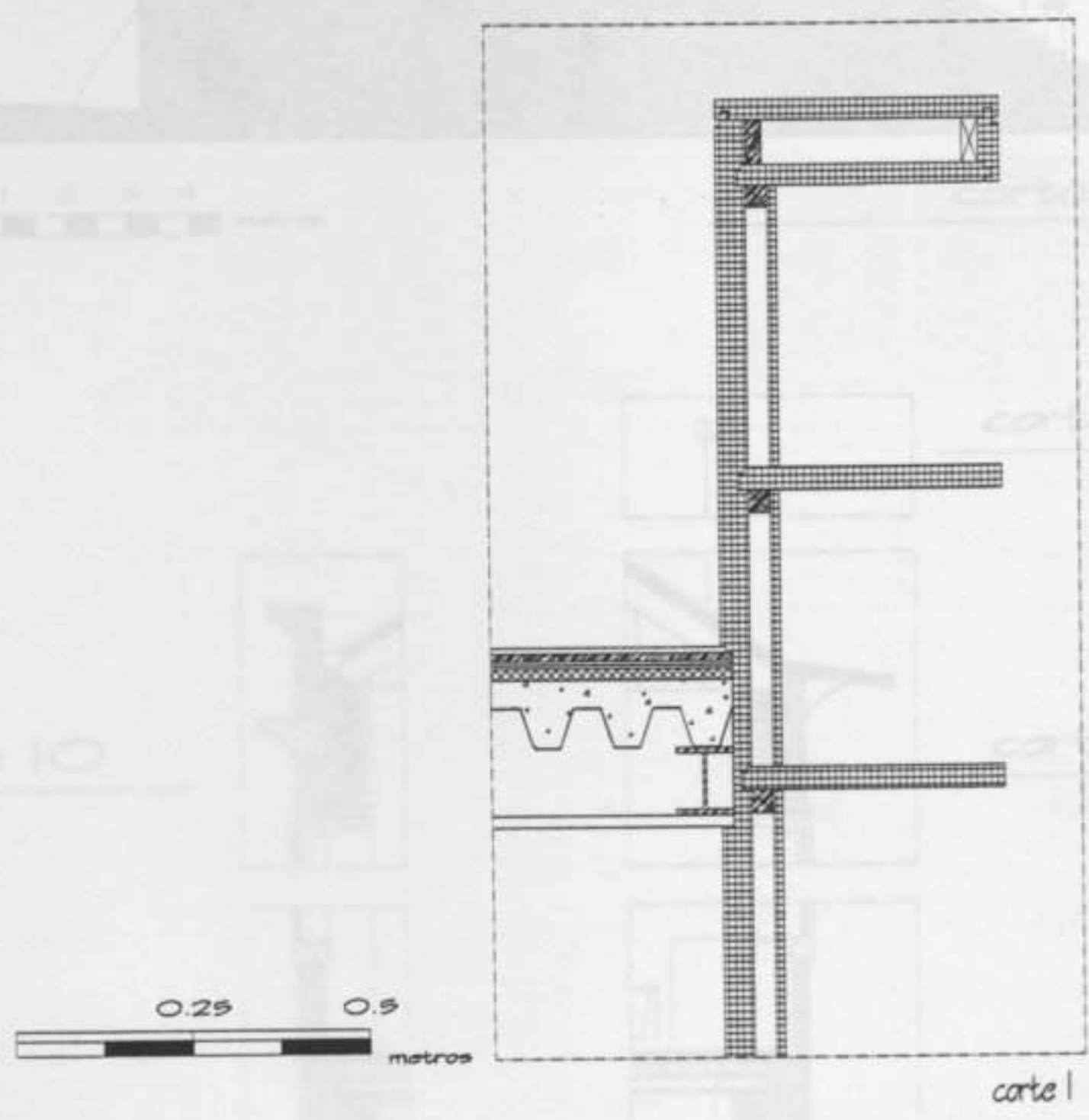
corte 2

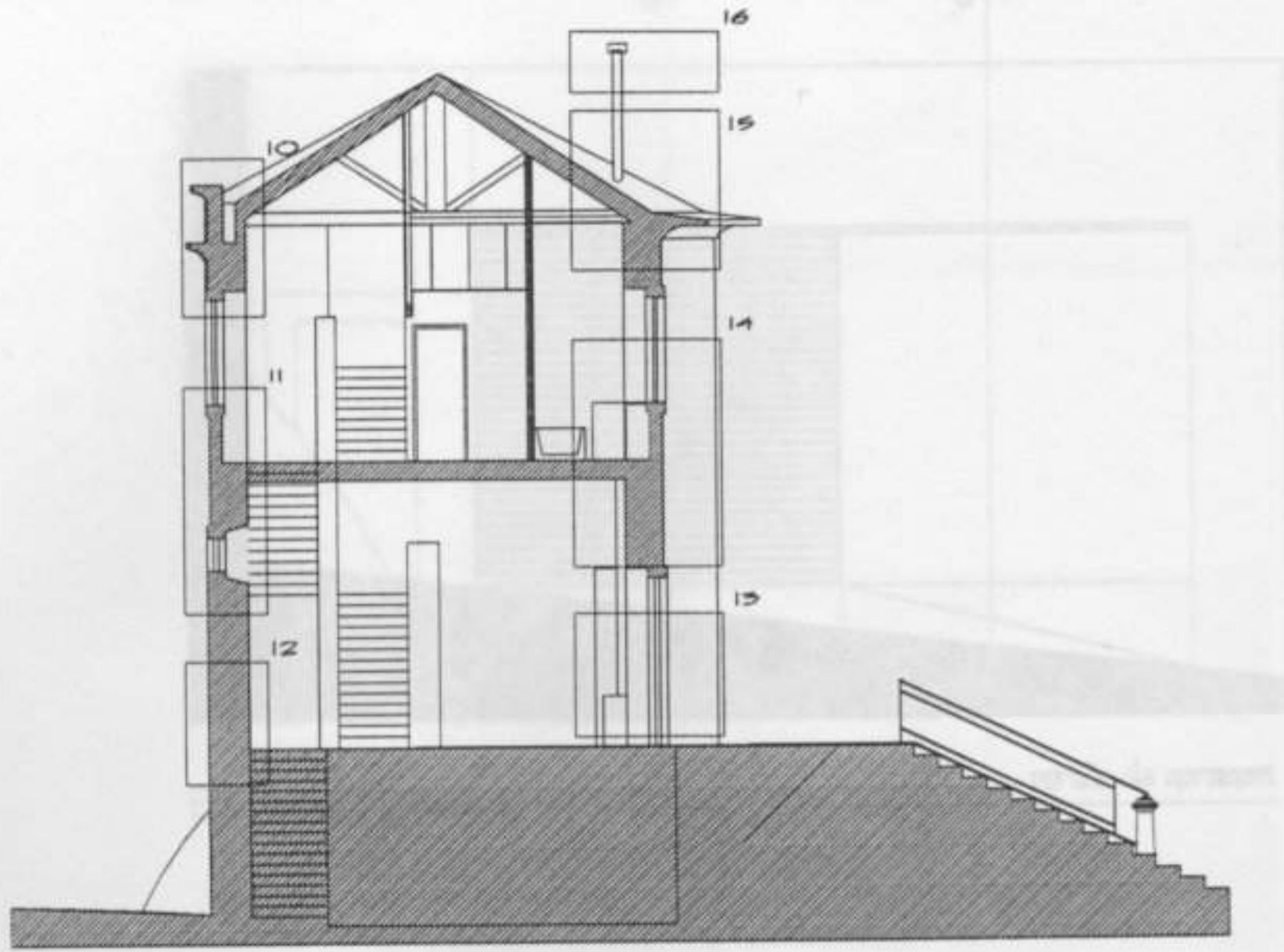
corte 2 corte 3

1 2 3 metros



pared / estante - sala de estar

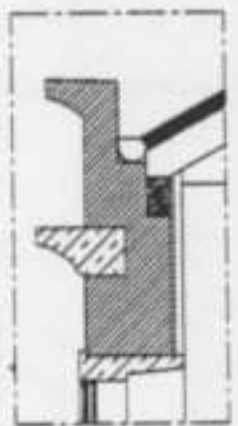




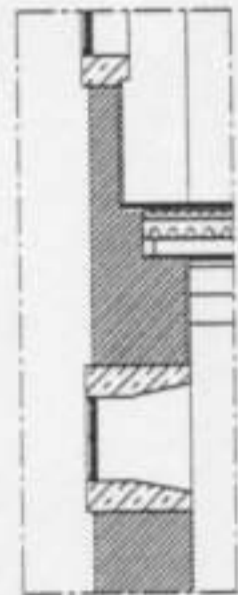
1 2 3 4 metros

corte A

corte 10



corte 11

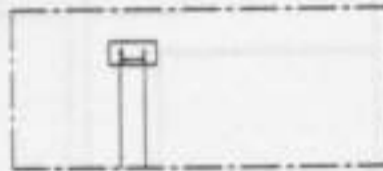


corte 12

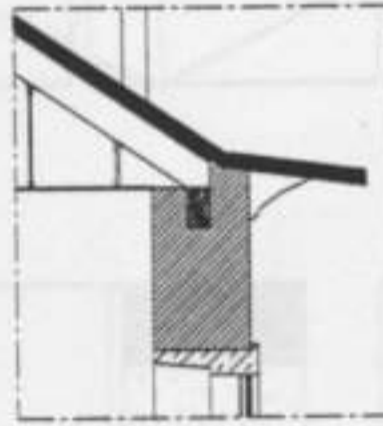


1 2 3 metros

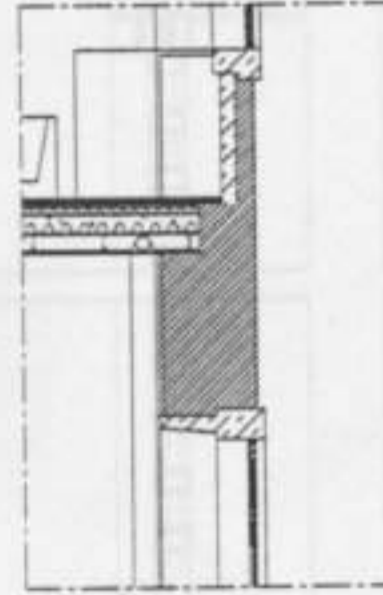
corte 16



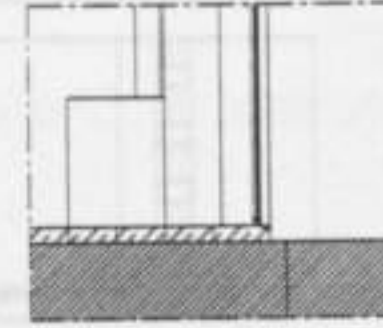
corte 15



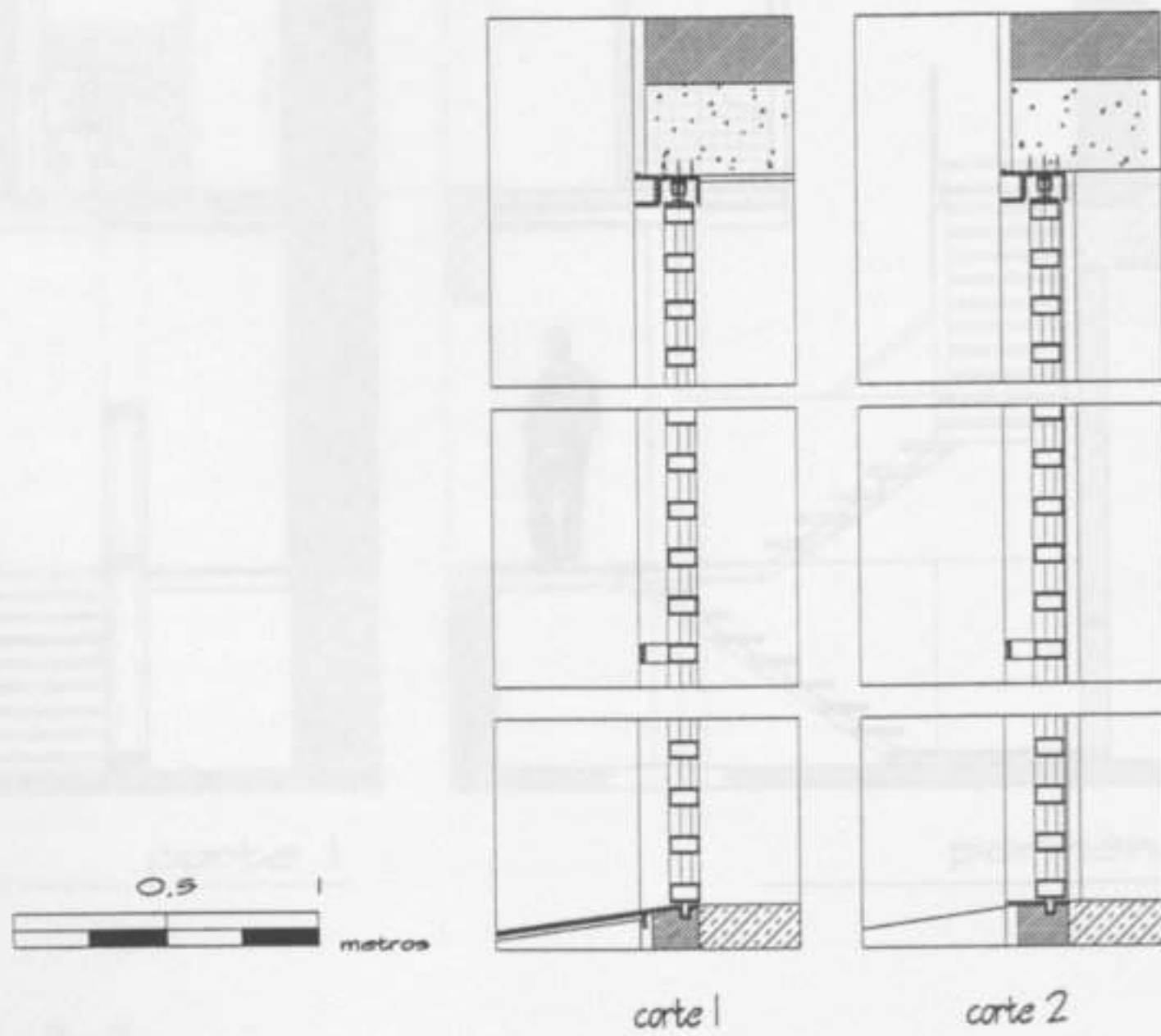
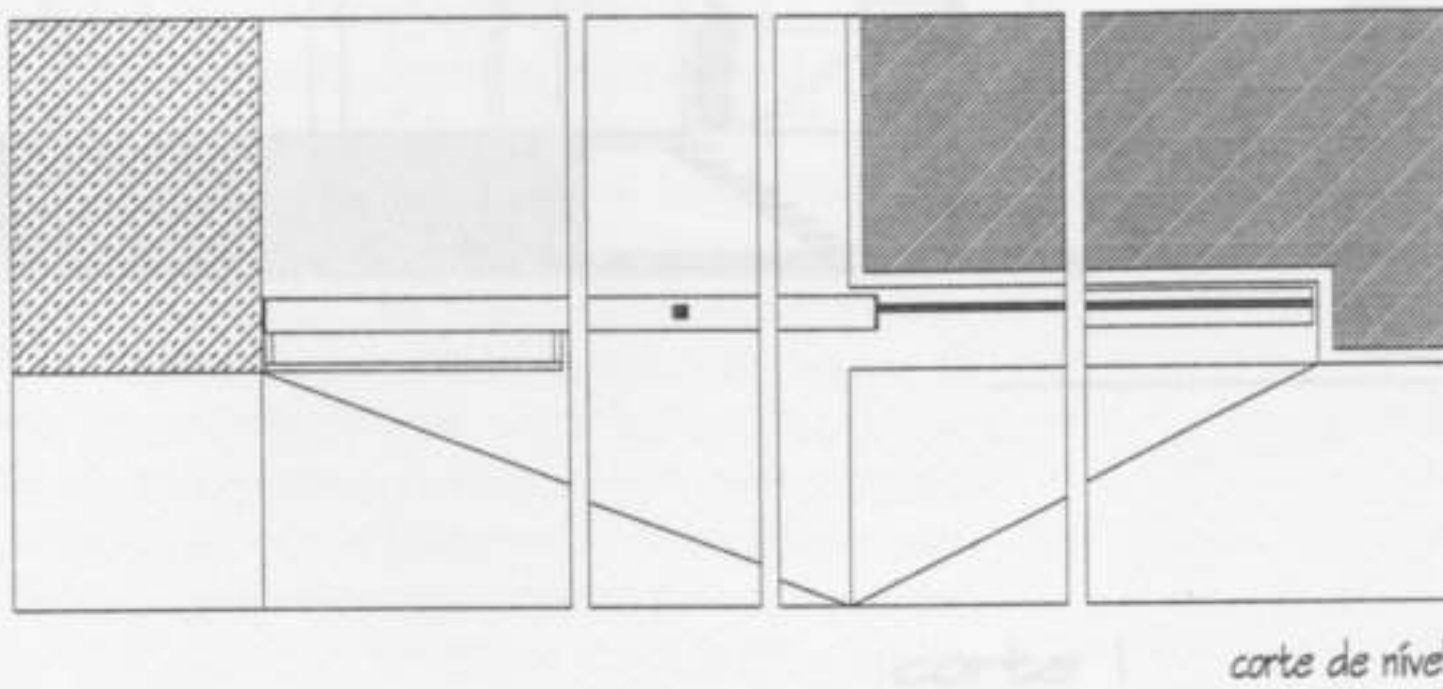
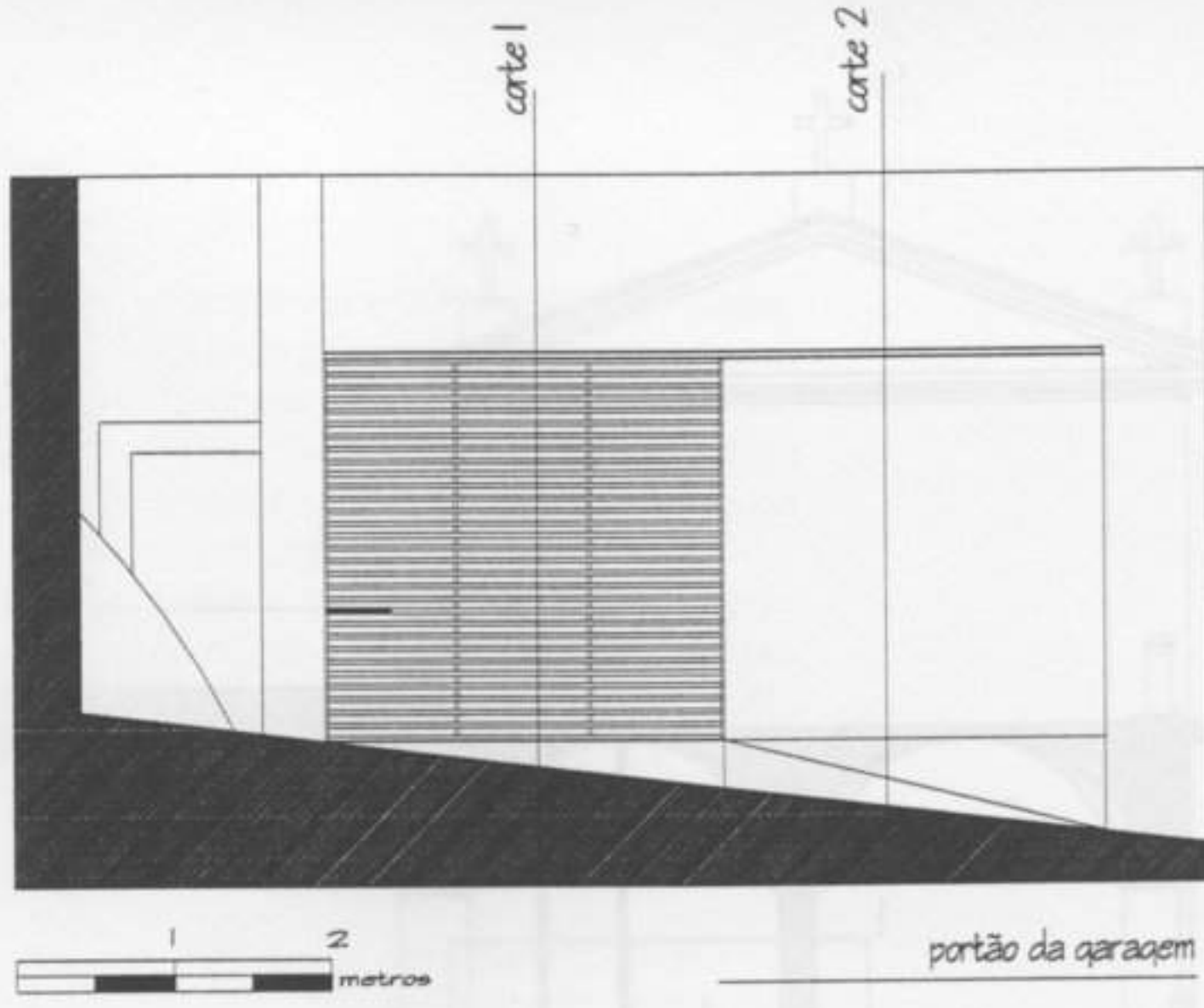
corte 14



corte 13



corte 1 corte 2

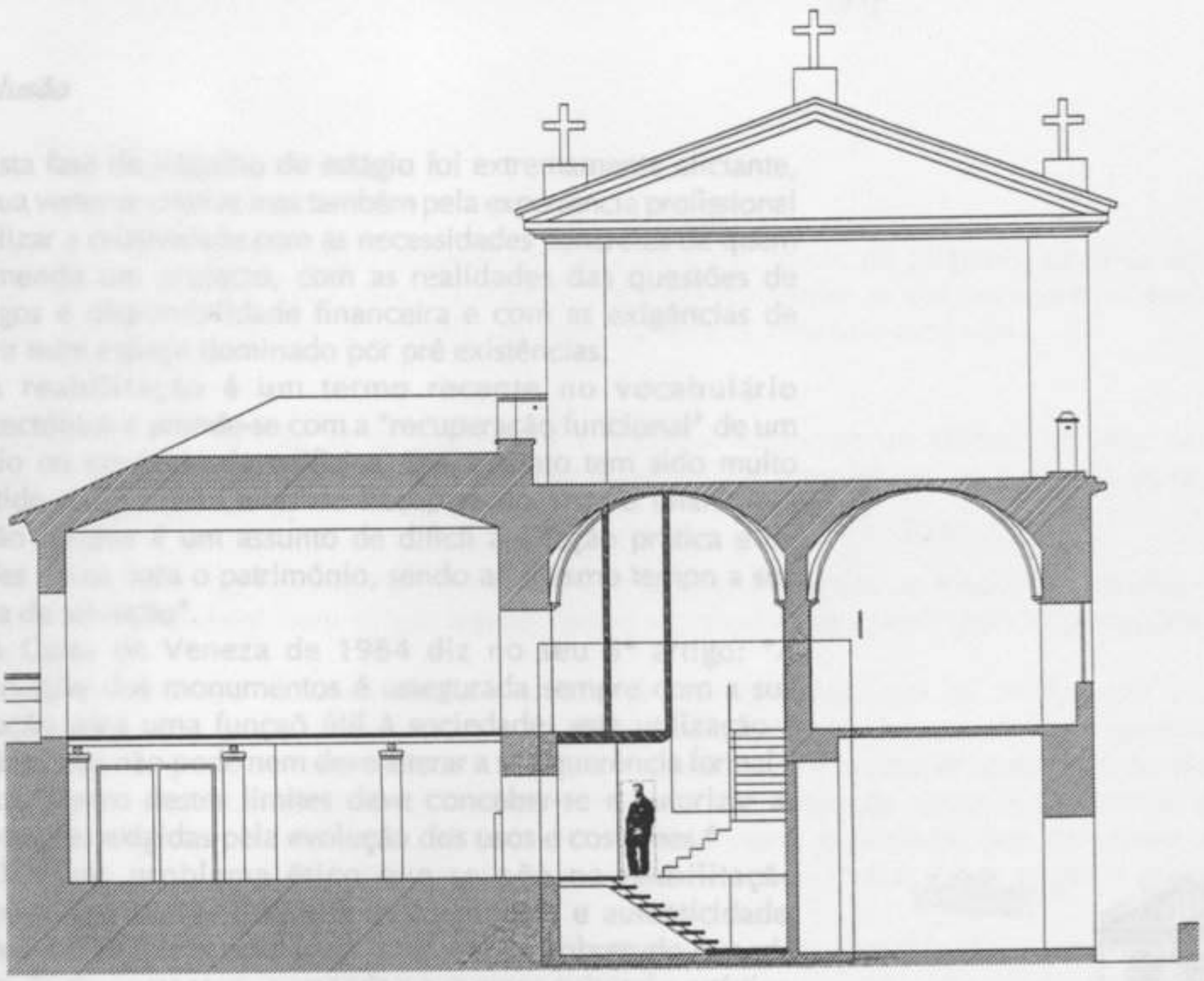


Conclusão

Esta fase de pesquisa de estágio foi extremamente importante, pois sua veterana orientação, mas também pela presença do profissional de balizar e desenvolver com as necessidades da realidade das questões de encargo e da realidade financeira e com as exigências de intervenção em espaços dominado por pré-existências.

A realidade é um termo que no vocabulário arquitetónico se refere-se com a "recuperação funcional" de um edifício ou espaço, sendo um acto muito discutido e opinado. É um assunto de discussões grandes e de uma certa importância, sendo a "tábua de esmeralda".

A Carta de Veneza de 1964 diz no seu artigo 3º: "O objectivo dos monumentos é assegurar a sua utilização para uma função útil à sociedade". A Carta de Veneza de 1964 diz no seu artigo 3º: "O objectivo dos monumentos é assegurar a sua utilização para uma função útil à sociedade".



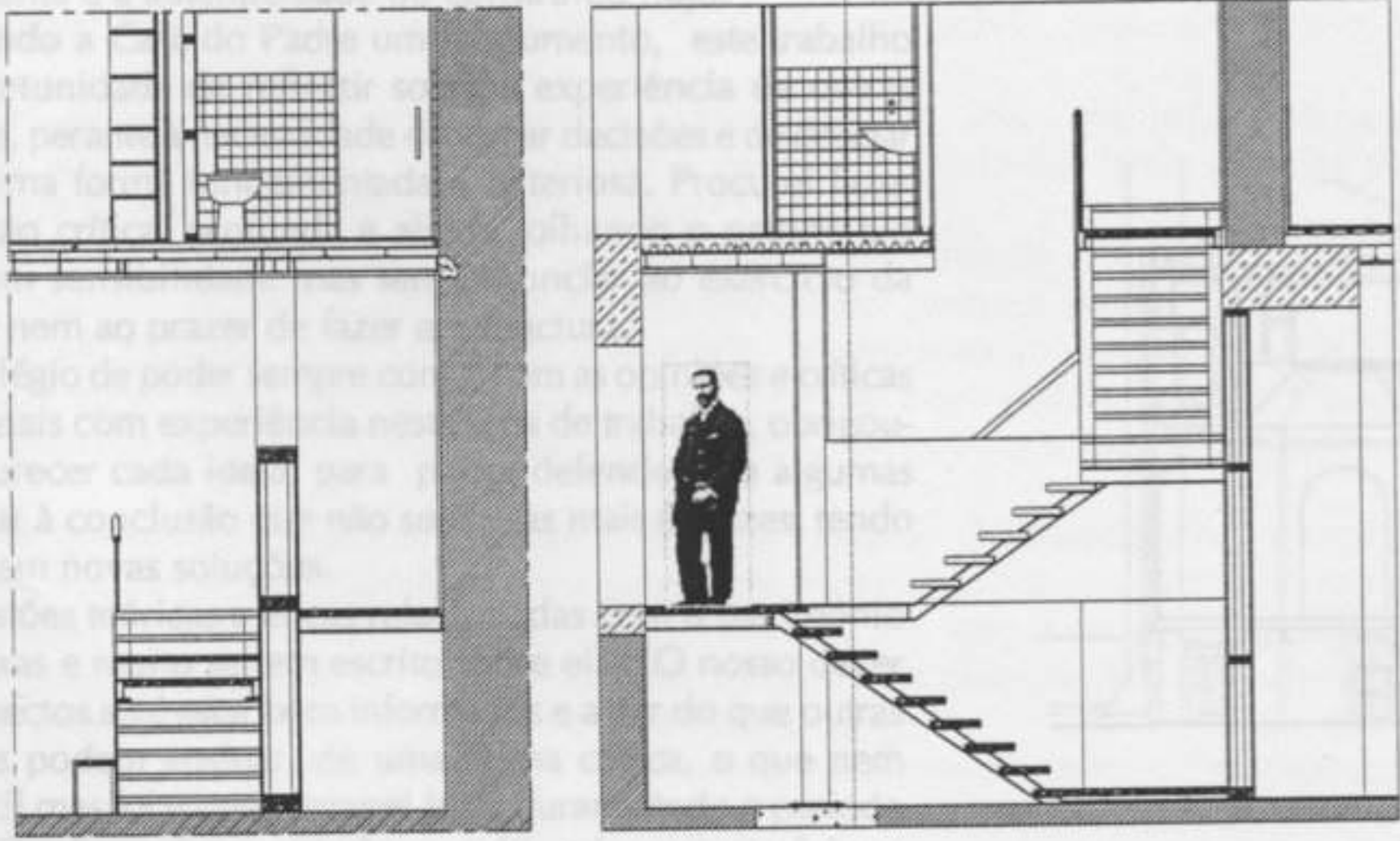
corte H

A degradação da matéria, a remodelação dos usos, a recuperação dos valores arquitectónicos ou a actualização da condição física de um monumento, resultam em intervenções no existente e em ampliações e complementos do edifício que integram e alteram determinados valores e aspectos da construção sendo essencial que o resultado seja a recuperação da identidade do pré-existente e a sustentabilidade do construído hoje.

Não sendo a intervenção um acto neutro, esta realidade deu-me a oportunidade de desenvolver a minha intervenção para além de uma simples execução de uma reforma, sendo uma reflexão sobre a história e a cultura do espaço.

O privilégio de poder sempre contar com a orientação de profissionais com experiência na área de intervenção de restauro e a amizade por cada um dos intervenientes, foram sempre um apoio e uma motivação para a conclusão de cada um dos projectos que penso em novas soluções.

As questões de intervenção em edifícios históricos são complexas e exigem uma abordagem multidisciplinar, como arquitectos, engenheiros, arqueólogos e especialistas em conservação. É sempre necessário um diálogo constante entre todos os intervenientes para garantir um processo ainda mais complexo e exigente.



corte I

pormenor I



Curso de Engenharia de Arquitectura de
DREMN, Representado em escala

Conclusão

Esta fase do trabalho de estágio foi extremamente aliciante, pela sua vertente criativa mas também pela experiência profissional de balizar a criatividade com as necessidades concretas de quem encomenda um projecto, com as realidades das questões de encargos e disponibilidade financeira e com as exigências de intervir num espaço dominado por pré existências.

A reabilitação é um termo recente no vocabulário arquitectónico e prende-se com a "recuperação funcional" de um edifício ou conjunto de edifícios. Este assunto tem sido muito discutido em muitas Cartas de Recuperação, mas é unânime a opinião de que é um assunto de difícil aplicação prática e de grandes riscos para o património, sendo ao mesmo tempo a sua "tábua de salvação".

A Carta de Veneza de 1964 diz no seu 5º artigo: "A conservação dos monumentos é assegurada sempre com a sua utilização para uma função útil à sociedade; esta utilização é desejável mas não pode nem deve alterar a sua querência formal e estética. Dentro destes limites deve conceber-se e autorizar as intervenções exigidas pela evolução dos usos e costumes."

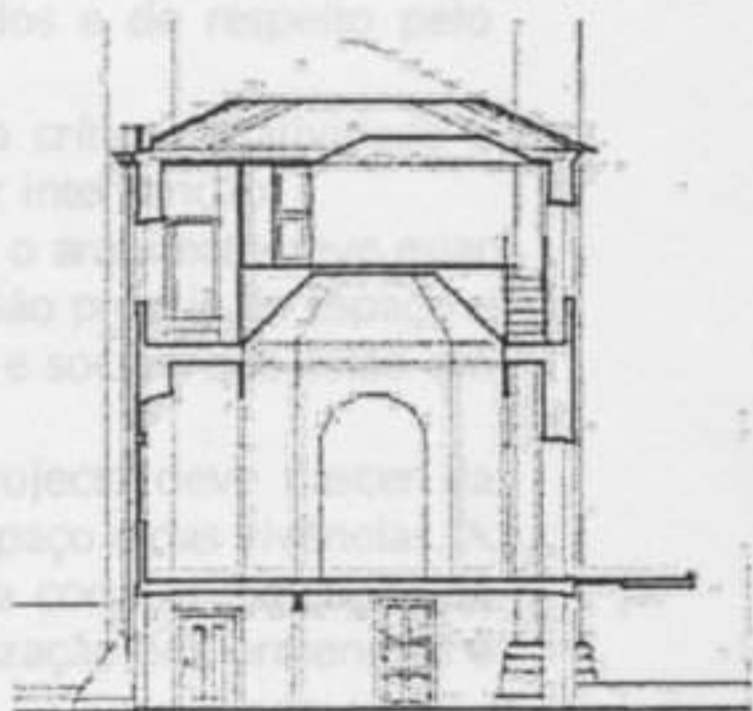
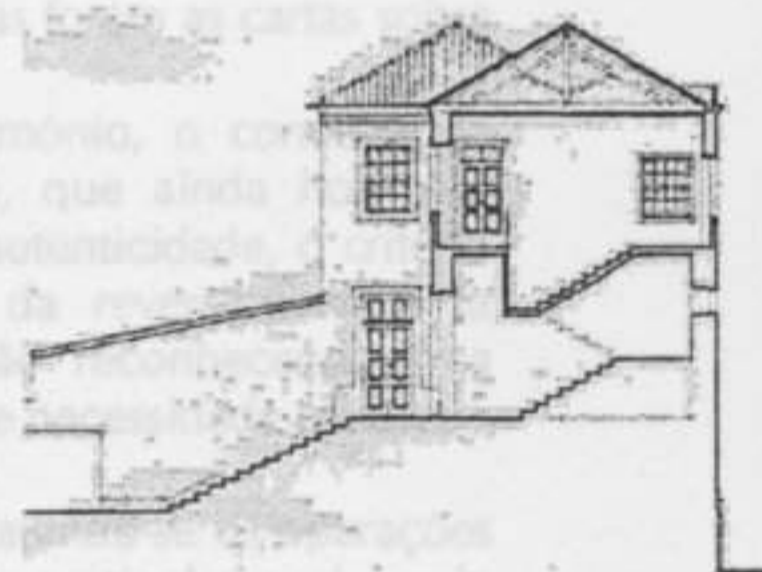
O maior problema ético que se põe na reabilitação arquitectónica são as questões de identidade e autenticidade, chavões das políticas actuais de intervenção, sobretudo quando se trata de monumentos, com toda a sua carga cultural e artística.

A degradação da matéria, a remodelação dos usos, a recuperação dos valores arquitectónicos ou a actualização da condição histórica de um monumento, resultam em intervenções no existente e em ampliações e complementos do edifício que interferem e alteram determinados valores e aspectos da construção sendo essencial que o resultado seja a recuperação da identidade do pré-existente e a autenticidade do construído hoje.

Não sendo a Casa do Padre um monumento, este trabalho deu-me oportunidade de reflectir sobre a experiência de outras intervenções, perante a necessidade de tomar decisões e de desejar fazê-lo de uma forma fundamentada e criteriosa. Procurei fazer uma reflexão crítica, profunda e aberta, olhando o património histórico com sensibilidade mas sem renunciar ao exercício da criatividade nem ao prazer de fazer arquitectura.

O privilégio de poder sempre contar com as opiniões e críticas de profissionais com experiência nesta área de trabalho, obrigou-me a amadurecer cada ideia, para poder defendê-la, e algumas vezes, chegar à conclusão que não seriam as mais eficazes, tendo que pensar em novas soluções.

As questões teóricas e éticas relacionadas com o património são complexas e muito se tem escrito sobre elas. O nosso dever como arquitectos será estar bem informados e a par do que outras experiências podem ensinar, de uma forma crítica, o que nem sempre é fácil mas foi o que procurei fazer durante todo o período de estágio. O reflexo dessa atitude na prática do projecto foi um processo ainda mais complexo mas muito enriquecedor.



"Casa do Padre"

Cortes do existente. Levantamento da DREMN. Representado sem escala



Conclusão

Tendo sido apresentada uma conclusão em cada uma das partes do relatório, relativas aos resultados de cada um dos casos especificamente, resta-me apresentar as elações retiradas desta experiência profissional, no âmbito geral de um percurso de seis meses de evolução.

"Restauration.S.F. Le mot et la chose sont modernes. Restaurer un édifice, ce n'est pas l'entretenir, le réparer ou le refaire, c'est le rétablir dans un état complet qui peut n'avoir jamais existé à un moment donné."⁽¹⁾

O relacionamento do homem com a história tem sofrido alterações ao longo dos séculos e consequentemente também com o seu legado, como no caso muito particular do património arquitectónico.

Desde o fim do séc. passado várias têm sido as teorias condutoras da intervenção em monumentos, desde a visão modernista de total incompatibilidade da cidade nova com o património existente a que reservavam o papel de símbolo sem qualquer possibilidade de contextualização, passando pelos conceitos de consenso e conciliação entre o passado e o presente, que surgiram nos anos 60, até às políticas actualmente defendidas que conciliam o respeito pelo edifício com a sua presença e função no mundo actual, muitas foram as cartas sobre património que se escreveram.

Quando em 1985 se estabeleceu, com a Carta Europeia de Património, o conceito de conservação integrada, são definidos três pontos base de intervenção, que ainda hoje são defendidos: o critério de intervenção mínima, o critério de respeito pela autenticidade, o critério da clara diferenciação entre o existente e o restaurado, o critério da reversibilidade da intervenção, a defesa da não generalização das regras de intervenção reconhecendo-se a individualidade de cada edifício e a limitação das intervenções aos casos de necessidade efectiva.

Hoje defende-se uma prática que relaciona todos estes conceitos, encarando-se as operações relacionadas com o conceito amplo de preservação como interpretações particulares, de cada caso de intervenção, desde que se fundamentam no conhecimento prévio, profundo e crítico do monumento.

No entanto hoje assistimos aos antípodas deste problema. Por um lado uma certa subestimação do acto de recuperar, por outro lado o excesso de cuidados e de respeito pelo existente, sem que se pense em respeitar a linguagem de hoje.

Ao arquitecto é necessária uma grande dose de bom senso, sentido crítico, criatividade e conhecimento profundo da matéria a trabalhar, que fundamentem qualquer intervenção.

Mais do que em qualquer outro campo de intervenção arquitectónica, o arquitecto deve estar atento à realidade do objecto e de toda a sua conjectura, devendo a sua visão própria do espaço e da matéria ser balizada pela consciência dos valores culturais, simbólicos e sociais que estão em causa.

Esta área de trabalho é de grande exigência técnica, criativa. O projecto deve nascer da permanente tentativa de compreensão e aprofundamento da matéria, do espaço e das vivências. A obra exige um acompanhamento permanente, que permita por um lado a correcta execução da ideia, evitando danos que poderão ser irreversíveis, por outro, a total valorização de pormenores e informação que estão contidos num edifício com uma história longa.

O projecto de preservação deve ter como fim último a passagem de testemunho a gerações seguintes do que nos foi legado, dada a extrema importância da arquitectura para o conhecimento das sociedades, através da sua valorização como espaço vivido e como matéria íntegra. Não deve ser esquecido que o nosso tempo também faz parte da história de qualquer edifício, pelo que o deve marcar, sem apagar marcas de outros tempos.

(1) *Dictionnaire Raisonné de L'Architecture Française, Paris V.A. Morel Cie Éditeurs. (1854-1868). t. VIII. PP. 14-34.*

Arquitetura e Restauro
Arquitetura e Restauro

Bibliografia

Actas do III Colóquio Luso-Brasileiro de História de Arte; Jaime, Natália Joaquim; Universidade de Évora, Évora; 21 a 23 de Fevereiro de 1995.

Alguns Retábulos e Paineis de Capelas e Igrejas do Porto; Publicações da Câmara Municipal do Porto- Gabinete de História da Cidade, s/d.

Arte Portuguesa; Passos, Carlos, Ed. Marques Abreu, vol.I, Porto, 1926.

As Mais Belas Igrejas de Portugal; Gil, Júlio; Ed. Verbo; vol I; Lisboa, 1988.

Building Construction Illustrated; Ching, Francis D. K. ; Adams, Cassandra; Van Nostrand Reinhold, New York; 1991.

Dicionário da História da Igreja em Portugal; Andrade, António Banha; Civilização Ed.; vol. II; Porto-Lisboa; 1971.

Documentos e Memórias para a História do Porto, Plantas Antigas da Cidade; Andrade, Monteiro de; Publicações da Câmara Municipal do Porto; s/d.

Guia de Portugal; F. Calouste Gulbenkian.

História da Igreja em Portugal; Almeida, Fortunato de; Academia das Ciências de Lisboa, Ed. Portucalense; vol. I; Porto; 1967.

Inventário Artístico de Portugal - Cidade do Porto; Academia Nacional de Belas Artes; Lisboa; 1995

Livro de Casas; Arquivo Histórico Municipal do Porto; nº XLVIII; nº CXIV; nº CXXIX.

Materiais de Construção; Piedade, António C. Canha; Silva, Joaquim A. Gomes; Instituto Superior de Engenharia; vol.I e vol.II; Lisboa; 1986.

Porto a Património Mundial- Processo de Candidatura da Cidade do Porto à Classificação da UNESCO como Património Cultural da Humanidade; Câmara Municipal do Porto; Porto; 1993.

Proposta de Preservação: Conservação, Restauro e Manutenção, da Sé Catedral de Santa Maria de Viseu; Figueirinhas, Laura E. Eschback, DGEMN, 1996.

Tabelas Técnicas; Reis, Farinha, J.S.Brazão; Reis, A.Correia dos, 1992.

Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura; Rodrigues, Maria José Madeira; Sousa, Pedro Fialho de; Bonifácio, Horácio Manuel Pereira; Ed. Quimera; Coimbra; 1990.

Revista DETAIL, nº 1,2,4,6,7,1997; nº 1,2,4,1998; Institut Für Internationale Architektur Dokumentation; GMBH; München.

Revista MONUMENTOS; nº 1 a 8, Direcção Geral Edifícios e Monumentos Nacionais, Lisboa, 1995-1998.

Revista LOGGIA, Arquitectura e Restauracion; Universidad Politecnica de Valencia; nº 1,2,3,4; Valencia; 1997-1998.



o g. admin/municipal
Arq. Flávia Teixeira

DECLARAÇÃO

Augusto José Marques da Costa, Arquitecto, Director Regional de Edifícios e Monumentos do Norte, Unidade Orgânica da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, declaro que ANA MARTA MORGADO CLEMENTE, portadora do Bilhete de Identidade n.º 10029148, emitido pelo Arquivo de Identificação de Lisboa, realizou o estágio académico na Direcção Regional de Edifícios e Monumentos do Norte, sob minha orientação.

O estágio teve como enquadramento o Plano de Actividades da Direcção Regional nas áreas de conservação e salvaguarda do "Património Construído", nomeadamente:

1. Enquadramento

- 1.1 Atribuições e competências da DGEMN
- 1.2 - Atribuições e competências da DREMN
- 1.3 - Inventário, arquivo e divulgação.

2. Visitas a obras em curso

- 2.1 - O arquitecto, o projecto e a obra
- 2.2 - Métodos, princípios, tecnologias e mão de obra
- 2.3 - A diversidade e particularidade das intervenções no Património Construído.

3. Igreja de São João Novo, Porto

- 3.1 - Análise do estado de conservação
- 3.2 - Proposta metodológica para a conservação e restauro do Imóvel.

4. Casa Paroquial e anexos da Igreja de São João Novo, Porto

- 4.1 Proposta de reabilitação.

No decurso do período do estágio foi notório e de grande relevância o interesse e dedicação demonstrado pela Estagiária, perante as questões levantadas ao Arquitecto na sua actividade profissional, bem como no seu posicionamento e forma de intervir para a salvaguarda das Memórias do Património.

Porto, 17 de Agosto de 1998.

O DIRECTOR REGIONAL,

Augusto José Marques da Costa, Arqt.º



